

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO

DISSERTAÇÃO DE MESTRADO

ANSIEDADE E AGRESSIVIDADE INFANTIL SOB O ENFOQUE
DA PSICOLOGIA TRANSPESSOAL: UMA INTERPRETAÇÃO
KIRLIANGRÁFICA

AUTORA: VIVIANE FRANÇA DIAS

ORIENTADOR: CARLOS ALBERTO VIDAL FRANÇA

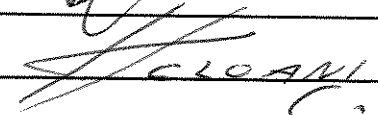
Este exemplar corresponde à redação
final da Dissertação defendida por
Viviane França Dias e aprovada pela
Comissão Julgadora em 28/6/99

Assinatura



COMISSÃO JULGADORA:





1999

UNIDADE BC
 N.º CHAMADA: 1301
 V. 1301 Ex. 1
 TOMBO BC/ 38801
 PROC. 229/99
 C ☐ D ☒
 PREÇO R\$ 11,00
 DATA 30/09/99
 Nº CPD 1

CM-00126203-1

**CATALOGAÇÃO NA FONTE ELABORADA PELA BIBLIOTECA
 DA FACULDADE DE EDUCAÇÃO/UNICAMP**

D543a Dias, Viviane França.
 Ansiedade e agressividade infantil sob o enfoque da psicologia transpessoal : uma interpretação kirliangráfica. -- Campinas, SP : [s.n.], 1999.

Orientador : Carlos Alberto Vidal França.
 Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação.

1. Ansiedade nas crianças. 2. Agressividade. 3. Aura. 4. Fotografia kirliana. I. França, Carlos Alberto Vidal. II. Universidade Estadual de Campinas. Faculdade de Educação. III. Título.

*Para o professor Carlos França,
com muito carinho,
pelo apoio e pelo voto de confiança.*

*Para minha mãe, Ana França Suzuki,
que entre mil coisas me ensinou este poema
do escritor lituano E. Miezelaitis:*

*'Minhas mãos – delas eu preciso
para regar a planta,
para libertar o pássaro,
e para te levantar bem alto, ó criança!'*

RESUMO

A ansiedade e a agressividade infantil tem sido objeto de muitos estudos, uma vez que tanto pais como educadores vêem-se muitas vezes envolvidos com tais problemas e verificam sua impotência na resolução dos mesmos. Ansiedade e agressividade parecem fazer parte do cotidiano das crianças, em maior ou menor grau.

Neste trabalho, procurou-se determinar o papel da escola na minimização do problema, através de contribuições da Psicologia Transpessoal.

Como a Psicologia Transpessoal busca uma compreensão mais holística do psiquismo humano e uma aproximação entre o saber ocidental e o oriental, acreditamos que ela, por ser mais abrangente, seja capaz de oferecer valiosos subsídios para que se possa trabalhar com proposições holísticas em educação, utilizando-se técnicas de interiorização, concentração, relaxamento, etc., com o propósito de atenuar o problema, que se faz mais presente na população de baixa renda, pelo contexto em que ela vive, ou sobrevive.

No trabalho de campo, para coleta de dados, a observação da criança nas situações propostas será o instrumento utilizado. Uma máquina de Kirlian fotografará a aura dessas crianças antes e depois da aplicação das técnicas. Questionários serão distribuídos a professores, monitores, à direção e aos pais, visando à corroboração de todos no processo.

Este trabalho, que tem sua fundamentação teórica na Psicologia Transpessoal, utilizará técnicas de yoga, aplicando técnicas respiratórias, de relaxamento, visualização criativa, ressaltando as virtudes da criança a fim de buscar uma integração entre mente, corpo e cosmos.

Concluiremos esta pesquisa com a apresentação dos resultados obtidos e as inferências pedagógicas que surgirão no decorrer do processo. Os dados demonstrarão a eficácia, ou não, da abordagem transpessoal na tentativa de mudança de comportamento das crianças em questão.

SUMÁRIO

Introdução.....	1
Capítulo 1- Fundamentação Teórica.....	5
1- Abrindo as Portas da Psicologia Transpessoal.....	5
1.1- Breve Histórico.....	5
1.2- Surgimento da Psicologia Transpessoal.....	14
1.3- A Psicologia Transpessoal e a Educação.....	18
1.4- Elementos Facilitadores da Transcendência.....	21
Capítulo 2- Ansiedade e Agressividade na Infância.....	23
1- Ansiedade.....	23
2- Agressividade.....	27
Capítulo 3- Estudo do Campo Energético dos Seres Humanos.....	30
1- Enfoque Holístico do Homem.....	30
2- O Campo Energético do Homem ou Aura Humana.....	30
2.1- Fotografias da Aura Humana.....	32
2.1.1- Interpretação da Foto Kirlian.....	34
Capítulo 4- Delineamento da Pesquisa.....	38
1- Caracterização da Escola e da Clientela.....	38
2- Procedimentos Metodológicos.....	38
3- Experiência Piloto.....	39
4- Sujeitos da Pesquisa.....	40
4.1- Escolha do Grupo.....	40
4.2- Participação dos Envolvidos.....	40
5- Coleta de Dados e Técnicas de Intervenção.....	40
5.1- Questionários.....	40
5.2- Técnicas Aplicadas.....	41
5.2.1- Relaxamento.....	41
5.2.2. Jogos.....	43

5.2.2.2-Jogos Socializantes.....	45
5.2.2.3- Jogos Afetivos.....	46
5.2.2.4- Jogo Cognitivo.....	46
5.2.3- Técnicas de Concentração.....	46
5.2.3.1-Visualização.....	46
5.2.4- Exercícios Respiratórios.....	47
5.2.5. Trabalhando com as Virtudes das Crianças.....	48
5.2.5.1- Primeira Parte- Coragem/ Perseverança.....	48
5.2.5.2- Segunda Parte- Responsa- bilidade / Trabalho / Disci- plina.....	50
5.2.5.3- Terceira Parte- Compaixão e Fé.....	51
5.2.5.4- Quarta Parte- Honestidade e Lealdade.....	52
Capítulo 5- Análise dos Resultados.....	54
1- Quanto às Atividades Trabalhadas com as Crianças.....	54
2- Quanto a Participação dos Colaboradores.....	57
2.1- Questionários Iniciais.....	57
2.2- Questionários Finais.....	58
2.3- Questionários Respondido pelos Pais.....	58
3- Quanto a Kirliangrafia.....	61
Capítulo 6- Considerações Finais.....	80
Bibliografia.....	82
Anexo 1 - Relatório das Sessões de Atividades Trabalhadas.....	84
Anexo 2- Questionários.....	115
1- Questionários Aplicados aos Colaboradores da Unidade.....	115

2- Questionário - Pais.....	119
3- Conceitos Atribuídos no Início e Final da Pesquisa.....	120

INTRODUÇÃO

Nossa cultura tem robotizado as pessoas e as tem rotulado pelo que possuem, gerando assim uma danosa superficialidade do ser. Os valores morais e espirituais estão esquecidos em algum lugar do passado ou então emergem numa determinada linha de pensamento religioso, onde o fanatismo aliena as pessoas.

Essa ausência de equilíbrio desencadeia inúmeros problemas de ordem emocional não só nos adultos como também nas crianças, que são fruto desse relacionamento neurótico com o mundo.

Na busca de uma solução que possa amenizar este momento caótico, muitos têm estudado o pensamento oriental, que valoriza o auto-conhecimento, o desenvolvimento da concentração, a transformação emocional, o refinamento da atenção e estabelece uma comunhão com a natureza, propiciando assim maior equilíbrio e harmonia.

Acreditamos que, se tais princípios forem incutidos desde a infância, futuramente teremos indivíduos mais equilibrados, menos ansiosos, menos agressivos e mais voltados para o seu desenvolvimento interior.

Walsh Roger e Frances Vaughan (1991), em uma de suas obras, intitulada "Caminhos do Ego", nos mostram que:

a questão mais importante de nossa era consiste em saber como fazer da educação um recurso cultural mundialmente disponível, para promover o amadurecimento ao longo de toda a vida do indivíduo, desde o enriquecimento na infância até o desenvolvimento transpessoal. (p.115)

Trabalhando com crianças carentes, tal necessidade se intensifica e se evidencia por virem elas de famílias desestruturadas tanto do ponto de vista econômico, quanto do psicológico e cultural.

Os pais, que já não tiveram uma educação adequada, não possuem referenciais, modelos que possam transmitir a seus filhos.

Essas crianças, as quais são objeto deste estudo, chegam muitas vezes com sono na escola, pois não conseguem dormir com as brigas dos pais, normalmente ligadas à traição, adultério, e que rolam pela noite adentro.

Participam das relações amorosas dos pais como se fossem alunos ouvintes, o que não parece causar o menor constrangimento aos pais.

Não têm afeto, buscando nas pessoas da escola um abraço morno, um afago em seus cabelos, um bem que percebem existir, mas que não podem possuir.

O momento sócio-político e cultural que estamos vivendo, envolvendo não só os menos favorecidos como também a classe média, com o alto índice de desemprego, separações conjugais, com o uso indiscriminado da televisão, que traz a violência virtual para dentro de casa, tudo isso faz das crianças de hoje seres com deficiência de valores próprios e de uma qualidade de vida melhor.

Os pais, por sua vez, acreditam que a escola possa reverter os problemas que enfrentam com seus filhos, delegando a ela esta responsabilidade, sem mesmo perceber que eles são o ponto de partida dos problemas de seus filhos.

A situação educacional parece estar à beira de um colapso. Monitores e professores sem preparação, sem material didático, com baixos salários, sem espaço físico adequado para desempenharem seu trabalho, pouco percebem da enorme responsabilidade que lhes estão imputando. Mesmo porque alguns monitores vivem no bairro, fazem parte desse tipo de vida, achando tudo normal e atribuindo a essas crianças uma ruindade natural, dizendo até que elas “têm parte com o capeta”.

A maioria das casas são de alvenaria, mas na maioria das vezes constam apenas de um quarto, onde dormem pais, filhos, avós e até cachorros, sempre que estes animais não fiquem na cozinha, ou do lado de fora, guardando os escassos bens da família.

Para estranhos, tanta miséria pode parecer ficção, mas lá está ela, real, sendo vivida nua e cruamente, sem os retoques da arte. Mesmo assim, a

despeito de toda a infeliz realidade que envolve nosso sistema educacional, tais como cursos vagos, falta de comprometimento, etc., ainda existem indivíduos idealistas que acreditam e têm esperanças, e que por isto ainda conseguem levar adiante nosso desestruturado sistema de ensino.

Com a preocupação de preencher algumas lacunas deixadas por nosso sistema educacional e cultural, a abordagem transpessoal combina as várias tendências do pensamento psicológico ocidental com as metodologias desenvolvidas no oriente (técnicas de respiração, relaxamento, interiorização, etc.), na tentativa de sensibilizar o indivíduo, despertar emoções adormecidas, criando um elo entre homem, natureza e cosmos.

É necessário que educadores não percam a busca de uma visão holística, que haja essa integração entre corpo, mente e espírito durante a aprendizagem e no desenvolvimento natural das crianças. É preciso um olhar interessado para detectar os problemas do mundo afetivo, familiar, no qual se dá a formação dessas crianças.

Dênis Brandão e Roberto Crema, autores do livro "Visão Holística da Educação", exprimem a esperança de que talvez tenham encontrado a síntese do significado da educação: "É uma mistura de aumentar-se, é uma mistura de criar-se, é uma mistura de instruir-se, de ensinar-se, de gerar-se". (1991, p. 136)

Um educador que se disponha a enxergar com um olhar transpessoal, estará apto a interferir na ansiedade e agressividade infantil, a fim de atenuar o problema, ao mesmo tempo em que propicia ótimos recursos para participar do desenvolvimento global da criança.

Por detrás do comportamento indesejável de uma criança, em geral há uma história de fracassos incompreendidos, de baixa auto-estima, de carências mal atendidas.

Crianças têm virtudes que às vezes ignoram possuir. Um trabalho de relaxamento, de respiração, acompanhado da valorização dessas virtudes, pode promover a sua sensibilização para os aspectos mais nobres da existên-

cia, o que provavelmente favorecerá os aspectos emocionais que facilitam a aprendizagem e beneficiam as relações interpessoais.

Sabemos que, para que as tendências de cada indivíduo se manifestem e amadureçam, o estímulo é indispensável. Para fomentar o desenvolvimento global da criança é preciso despertar suas potencialidades. Portanto, reconhecer algo além dos limites de sua realidade cotidiana, favorecerá o seu pleno desenvolvimento físico e mental.

O professor, para lidar com o psiquismo da criança, precisa buscar o conhecimento do meio em que vive essa criança, uma noção competente de sua realidade. Precisa respeitar as diferenças individuais, para não gerar sentimentos discriminatórios. Enfim, precisa envolver-se profissional e emocionalmente com o seu trabalho, utilizando todos os meios ao seu alcance com a intenção de chegar a uma compreensão melhor de sua participação no desenvolvimento da personalidade infantil.

Repetindo Walsh Roger e Frances Vaughan, na obra anteriormente citada, "a questão mais importante de nossa era consiste em saber como fazer da educação um recurso cultural mundialmente disponível". Nos aspectos que interessam ao presente trabalho, cremos que a resposta esteja, em parte, na Psicologia Transpessoal, que agrega o saber do oriente ao do ocidente, recorrendo portanto ao acervo planetário do saber, aos acertos acumulados por povos e nações durante os milênios de seu desenvolvimento.

Com este trabalho, tentamos buscar para os educadores uma direção prática, que não fique apenas no verbal, mas que possa ser aplicada em situações reais.

As técnicas utilizadas na Psicologia Transpessoal têm por objetivo despertar as forças positivas inerentes ao psiquismo humano, de tal modo que elas sigam suas tendências para alcançar estados psicológicos equilibrados e harmônicos, expulsando com naturalidade os sentimentos de ansiedade e agressividade que comprometem a eficiência do trabalho educacional.

CAPÍTULO 1

FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

1. ABRINDO AS PORTAS DA PSICOLOGIA TRANSPESSOAL

1.1 Breve Histórico

Desde os primórdios da psicanálise, vários conceitos, considerados como novos, já haviam sido discutidos. Para compreender o propósito holístico da Psicologia Transpessoal, é necessário lançar um olhar desde aqueles conceitos até a psicologia atual.

O psicólogo austríaco Sigmund Freud (1913), explorando a mente humana, revelou a existência de uma parte inconsciente, descobriu a sexualidade infantil, estabeleceu técnicas de interpretação dos sonhos, formulou a origem das psiconeuroses e outras desordens emocionais, dentro de uma abordagem que não afastasse a psicologia de sua cientificidade.

Seguiu o determinismo newtoniano de causa e efeito em sua análise psicológica, afirmando que comportamentos manifestos do presente devem ser investigados em comportamentos anteriores; salientando a psicosexualidade na primeira infância, onde os conflitos da libido serão refletidos em toda a vida posterior do indivíduo.

Stanislav Grof (1994), em sua obra "Além do Cérebro", num estudo sobre Freud, nos remete a essa teoria quando esclarece que:

Uma compreensão total do comportamento presente requer sondagem de comportamentos anteriores, especialmente a história psicosexual da primeira infância. Assim, as experiências do indivíduo em estágios sucessivos do desenvolvimento libidinal, a solução da neurose infantil e os conflitos da sexualidade na infância determinam toda a sua vida subsequente. (p. 111)

Para Freud, em sua obra "Inibição, Sintoma e Ansiedade", 1976, as atividades psicosssexuais iniciavam-se na fase da amamentação, quando a boca da criança é a principal fonte de prazer (fase oral) porque está associada à alimentação.

Quando a criança começava a abandonar a fralda, as sensações estavam associadas à defecação (fase anal). A expulsão das fezes acaba com o desconforto e produz uma sensação de alívio e prazer.

Entre 4 e 5 anos a criança volta-se ao interesse em seus órgãos genitais (fase fálica), sendo o momento em que os meninos se apegarão à mãe e as meninas ao pai, estágio do surgimento do complexo de Édipo ou Electra.

Embora tenha postulado um dualismo envolvendo o impulso sexual e os instintos não sexuais do ego com a autopreservação, o que era mais relevante para ele era a libido. Acreditava que os dois instintos geravam conflitos e os responsabilizava pelos vários fenômenos psicológicos.

Nos seus últimos anos de vida, outros trabalhos demonstraram sua crença na existência dessas duas forças: o instinto de amor , ao qual deu o nome de "eros" e o instinto de morte – "tanatos".

Alguns autores associam essa preocupação com a morte à sua doença (câncer) e ao fato de haver perdido pessoas íntimas da família.

Usou três representantes da psique para melhor explicitar o consciente e o inconsciente: id, ego e superego. O id representava os impulsos e era governado por processos primários. O ego serve de intercâmbio entre a realidade e inconsciente, administrando esta relação de acordo com a personalidade do indivíduo. O superego funciona quase que praticamente a nível de inconsciente. Um de seus aspectos representa o ego ideal, tentando recobrar o estado de perfeição narcisista da primeira infância e a parte positiva de identificação com os genitores.

Freud várias vezes aproximou-se bastante do reconhecimento do nível perinatal do inconsciente. Esboçou problemas relacionados com o processo de morte-nascimento, embora sua etiologia e dinâmica de desordens emocionais fossem explicados pelos eventos pós-natais.

Portanto, de um ponto de vista mais abrangente, sua limitação consistiu em não ter dado importância aos níveis perinatais e transpessoais do inconsciente, em detrimento do inconsciente individual e dos eventos biográficos.

A psicanálise de Freud sofreu várias controvérsias, levando alguns de seus seguidores a abandonar o movimento freudiano e a lutar por suas próprias idéias.

Entre esses dissidentes, Alfred Adler (1931), em sua psicologia individual, defendeu que o ser humano procura auto-realização e sobrevivência social, buscando o seu “todo”, ao contrário de Freud, que tinha uma imagem do ser fragmentada, voltada para o passado .

Para ele, a causa das neuroses advinha de uma meta imaginária do homem em ser um “homem completo”. Consequentemente, por não atingir esse ideal, surgem as neuroses.

O homem luta pelo sucesso, poder, superioridade e quando não o alcança vê emergir um enorme sentimento de inferioridade, cai sua auto-estima, gerando insegurança e ansiedade, o que culminará nas neuroses. Por outro lado, ele acredita que exista um mecanismo de super compensação, onde esse sentimento de inferioridade pode fazer aflorar um desempenho superior e criar um gênio. Cita como exemplo Demóstenes, que tornou-se um célebre orador e todavia, quando criança, foi gago e possuía cacoetes. Portanto, Adler afirma que o homem busca auto-realização e sobrevivência social.

Embora tenha permanecido num nível biográfico, isto é, num nível também restrito de história de vida, Adler tinha um enfoque diferente, mais teleológico e finalista, desprezando o determinismo de Freud. Ele via o impulso sexual como secundário e não como a causa de tantas neuroses. Em sua visão, os sentimentos sociais eram fundamentais para uma boa saúde mental. Sendo assim, orientava seus pacientes para um estilo de vida mais saudável, criativo, autoconsciente .

As neuroses, segundo Adler, eram frutos de uma infância superprotegida ou, ao contrário, desprotegida. Alegava que os sentimentos gerados por tais situações extremas levavam o indivíduo a

um conceito negativo, de desamparo, em que o ambiente social passava a ser visto como um inimigo.

Stanislav, na mesma obra citada anteriormente, confirma:

Uma disposição neurótica é criada por infância superprotegida ou negligenciada, ou por ambas as coisas: Isso conduz a um autoconceito negativo, uma sensação de desamparo e uma imagem de um ambiente social basicamente inamistoso, hostil, punitivo, privador, exigente e frustrante."(122)

Segundo Boadella, 1985, ao publicar "Nos Caminhos de Reich", Wilhelm Reich, psiquiatra austríaco, também se opôs às idéias de Freud, embora tenha conservado a importância dos fatores sexuais freudianos como origem das neuroses. Porém, acreditava que deveria haver um equilíbrio das energias sexuais, afirmando que a tentativa de se eliminar as sensações sexuais é que levaria à verdadeira neurose. A interferência da sociedade, mostrando o sexo como pecado, favorece o orgasmo incompleto, bloqueia as energias, tornando o indivíduo neurótico.

Essa idéia também, já havia sido proposta por Freud, onde dizia que a energia sexual não descarregada podia ser fonte de certas formas de neuroses.

Reich, em 1895, completou essa teoria de Freud, que só havia encontrado respostas por meios especulativos.

David Boadella, quando escreveu "Nos Caminhos de Reich", expõe o pensamento de Reich:

...,o prazer da tensão sexual reside na resolução da expectativa da relaxação da tensão após o orgasmo. A excitação provém de zonas erógenas do corpo inteiro, atinge seu ponto máximo de concentração nos genitais e diminui de novo pouco a pouco ao seu ponto inicial...E' compreensível que no *coitus interruptus* o impedimento da diminuição da exci-

tação das zonas erógenas deva produzir tensões desagradáveis, que conduzem finalmente aos sintomas neurastênicos e aos da neurose de angústia". (1985 p. 20)

Com o passar do tempo, enfatizou a existência de uma energia cósmica primordial, para a qual deu o nome de "orgone". Sua consciência do cosmos beirou a compreensão transpessoal. Porém, seu orgone possuía características físicas e específicas, além de ser mensurável.

Na mesma obra de Boadella: "esta energia cósmica, percebida fora do organismo, era idêntica à energia biológica, "vital", percebida dentro de nosso próprio organismo. A sensação de unidade entre homem e natureza..."(p. 252)

As críticas referentes aos seus trabalhos prendem-se ao fato de ele nunca haver chegado a uma compreensão verdadeira das filosofias espirituais, confundindo misticismo com doutrinas religiosas.

Otto Rank (1961), por sua vez, desenvolveu um conceito humanístico e voluntarístico, afastando-se também de Freud, cujo conceito era reducionista, determinista e mecanicista. Via o nascimento como um momento traumático, por constituir uma separação assustadora para o ser humano, e esse trauma seria a causa das frustrações posteriores. A infância, para ele, era o período em que a criança tenta superar esse trauma.

Em sua obra "Além do Cérebro", Grof (1994) nos remete a tal teoria, expondo o seguinte:

"Rank relacionava a ansiedade com a separação do útero materno como se fosse a separação de uma situação paradisíaca, de gratificação incondicional e livre de esforços. Rank via no trauma do nascimento a causa básica, responsável, pelo fato de ser a separação a mais penosa e assustadora das experiências humanas. Em sua opinião, todas

as frustrações posteriores de impulsos parciais podem ser encaradas como derivadas desse trauma primordial.
(p. 127)

Em seu entendimento, a sexualidade infantil advinha do desejo inconsciente de voltar ao útero materno . Acreditava que todo conflito do homem estava centrado nesse desejo, o que acabava por gerar uma situação conflitante pelo próprio medo desse desejo.

Um dos favoritos discípulos de Freud foi Carl Gustav Jung, mas que também o abandonou para defender sua própria teoria.

Jung foi chamado de príncipe da psicanálise . Suas idéias foram realmente revolucionárias para a época. Revelou grande respeito pelas dimensões espirituais da psique e da existência humana, além de grande conhecimento na área do misticismo.

Jung salientou aspectos não racionais e não lineares da psique, apresentando o misterioso, o criativo e o espiritual como formas holísticas intuitivas de conhecimento.

Via a psique como uma interação complementar entre elementos conscientes e inconscientes, havendo uma constante troca de informações entre os mesmos. Para ele, o inconsciente era visto como um princípio ativo inteligente, que, em seu estado mais profundo, liga as pessoas a toda a humanidade, à natureza e ao cosmos. Acreditava num inconsciente individual, mas também num inconsciente coletivo ou racial, comum a toda humanidade, no qual se manifesta a criatividade universal: "Na medida em que o homem é um pedaço do mundo, ele traz o mundo, isto é algo de suprapessoal ou de impessoal dentro de si". (1981: p. 91)

Na verdade foi considerado o pioneiro da Psicologia Transpessoal pelos postulantes deste movimento psicológico.

Em meados do séc. XX, surgiu uma certa insatisfação entre inúmeros pesquisadores, psicólogos e pensadores, contra as teorias da época, que estavam dominadas pela psicanálise e pelo behaviorismo.

Rollo May, em 1958, desenvolveu a psicoterapia existencial, que se mostrava inversa à orientação mecanicista da época. Encontrou suas raízes históricas na filosofia de Soren Kierkegaard e na fenomenologia de Husserl. Nessa abordagem, o indivíduo tem liberdade de escolha, o que gera uma fonte insondável de ansiedade, porém ele deve saber ser o sujeito ativo do que está acontecendo.

O foco principal da filosofia existencialista é a morte. Afirma que ter consciência da própria morte e lembrar-se sempre desse fato, torna a pessoa autêntica consigo mesma.

Rollo May, em "O Homem a Procura de Si Mesmo" diz que : "A coisa mais necessária a um relacionamento construtivo com o tempo é aprender a viver a realidade do momento presente. Pois, falando do ponto de vista psicológico, o presente é a única coisa de que dispomos". (p. 220)

A falha que se aponta no enfoque existencialista é sua limitação ao nível perinatal da consciência, omitindo dessa forma a importância da transcendência.

Surge, então, uma outra linha que também enfatiza a liberdade e a importância do ser como indivíduo – a psicologia humanista – sendo Abraham Maslow o representante dessa posição que foi chamada de "Terceira Força".

Maslow também discordava de Freud, dizendo que este via o lado negativo da natureza humana, dominado por instintos básicos, desprezando as aspirações do homem e seu lado divino. Stanislav Grof, em sua já citada obra "Além do Cérebro", define muito bem as diferenças existentes entre Freud e Maslow, ao analisar os pensamentos do primeiro:

Para Freud, fenômenos como o amor, a apreciação da beleza ou o senso de justiça eram interpretados como sublimação de instintos baixos ou como formação reativa contra os mesmos. Todas as formas superiores de comportamento seriam adquiridas ou impostas ao

indivíduo, e não elementos naturais à condição humana. Maslow discordava da exclusiva concentração de Freud no estudo de população neurótica e psicótica. Dizia que focalizar o pior da humanidade em vez do melhor, resultava numa imagem distorcida da natureza humana. (p. 132)

Ainda segundo Grof, Maslow também fez críticas ao behaviorismo, pois discordava de ter sua vida emocional determinada só por estímulos ambientais e dizia que as experiências feitas com animais não podiam ser aplicadas por inteiro ao ser humano, uma vez que animais não possuem elementos como consciência, espiritualidade, e outros. Estabeleceu os conceitos de “metavalores” e de “metarealizações”, advogando a idéia de que o ser humano possui uma tendência para a auto-realização. Considerou os estados místicos por que passam certos indivíduos, as chamadas “experiências culminantes”, como normais e não como uma patologia.

Na mesma obra, Grof vem ao encontro do exposto anteriormente quando diz que, segundo Maslow:

A medida que o processo se move além da experiência da morte do ego, em direção aos campos transpessoais, descobrem-se fontes de espiritualidade e sensações cósmicas fora dessa barreira de negativismo. O indivíduo ganha acesso a um novo sistema de valores e motivações, independentes dos instintos básicos, e alcança os critérios de metavalores e metamotivações. (p.144)

A psicologia humanista estudou os indivíduos em sua totalidade, abandonando a idéia fragmentada do ser humano. Defendeu o trabalho corporal para influenciar o funcionamento mental e como elemento para análise de algumas neuroses.

Grof também faz exposição do trabalho de Alexandre Lowen e John Pierrakos (1976), que desenvolveram a bioenergética; um sistema

terapêutico que utiliza processos energéticos e a linguagem corporal como meio de estimular o funcionamento mental. A bioenergética também utiliza exercícios respiratórios, trabalha com movimentos corporais e com a postura, acrescentando a intervenção manual direta.

Fritz Perls (1976) desenvolveu a *gestalt terapia*, onde a suposição básica é a de que o ser humano não tem percepção de coisas isoladas ou que não tenham a mínima ligação entre si, e precisa da percepção do todo para que as impressões possam ser assimiladas.

Na *gestalt terapia* tenta-se, no presente, retomar a vivência de conflitos e traumas passados, tornando o indivíduo consciente dos processos físicos e emocionais que estes representam, possibilitando-lhe compreendê-los para poder livrar-se dos mesmos, sem levar em conta os níveis perinatais e transpessoais do inconsciente.

Nessa linha, ao invés de abordar o comportamento através de estímulos e respostas, o comportamento é analisado nos processos mais centrais da mente. A mente se situa entre o estímulo e a resposta. É a mente que faz o indivíduo perceber o estímulo e reagir a estes estímulos.

Nessa abordagem , o comportamento não é um somatório e associações de experiências (caráter cumulativo), e sim o resultado da atuação da mente estruturada que percebe o mundo também de forma estruturada (caráter integrativo) : “o todo é mais importante do que a simples soma de partes”.

Um autor de grande importância para o desenvolvimento da Psicologia Transpessoal foi Roberto Assagioli (1976), que começou a trabalhar num sistema de psicoterapia muito interessante: a psicossíntese, onde fica clara a responsabilidade do indivíduo no processo do próprio crescimento e onde o indivíduo é alertado para o fato de poucas pessoas se darem a chance de se desenvolverem plenamente.

Assagioli fez parte da escola freudiana, embora tenha discutido as limitações da psicanálise, para depois então partir para a psicossíntese.

Na psicossíntese o indivíduo está em constante processo de crescimento, atualizando sempre o seu potencial oculto. Afirmar que a

“vontade” é de fundamental importância para desenvolver elementos positivos, criativos e alegres da natureza humana.

Para ele, a personalidade humana apresenta campos espirituais e elementos coletivos da psique que buscam a transformação da personalidade.

Segundo Grof, o processo terapêutico fundamental da psicossíntese baseia-se primeiramente em fazer com que o paciente tome conhecimento dos vários elementos de sua personalidade, incluindo o ego ideal (o que ele gostaria) e seu ego real (o que é), com todos os defeitos que a pessoa gostaria de abandonar. Quando estiver familiarizado com tais aspectos, o cliente passa a não se identificar com os mesmos ou passa a vê-los como naturais e, portanto, tais aspectos não mais o incomodarão, ou ainda, passa a perceber que o que não lhe agrada são apenas características acidentais, e não a sua essência.

Quando a pessoa descobre seu centro psicológico unificador, dá-se a realização da psicossíntese, caracterizada pela culminância do processo de auto-realização pela integração de componentes da personalidade – a volta ao centro, ao self.

Os trabalhos de Roberto Assagioli foram muito significativos e trouxeram grandes contribuições, não obstante ele também não aceitasse as experiências transpessoais, não reconhecendo a importância das dimensões espirituais ou cósmicas.

Desde a década de 60, vem emergindo um novo movimento, reconhecendo a necessidade da espiritualidade e transcendência. Esse movimento, englobado como Psicologia Transpessoal e chamado de “Quarta Força” em psicologia, é o único a aceitar plenamente a dimensão espiritual na vida humana. Nele se destacam os nomes de Abraham Maslow e Anthony Sutich.

1.2 Surgimento da Psicologia Transpessoal

O movimento transpessoal surge a partir da determinação de um grupo de psicólogos radicados na Bay Area de San Francisco, os quais

acreditavam existir realidades que iam além da visão do mundo humanístico. Esse grupo resolve estabelecer as diferenças entre as suas práticas e teorias das que são praticadas e postuladas pelos humanistas. A partir daí surge, em 1966, um movimento que se tornou conhecido como a "Quarta Força" em psicologia. Esta classificação é feita com base nas características próprias de cada escola. Assim sendo, a Primeira Força foi o Behaviorismo, a Segunda a Psicanálise e a Terceira Força o Humanismo.

Não se trata, entretanto, de uma simples contestação, e sim de uma expansão, um desdobramento da Psicologia Humanística, uma complementação, o preenchimento de um vazio. A "Quarta Força" é uma abordagem recente e importante, que busca uma compreensão mais holística do psiquismo humano e uma aproximação entre o saber ocidental e o oriental.

Caminha para o lado mais espiritual do homem, centrado no cosmos.

Ocupa-se primordialmente do estudo científico baseado em experiências que têm resultado em importantes descobertas nos estados alterados de consciência. Seu campo abrange, entre outros: as metanecessidades (necessidade de crescimento, de atingir metas) os valores últimos (benignidade, cosmocentrismo, auto-suficiência, perfeição, beleza, totalidade, etc.); as experiências místicas (essência, milagres, transcendência, consciência cósmica); estudo da aura; fenômenos transcendentais.

Na descrição de Walsh e Frances (1993), é estabelecido que:

entre os tópicos de maior interesse da Psicologia Transpessoal contam-se a consciência e seus estados alterados, mitologia, meditação, ioga, misticismo, sonhos lúcidos, drogas psicodélicas, valores, ética, relacionamentos, capacidades excepcionais e bem-estar psicológico, desenvolvimento transconvencional e emoções transpessoais como o amor, compaixão,

motivações como o altruísmo e o serviço transpessoais”.

(p. 18)

A Psicologia Transpessoal não nos remete a uma teoria pronta, a nenhuma visão pré-determinada do homem ou do mundo, mas simplesmente busca a chave para o estudo de alguns daqueles fenômenos inexplicáveis que povoam a nossa existência e que não foram objeto de preocupação de outras escolas psicológicas. Não deve ser confundida com misticismo ou religião, porque se assim fosse perderia sua credibilidade enquanto disciplina científica e passaria a ser vista como algo fragmentado, quando na verdade busca a totalidade do ser.

Pierre Weill assim descreve a finalidade da Psicologia Transpessoal:

A Psicologia Transpessoal tem por finalidade o estudo de vários estados de consciência por que passa o homem, assim como as suas relações com a realidade, com o comportamento e os valores humanos. Desenvolve suas metas através de uma abordagem que reúne tendências metodológicas e várias disciplinas científicas e filosóficas. (p. 113)

No mundo em que vivemos atualmente, podemos perceber que o homem esconde a sua solidão, seu vazio, por detrás de assuntos banais, sem profundidade. Suas verdadeiras emoções estão escondidas, reprimidas. Rollo May, em sua obra “O Homem a procura de si mesmo”, nos diz que “as experiências emocionais mais profundas são abafadas e tendemos a nos tornar cada vez mais vazios e solitários”. (1971, p. 56)

O homem tornou-se insensível à vida. Grande parte de sua agressividade e ansiedade tem sua origem na insensibilidade ao meio em que vive e é isto que ele transmite a seus filhos. Desconhece sua força interior, desvaloriza a família, desconhece a verdadeira realização, vivendo num mundo ilusório, de imediatismo, solitário e fragmentado.

No mundo oriental esses fatores aparecem em menor escala porque uma das características mais fortes da cultura oriental é o autoconhecimento.

Tentando, portanto, fugir desse imediatismo e da fragmentação, o conceito de holismo invade todas as áreas, com o objetivo de alargar fronteiras e expandir espaço e tempo.

Ao considerar os diferentes níveis de consciência acessíveis ao homem, e a inter-relação do humano com todos os demais aspectos da vida, da natureza e do cosmos, a Psicologia Transpessoal tira-nos da concepção mecanicista cartesiana, ampliando nossos limites, que antes eram alcançados pela arte e pela religião.

O progresso recentemente alcançado no campo da neurociência, como a análise dos hemisférios do cérebro, medição dos ritmos cerebrais (EEG) biofeedback, teoria holográfica do cérebro, etc., indica uma estreita relação entre o funcionamento do cérebro e as atividades da consciência.

Wilder Penfield (1975) em seu trabalho verifica que experiências particulares pareciam estar armazenadas em determinadas áreas do cérebro e podiam ser trazidas à consciência e reexperimentadas, se estas áreas fossem estimuladas por meio de corrente elétrica, sendo que estas experiências viriam acompanhadas das emoções despertadas pela experiência inicial.

O funcionamento do cérebro pode ainda ser estudado pela análise de sua atividade elétrica. Aqui, o EEG (registro encefalográfico) mostra-se eficiente para localizar a relação entre os mecanismos cerebrais e a alteração dos estados de consciência.

Por meio de sons e de leituras visuais, a aparelhagem de biofeedback permite a identificação de ondas cerebrais, atividades musculares, condutividade da pele, entre outras.

Hoje, existe até treinamento de biofeedback, que permite obter controle voluntário desses estados internos.

A holografia, que é um método de fotografias sem lente, inventada por Denis Gabos em 1947, possibilita a recuperação da imagem original do objeto, aparecendo em figura tridimensional, onde o cérebro toma conhecimento das experiências transcendentais e dos acontecimentos paranormais, assim como das percepções normais, simultaneamente, revelando que são partes da natureza humana, tirando o caráter sobrenatural que se tem conferido aos fatos transpessoais.

1.3 A PSICOLOGIA TRANSPESSOAL E A EDUCAÇÃO

Na educação, a Psicologia Transpessoal tem a nos oferecer-nos uma visão holística da realidade, isto é, uma visão menos fragmentada, com o objetivo de desenvolver o discernimento, visando a uma harmonia espiritual, mental e física.

Citamos novamente a obra "Visão Holística em Educação", em que seus autores, Dênis M.S.Brandão e Roberto Crema, defendem que sempre temos algo a depurar e o que abandonar da idéia que fazemos de nós próprios e que:

à pessoa que coloca mudanças e flexibilidade em suas construções mentais e egóicas, coloca-as ao mesmo tempo em seu corpo, sofrendo menos problemas de esclerose. Ela se abre à capacidade de deixar emergir algo além de suas crenças temporais, efêmeras e ilusórias, algo além de suas projeções, seus medos e temores. (1991 p. 27)

Dessa forma, tornar-se-á uma pessoa com inteligência mais aberta, uma pessoa mais perceptiva, atenta, mais livre de dependências afetivas e mentais.

A educação tem a oportunidade de proporcionar dados que mostrem que existem potenciais humanos não explorados, maneiras

transconvencionais de ser, que podem ser alcançadas através de práticas específicas, mais gratificantes do que aquelas obtidas pela obsessão por bens materiais, tão incentivada pela mídia nos dias de hoje.

O desafio que encontramos hoje na educação é encontrar uma maneira de levar o indivíduo ao desenvolvimento transpessoal, uma maneira de não constrangimento da consciência, que liberte o homem pelo menos em parte da ilusão e do sofrimento.

Segundo Walsh Roger e Frances Vaughan, organizadores da obra "Caminhos Além do Ego":

Os desafios educacionais mais importantes de nossa época não são, portanto, os que preocupam atualmente a maioria dos educadores e políticos ocidentais, como a maneira de aumentar as notas obtidas em matemática ou estimular o interesse em ciências. Em vez disso, do ponto de vista global e transpessoal, a questão mais importante de nossa era consiste em saber como fazer da educação um recurso natural mundialmente disponível para promover o amadurecimento ao longo de toda a vida do indivíduo, desde o enriquecimento na infância até o desenvolvimento transpessoal. (p.115)

O olhar transpessoal dá ao educador algo muito precioso e particular: a busca do auto-conhecimento. E através de seu instrumental teórico e de suas técnicas, esse olhar possibilita o encontro com um nível de consciência superior, mais amplo, a respeito de si e do mundo.

Para uma educação mais abrangente, é necessária uma modificação no currículo, para que se chegue a uma integração do indivíduo em seus aspectos emocionais, intelectuais, sociais, ambientais, que se resumem nos aspectos cósmicos. Os métodos escolares precisam conduzir à cooperação, à solidariedade, precisam integrar os conhecimentos, buscar uma visão planetária das coisas, manter um

equilíbrio entre teoria e prática, considerar o futuro, o passado e o presente num todo, para que haja uma melhoria em nossa sociedade.

Para que isso ocorra seria necessário um novo núcleo de disciplinas e atividade voltadas para o sentimento, ao qual os pesquisadores transpessoais arriscam chamar de consciência corporal. Dessa forma, nas aulas de Educação Física, seriam incluídas disciplinas como yoga, tai-chi-chuan, alfabetização emocional, sexualidade, sensibilização para a vida, bioenergética, etc.

Nessas disciplinas seriam aplicadas técnicas meditativas, respiratórias, relaxamento, exercícios com emanage (como a imaginação ativa de Tung, a visualização criativa de S. Zaxain), com o objetivo de buscar a integração entre mente, cosmos e corpo.

As aulas de Educação Artística seriam uma oportunidade para incluir elementos que tivessem como objetivo tornar o indivíduo mais habilidoso, como por exemplo aulas de culinária e costura, atividades essas que contribuiriam para desenvolver também virtudes como a paciência e a satisfação.

Essa educação deve ser mais voltada à compreensão do mundo, do que à transmissão de informações. Uma educação à base de jogos, música, dramatização.

Existem várias formas inspiradas de se trabalhar com a música, de se ler um poema, de se trabalhar as disciplinas do currículo escolar, unindo o trabalho do corpo ao do intelecto, unindo os sentimentos e o espírito.

Aulas de religião, que foram retiradas do currículo escolar, são no entanto imprescindíveis para o crescimento total. Pode-se estudar religião sem envolvimento que afete o dogma de cada um, estudando, por exemplo, todas as tradições, para futuramente ter uma compreensão clara dos fundamentos de cada seita e, conseqüentemente, maior aceitação das crenças professadas pelas diferentes abordagens religiosas.

Rousseau foi o primeiro a falar de uma educação voltada para os sentimentos. Depois Maria Montessori, Piaget, Dewey, enfatizaram que o aprendizado deve ser feito pelo fazer, através do agir.

Sem dúvida, precisamos de uma nova educação, para solucionar os problemas que hoje enfrentamos, sejam ecológicos ou sociais. É preciso ver o mundo como um todo e que todos façam parte desse todo.

Claudio Naranjo, em texto citado na obra "Visão Holística", diz que:

A nova educação é uma necessidade urgente e nossa maior esperança, pois todos os problemas seriam totalmente simplificados se primeiro alcançássemos a verdadeira sanidade e a capacidade de amar que é uma parte dela. A paz individual é a base da paz mundial. (p.114)

1.4- ELEMENTOS FACILITADORES DA TRANSCENDÊNCIA

Existem inúmeros estudos indicando os elementos fomentadores da transcendência, porém, de uma maneira geral, parece que a essência dessa arte reside em seis elementos facilitadores: o desenvolvimento da concentração; o treinamento da atenção; a formação ética; a transformação emocional; abandono das necessidades egocêntricas para objetivos mais elevados e o cultivo da sabedoria.

O desenvolvimento da concentração e o treinamento da atenção são primordiais para o abandono da inquietude da mente humana, para poder esclarecê-la e catalizar seus potenciais transpessoais.

A formação ética é considerada o mais importante elemento para a transcendência, uma vez que a bondade, a serenidade e a compaixão advêm dessa formação. Sem o comportamento ético não se pode embarcar nas tradições contemplativas.

A transformação emocional implicará na redução das emoções negativas e no desenvolvimento das emoções positivas diante das mais diversas situações.

Os elementos anteriores irão favorecer o abandono das necessidades egocêntricas para objetivos mais elevados, havendo um redirecionamento dos desejos e prioridades, tornando-os mais interiores.

O desencadeamento de tal processo será uma identificação com as pessoas e com a vida e um abandono da preocupação consigo mesmo.

A sabedoria é o enriquecimento do todo, é a quebra da barreira das defesas do indivíduo diante da realidade que o cerca. É a capacidade de discernimento que levará a caminhos mais saudáveis e transpessoais.

As tradições contemplativas buscam a cura, a transformação, o crescimento pessoal e espiritual. Surgiram para explorar possibilidades adormecidas e uma imensa variedade de realidades possíveis, evitando os dogmatismos e intolerâncias étnicas, religiosas, raciais, etc., tão presentes na nossa realidade atual.

CAPÍTULO 2

ANSIEDADE E AGRESSIVIDADE

NA INFÂNCIA

1 - ANSIEDADE

Imaginamos a infância como um período feliz, onde não existem as preocupações materiais dos adultos. Porém, essa idéia não é verdadeira.

Enquanto bebê, a criança é o centro das atenções, exatamente pela sua dependência do meio e das pessoas.

Após os 4 anos de idade, mais ou menos, surgirão os desejos insatisfeitos, as recriminações, os castigos e outros problemas que são de difícil solução para as mesmas. Na tentativa de superar as novas exigências e ajustar-se ao meio, muitas vezes, não se sentem aceitas pelos outros e nem por elas mesmas, por nem sempre serem bem sucedidas nessa investida. Todas essas situações são muito conflitantes para a crianças, gerando a ansiedade.

Embora comum, a ansiedade infantil deve ser considerada anormal quando interfere no desenvolvimento e nas atividades cotidianas da criança.

A ansiedade pode provocar problemas orgânicos como enurese, vômitos, falta de apetite, dores, perturbações intestinais ou circulatórias. Pode revelar-se também através de mudanças de expressão, rubor ou palidez, rigidez muscular, inquietação, interrupção súbita dos movimentos, hiperatividade, alterações na fala, entre outras coisas.

A ansiedade modifica o temperamento e a capacidade normal de ajustamento, fazendo com que a criança reaja com exagerada emotividade aos estímulos. É resultante de um conflito inconsciente que ela não é capaz de solucionar, como por exemplo: curiosidade sexual que a faz sentir-se culpada e que gostaria de dominar; rancor pelos pais, que gostaria de não sentir, por - que os ama; ciúmes dos irmãos, e vontade de livrar-se deles.

A melhor maneira de prevenir a ansiedade é uma educação que ajude a criança a sentir-se mais segura diante de situações capazes de gerar sentimentos conflitantes.

A ansiedade aguda pode encontrar válvula de escape nos acessos repentinos de choro, no grito, na agressividade, chegando a criança a perder a noção da realidade.

Na idade escolar a ansiedade se manifesta devido à necessidade de enfrentar situações novas, decorrentes do novo ambiente que se está experienciando. Aplicar castigos torna-se inprodutiva. Nessa fase é necessário tratar a criança com bondade, atenção e calma.

Como podemos lidar com a ansiedade?

O reforço positivo é muito importante. Um elogio certo funciona mais que uma repreensão, fazendo com que a criança se sinta recompensada e se esforce para receber mais elogios, por haver estabelecido uma ligação entre esforço e recompensa.

Freud, em sua primeira teoria, elaborou a idéia de que a ansiedade tinha suas bases biológicas no instinto sexual e a ansiedade foi vista como descargas inadequadas de energias libidinais. Depois distinguiu a ansiedade real da ansiedade neurótica, sendo que ambas apareciam como resposta a um perigo ao organismo. Na ansiedade real o perigo tem uma origem externa concreta; enquanto que na ansiedade neurótica essa origem é desconhecida.

Stanislav Grof em sua já mencionada obra, nos retrata a teoria de Freud sobre a ansiedade da seguinte maneira:

Na primeira infância e na meninice a ansiedade ocorre como resultado de excessiva estimulação instintiva; mais tarde ela aparece como antecipação do perigo do que como reação a ele. A um sinal de antecipação a ansiedade mobiliza medidas protetoras: mecanismo de esquiva para fugir de perigos reais ou imaginários vindos de fora, ou defesas psicológicas para competir em pé de igualdade com o excesso de excitação instintiva.(p. 115)

Freud abordou também a experiência do nascimento, vendo a separação da mãe, sentida pelo bebê, como a ansiedade básica, a primeira sentida pelo ser humano.

Otto Rank, igualmente, relacionava a ansiedade com a separação do útero materno: a sensação de ser expulso de uma situação gratificante, livre de esforços, incondicionalmente boa. Seria como se o indivíduo se afastasse do paraíso, daí o seu desejo de retorno. Como resultado, qualquer mudança de uma situação gratificante para uma situação contrária produzirá sentimentos de ansiedade.

Rank, em sua obra "O Trauma do Nascimento", publicada em 1924, afirma que "o choque psicológico do nascimento cria um reservatório de angústia que irá sendo eliminando durante toda a existência... como fonte comum e modelo de perturbações neuróticas ulteriores..."

Outra psicóloga que estudou os distúrbios infantis foi Melanie Klein, que atribuiu a ansiedade à relação mãe-bebê, advogando que nos primeiros meses de vida (3 a 4 meses), a criança vê a ela mesma e a mãe como um único ser. A mãe é vista como a supridora das necessidades. Quando a mãe não está por perto surge um certo tipo de ansiedade, causando frustração, impotência e outras emoções. Depois do quinto mês, a criança já percebe a mãe como uma pessoa, percebendo que tanto as experiências boas como as más são geradas por essa mãe. Aqui surge um outro tipo de ansiedade causada pelo sentimento de desamparo, de ciúme do ser amado, a qual Melanie chama de ansiedade depressiva. Esse tipo de ansiedade também ocorre pelo fato de a criança temer o dano que seus próprios instintos destrutivos podem causar.

Hanna Segal, em sua obra intitulada "Introdução à Obra de Melanie Klein", nos explica que, segundo Melanie Klein:

A criança começa a ver que suas experiências, boas e más, não procedem de um seio ou mãe, bons ou maus, mas da mesma mãe que é igualmente fonte do que é bom e do que é mau. Esse reconhecimento de sua mãe como uma pessoa total tem implica -

ções muito vastas e abre um mundo de novas experiências. Reconhecer a mãe como uma pessoa total significa também reconhecê-la como um indivíduo que leva a vida própria e que tem relações com outras pessoas. A criança descobre seu desamparo, sua completa dependência dela e seu ciúme de outras pessoas. (p. 81)

Para Melanie, a ansiedade é também fruto de relações interpessoais perturbadas, o que leva a criança ao isolamento. Sendo assim, qualquer perda que a criança sofra em sua vida posterior, fará reviver esses sentimentos, que a levarão ao estado ansiógeno.

Karen Horney também concorda que a ansiedade tem suas origens nas relações interpessoais perturbadas. Foi ela quem definiu o termo "ansiedade básica", que foi assim interpretada por ela: "Ansiedade básica é a sensação que a criança tem de estar sozinha e indefesa em um mundo potencialmente hostil". (1964 p. 20)

Atitudes irregulares, desrespeito, isolamento, superproteção e outros fatores contribuem para o não desenvolvimento da auto-estima, acarretando também insegurança na criança .

Para Honey, devido aos fatores acima citados, a criança sente-se deslocada de seu meio, "não desenvolve a sensação de pertencer ao "nós", mas, ao contrário, experimenta uma grande sensação de insegurança e uma vaga apreensão..."(p. 20)

Segundo Grunspun, os fatores que afetam o desenvolvimento da personalidade infantil são: rejeição, superproteção, abandono, perfeccionismo, hostilidade e sedução.

A ausência materna, seja por necessidade econômica ou de realização profissional, ou por qualquer outra causa, é o que mais afeta a criança. Separação dos pais, distúrbios emocionais da mãe, a quantidade de filhos, gravidez indesejada, abandono (criança deixada à própria sorte, na rua ou sob

os cuidados de terceiros), são fatores que predispõem a criança a sentir-se rejeitada, o que a levará à ansiedade.

No lado oposto, estão os cuidados exagerados com a criança. Mães superprotetoras acabam por fazer gerar sentimentos de insegurança, ao impedirem que a criança aprenda a lidar com eventuais crises que poderiam ser superadas por ela própria.

Outra fonte de insegurança, e portanto de ansiedade, é a determinação perfeccionista de certas mães, que nunca se mostram satisfeitas com o desempenho dos filhos, deixando-os inseguros e não contribuindo para que desenvolvam sua auto-estima.

Para que a criança se desenvolva dentro de um padrão normal é necessário que ela tenha um espaço para a sua auto-realização, e um ambiente psicológico favorável. Para tanto necessita de segurança, aceitação, respeito e uma certa independência.

2.2 AGRESSIVIDADE

Nos últimos 60 anos, psicanalistas, terapeutas, educadores e outros estudiosos vêm buscando respostas para a agressividade. Formulam e reformulam teorias, e talvez continuem a reformular o que já foi reformulado.

Para alguns, o homem é agressivo por natureza, e a agressividade é uma resposta à frustração. Sendo impossível acabar com esta, seria impossível acabar com aquela.

Para outros, trata-se de um impulso inato. A criança é potencialmente agressiva desde o nascimento, manifestando sua agressividade com maior ou menor intensidade.

Afirma-se, também, que pode ser causada pelo desejo e necessidade que a criança tem de chamar a atenção sobre si mesma, podendo ser um mecanismo de defesa contra qualquer coisa que afete sua segurança, significando por exemplo uma demonstração de ciúme, pouca capacidade de desenvolver um relacionamento com outra pessoa ou dificuldade para adaptar-se a novas situações.

Anthony Stor, assim como Melanie Klein, afirmam que num determinado momento a criança percebe que a mesma figura materna tanto pode oferecer-lhe carinho e afeto como pode ocasionar-lhe maus momentos. Ao decepcionar-se com a pessoa em quem confia, fica ansiosa, sente-se hostilizada e esse meio hostil desencadeia a agressividade. Anthony acredita que toda frustração redundará em agressividade.

Freud dizia ser o homem possuidor de um instinto de vida (Eros) e também de um instinto de morte (Tanatos).

De um modo geral, a agressividade não é vista como maldade, revela apenas imaturidade, impulsividade, desconhecimento de mecanismos adequados de expressão.

O comportamento agressivo é visto também como uma luta para proporcionar ao indivíduo um ambiente propício à sua sobrevivência.

A criança, à medida em que vai se tornando independente, começa a sentir que os outros esperam dela determinados comportamentos, percebendo a necessidade de adaptar-se ao meio social. É no período pré-escolar que se desenvolvem os comportamentos sociais necessários ao ajustamento ao grupo. Porém, até que se inicie esse ajustamento as relações podem ser um tanto hostis.

A agressão é um comportamento comum nessa fase de integração, quando a criança ataca tudo o que considera um obstáculo a seus objetivos, sendo esse comportamento visto como uma resposta à frustração.

Nesse sentido, Anthony Storr, em seu livro "La Agressividad Humana", diz que: "Aunque puede alegar-se que la agresividad del hombre, bajo las condiciones de la civilización, ya no es una adaptación, el hombre jamás habría sobrevivido como especie de no ser un animal agresivo." (p.47-48)

A agressividade é vista como um distúrbio de conduta quando os padrões de comportamento são socialmente inaceitáveis, refletindo no físico e no mental da criança.

Estudos mostram também que pais agressivos acabam por transferir tal agressividade à criança, que passa a ver a agressividade como algo aceitável, concluindo que o uso da força física é um bom meio de se alcançar objetivos.

Admite-se também que a violência vista na televisão torna a criança insensível ao sofrimento alheio, acentuando a agressividade em crianças predispostas ao comportamento agressivo.

Tendo algum conhecimento dos motivos que levam a criança à ansiedade e à agressividade, caberá ao educador ajudar essas crianças a se ajustarem ao seu meio social, possibilitando o desenvolvimento global de suas potencialidades criadoras, construtivas.

CAPÍTULO 3

ESTUDO DO CAMPO ENERGÉTICO DOS SERES HUMANOS

1 - ENFOQUE HOLÍSTICO DO HOMEM

Estudiosos afirmam que o homem é constituído por uma tríplice unidade. O Corpo Físico, constituindo a matéria biológica, o Corpo Energético (ou bioplásmico) e por fim o Espírito, cuja manifestação seria a conjugação do corpo físico e do energético, integrando mente consciente e inconsciente.

Platão via o homem como uma dicotomia entre alma e corpo. Santo Agostinho , no séc. IV, dizia ser o homem uma tricotomia entre alma, corpo e espírito. A Alma era vista como a vida que anima o corpo; o Corpo como a parte física, visível, e o Espírito compreenderia a parte racional, as atividades espirituais, as quais distinguem o homem dos animais.

Desde há muito existe a idéia de que há no homem e no universo uma espécie de energia, que se convencionou chamar de bioenergia.

Dentro da literatura chinesa encontraremos a crença de que o homem está unido ao cosmo por uma energia vital, a qual está presente em todo o universo. Os hindus davam a essa energia o nome de "prana". Lucas Miguel, em sua obra "Equilíbrio total através da Parapsicologia" diz que "Os cientistas soviéticos a intitularam de "energia bioplasmática" e os tchecos a chamam de "energia psicotrônica". (p. 15)

No homem, essa energia que nos dá condição de subsistência é chamada de Corpo Energético ou Corpo do Plasma Biológico.

2 - O CAMPO ENERGÉTICO DO HOMEM OU AURA HUMANA

Desde os tempos mais antigos da humanidade os místicos, religiosos, esoteristas, sempre afirmavam que os seres vivos em geral possuem um halo luminoso envolvendo seus corpos, o qual varia de cor, tamanho e intensidade,

dependendo do estado emocional ou físico de cada indivíduo, sendo este halo chamado de Aura, ou Campo Energético.

Afirmavam também que não só os seres humanos e os animais possuíam esse halo luminoso, mas que também as plantas e os minerais o possuem, só que quase estático, isto é, praticamente não sofrendo alterações. Outrossim, afirmavam que até os cadáveres o possuem, de forma parecida com a dos minerais.

A Aura manifesta-se desde o nascimento, desde o momento em que passamos a respirar. A Aura infantil é como uma névoa azulada, podendo ser comparada à imensidão de um céu aberto. É quase imperceptível no recém-nascido, tornando-se de um brilho azul prateado fraco à medida que a inteligência se desenvolva.

Dependendo do temperamento da criança, este azul poderá ser mais claro ou mais escuro. Uma criança mais ativa apresentará uma sombra de azul mais forte, mais brilhante, por exemplo. Após o primeiro ano de vida, pode-se notar que uma tonalidade rosa é inserida nessa aura e tem sua cor avivada até os cinco anos mais ou menos.

Ursula Roberts, em sua obra "O Mistério da Aura Humana", diz que talvez essa tonalidade rosa seja a cor dos desejos e dos instintos naturais, uma vez que se percebe que ela se intensifica até chegar a um vermelho forte quando a criança sente raiva, ódio. Conclui, portanto, que essa irradiação vermelha forte é de origem nervosa e emocional.

A medida que a criança desenvolve sua capacidade de raciocínio, aparecerão raios amarelos nesse campo de irradiação.

Muitos estudos têm demonstrado que a doença aparece na aura mesmo antes de se manifestar no corpo físico. Nossa Aura é multicolorida e no caso de alguma doença, no seu campo aparecerão manchas características, em local correspondente à região afetada.

A Aura permanece com o ser humano desde o nascimento até a morte.

Roberts também diz que pessoas que usam a criatividade em seus trabalhos possuem uma Aura muito luminosa, que pode ser vista a olho nu por sensitivos. É uma luz que se irradia pela cabeça e pelos ombros, com várias

colorações, de acordo com o tipo de pensamento que o trabalho produz na mente. Por exemplo, um trabalho de natureza elevada produzirá ondas azuis e purpúreas maravilhosas. Um trabalho ligado a assuntos mundanos produzirá uma sombra intensa de um tom alaranjado, e assim por diante.

Quando as pessoas estão cansadas, sua Aura apresentará uma coloração acinzentada, quando estão repousadas e saudáveis apresentará uma radiação prateada. A Aura costuma ser chamada também de Corpo Etérico, por ser uma forma elétrica de matéria.

Podemos perceber melhor a Aura nas mãos e cabeça, porque o restante do corpo normalmente está coberto, o que dificulta a visão.

Hoje, graças ao desenvolvimento da ciência, já existem máquinas capazes de fotografar esse campo energético.

Bárbara Brennan, em sua obra "Mãos de Luz", também demonstra importantes estudos e pesquisas realizadas no que diz respeito a Aura Humana.

2.1 FOTOGRAFIAS DA AURA HUMANA

Em 1935, o Dr. Harold Saxton Burr, da Universidade de Yale, nos E.U.A., descobriu que existiam campos energéticos em torno de todos os seres vivos, utilizando-se de aparelhos de medição elétrica muito sensíveis. Percebeu também que esses campos controlavam as funções fisiológicas e psíquicas dos organismos.

Semyon Dovidovitch Kirlian, em uma de suas pesquisas, ao levar um choque elétrico, notou uma certa luminosidade em torno de seus dedos. Passou então, juntamente com sua esposa Valentina Kirlian, a pesquisar este acidente e em 1939 inventou a Máquina Kirlian.

Em 1960, a União Soviética divulgou ao mundo científico os trabalhos que o casal estava realizando em Alma Ata, na Rússia, revelando que haviam inventado uma máquina que fotografava a Aura humana, bem como a de animais e plantas. Inclusive que essas máquinas já estavam sendo utilizadas nos principais hospitais da União Soviética como auxiliares no diagnóstico de doenças físicas e mentais, experimentalmente.

Outros estudiosos envolveram-se na pesquisa da Kirliangrafia : Telma Moss foi a pioneira da Kirliangrafia nos Estados Unidos. No Brasil, Hernani Guimarães

Aqui no Brasil, Newton Milhomes, inventou uma máquina de menor custo, com seu padrão próprio.

Tentando preencher as exigências do Método Científico ou Cartesiano, que exige que o fato seja observável, direta ou indiretamente; que seja mensurável, direta ou indiretamente; seja experimental; seja comprovado; seja controlável e seja de domínio publico, Newton tentou seguir à risca essas exigências, partindo da seguinte premissa:

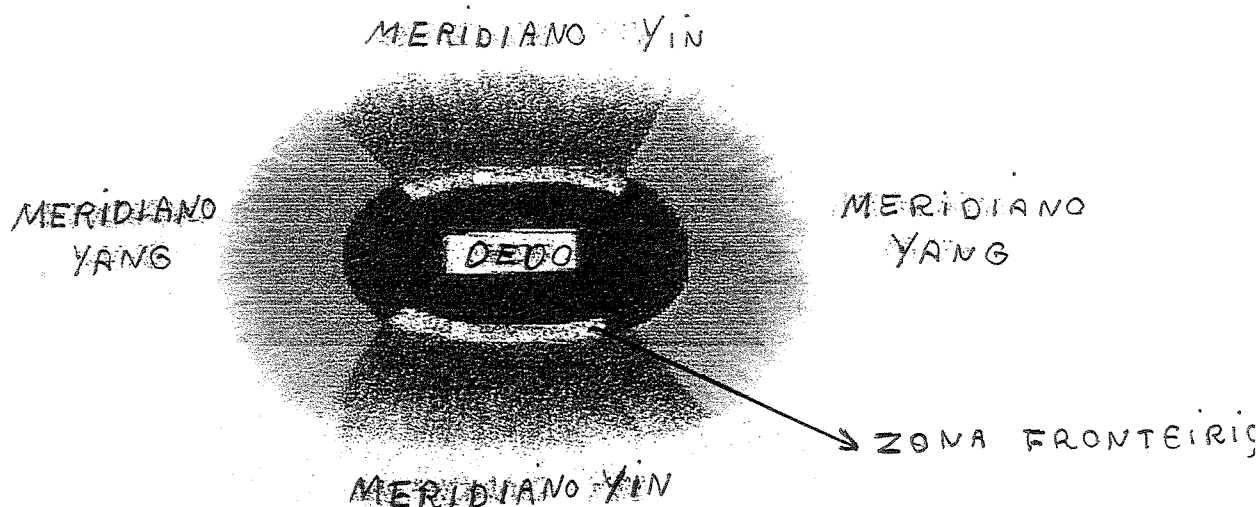
Todos os átomos possuem um núcleo composto de prótons e neutrons. Circundando esse núcleo, está a eletrosfera composta por elétrons que circulam ao redor do núcleo com velocidades próximas da velocidade da luz (300.000 Km/ seg). Os elétrons, além de possuírem carga elétrica negativa, ao girarem em torno de seus próprios eixos, geram, por um processo ainda não muito bem conhecido e explicado, energia magnética. Ora, nosso corpo é composto de átomos, estando, portando, circundado por um campo eletromagnético gerado pelos átomos que o compõem. Além disso, os próprios processos bioquímicos e biológicos geram ainda outros tipos de campos eletromagnéticos secundários que, atualmente, já são detectados pelos mais diversos aparelhos, tais como eletrocardiógrafos, eletroencefalógrafos, etc. Por um processo qualquer, ainda não muito bem explicado, a Máquina Kirlian consegue realçar esse campo eletromagnético que nos circunda, apresentando-o em forma de luz e esta, por sua vez, é captada e gravada na película fotográfica adredemente colocada no seu respectivo lugar. Ora, o campo eletromagnético de uma pessoa saudável deverá apresentar um padrão de formato, cor, aspecto, etc. Partindo da mesma linha de raciocínio, podemos imaginar que uma pessoa portadora de qualquer distúrbio deverá apresentar um campo magnético de padrão diferente. (1988:48)

Newton Milhomes interpretou mais de 60.000 (sessenta mil)
Fotos Kir-lian com a máquina Kirlian por ele padronizada.

2.1.1 INTERPRETAÇÃO DA FOTO KIRLIAN

Estudos mostram que tanto faz fotografar o corpo inteiro ou qualquer outra parte do corpo, porque, segundo os soviéticos, os resultados em termos de cores e características principais serão os mesmos. O campo energético humano possui uma composição holográfica. Isto é, as partes estão no todo, assim como o todo está nas partes.

Na obra de Milhomens, intitulada "Fotos Kirian Como Interpretar" encontramos os seguintes esclarecimentos sobre a interpretação das irradiações da aura humana, fotografada pela máquina de Kirlian:



(Esquema Newton Milhomes)

No esquema acima podem ser destacadas as seguintes regiões:

DEDO: Região da ponta dos dedos, que seria, na foto, a região central, geralmente de tom escuro, aparecendo cor normalmente alaranjada em pessoas muito sensíveis. Nesta região podem aparecer as impressões digitais.

CORONA: Auréola luminosa e brilhante na maioria das vezes.

ZONA FRONTEIRIÇA: É a região que fica na extremidade das laterais do dedo, localizando-se exatamente entre o dedo e a corona.

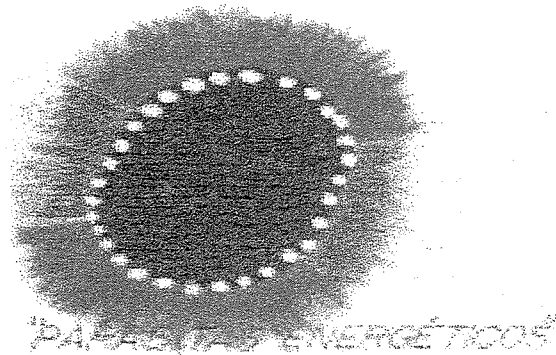
ZONA DO MERIDIANO: Esta região, de um modo geral tem a coloração vermelha ou azulada.

Segundo Newton Milhomens, em se tratando de problemas de doenças físicas, deve-se fotografar inicialmente todos os dedos das mãos e pés. Inclusive, em seus trabalhos, apresenta as áreas da reflexologia da Acupuntura, para que sejam detectados esses problemas de saúde.

Em nosso estudo, o que nos interessa são aspectos psicológicos, que irão intervir no equilíbrio emocional das crianças que estão sendo estudadas.

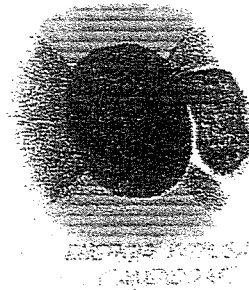
Newton Milhomes também nos dá uma idéia clara das pessoas paranormais, que fazem curas, entortam talheres, etc., o que também não vem ao nosso caso. Sendo assim, selecionamos apenas as características que poderiam servir de subsídio para análise de nosso trabalho, as quais serão apresentadas a seguir :

ANGÚSTIA , ANSIEDADE



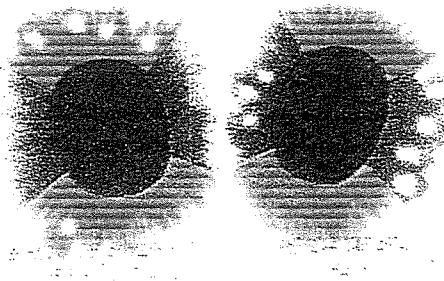
Neste caso a pessoa apresentará bolinhas brancas na zona fronteiriça, o que poderá aparecer em maior ou menor quantidade. Esse tipo de característica aparece normalmente na Aura de médicos, psicólogos , professores, ou outras pessoas que lidam demais com pessoas problemáticas, pessimistas ou negativas. Em outros casos, serão problemas de angústia e ansiedade, característicos das pessoas sensíveis e que se magoam com facilidade. Essa bolinhas são chamadas de **colar de pérola** ou **parasitas energéticos**.

SENTIMENTO DE CULPA “ Efeito Amendoim’



Aparece um efeito luminoso, que se manifesta na Aura ocasionando uma falha na Zona dos Meridianos e na Coroa e que por analogia foi chamado de "Efeito Amendoim".

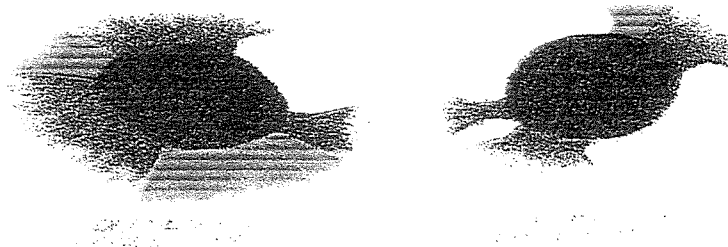
CANSAÇO, STRESS “Perda de Energia”



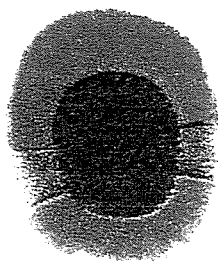
Surgem pequenas “gotas” que parecem sair da coroa. Quando predomina a cor azul, geralmente é caso de stress.

CONFLITOS EMOCIONAIS

Aparecem na Corona falhas semelhantes a “balões de São João”, tendo suas bases arredondadas. Nesse caso temos sinais de conflitos emocionais maiores ou menores, que serão analisados segundo a quantidade de balões que surgirem.



CARÊNCIA EMOCIONAL



Surge na borda exterior da Corona um vermelho bem escuro e vivo.

Incluimos a Kirliangrafia por acreditar que seja mais um subsídio para análise dos resultados.

CAPÍTULO 4

DELINEAMENTO DA PESQUISA

1 - CARACTERIZAÇÃO DA ESCOLA E DA CLIENTELA

A escola escolhida para o trabalho de campo fica no bairro Vida Nova, em Campinas, pertencente à rede municipal de ensino. É uma escola que atende em sua maioria crianças carentes da região.

Não tem nem mesmo classe para todas as séries. O Pré e o Infantil revesam uma sala e sempre um ou outro fica numa saletinha onde estão guardados os brinquedos, ou então no pátio.

Existe uma pequena sala que serve de diretoria e secretaria ao mesmo tempo, não possuindo sala para os professores. Há uma cozinha e um refeitório bastante espaçoso, para atender essas crianças.

Os alunos do Infantil variam entre quatro anos e meio a cinco e meio, compondo uma classe que participa desta pesquisa. São crianças extremamente carentes, e a maioria vem à escola para poder se alimentar. São fruto de lares desajustados e não dispõem de condições de higiene .

2- PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Usaremos como metodologia da pesquisa a Triangulação, por ser considerada uma técnica fundamental para verificar a validade das interpretações baseadas em dados qualitativos. Usaremos mais de uma fonte de dados, algumas técnicas de coleta de informações e diferentes perspectivas de investigação. Com a aplicação de técnicas de relaxamento, respiração, jogos, sensibilização, etc., serão avaliadas as mudanças através da observação de comportamentos desejáveis, a recuperação obtida através da

observação de comportamentos desejáveis, a recuperação obtida através da intervenção, a comparação de fotos com a máquina Kirlian.

Será avaliada a entrevista com os pais, professores e monitores. Os resultados obtidos terão ainda a corroboração de cinco pessoas envolvidas no processo.

Através de textos expostos nas aulas ministradas na disciplina Metodologia Qualitativa em Pesquisa Educacional, e pelas formas de avaliação que serão usadas nessa pesquisa, pode-se intensionar que a Triangulação seja a metodologia mais adequada a esse trabalho, uma vez que, o significado atribuído a essa técnica foi:

A combinação de múltiplas fontes de dados, vários métodos de coleta e diferentes perspectivas de investigação. Comparar e chegar à convergência das informações fornecidas, por diferentes informantes, diferentes métodos e diferentes investigadores é uma forma de verificar a propriedade do esquema de classificação dos dados. Se há certos aspectos enfatizados por diferentes informantes, por diferentes pesquisadores, por diferentes métodos, é sinal de que, eles realmente são relevantes na compreensão do fenômeno estudado.

3 - EXPERIÊNCIA PILOTO

No primeiro semestre de 1998, fizemos a seleção das atividades de relaxamento, interiorização, histórias, jogos e outras atividades que seriam mais apropriadas à idade das crianças, através de experiências no próprio campo.

Ao iniciarmos a pesquisa, verificamos situações que poderiam intervir no nosso trabalho, uma vez que as crianças mais problemáticas eram discriminadas pelas outras, gerando dessa forma um certo clima de hostilidade. Por não ser possível trabalhar com essas crianças isoladamente, a não ser em casos eventuais, houve a necessidade de um certo período de adaptação.

Foi exposto à direção, professores e monitores o objetivo da pesquisa, as técnicas que seriam aplicadas e foi pedido um relatório informal dos comportamentos desejáveis. Explicamos que, terminado o trabalho, pediríamos um novo relatório a fim de verificar as possíveis modificações ocorridas e percebidas por elas, num período de aproximadamente cinco meses, durante o qual trabalharíamos com as crianças duas a três vezes por semana.

A proposta foi muito bem recebida e pudemos assim iniciar o trabalho em si.

4- SUJEITOS DA PESQUISA

4.1- Escolha do Grupo

Indicaram a classe de crianças consideradas "problemáticas" por seus professores e outros envolvidos, pela ansiedade e agressividade das mesmas.

Essa classe de sujeitos "problemáticos" era composta de vinte e três alunos aproximadamente. Dentre esses, escolhemos quatorze alunos como objeto de análise, os quais correspondiam melhor ao nosso objeto de estudo.

Trabalhamos com a classe toda, em grupos e individualmente, tentando perceber os instrumentos mais adequados e os possíveis motivos que desencadeiam a agressividade e a ansiedade dessas crianças.

4.2- Participação dos Envolvidos

Passamos um questionário para duas professoras, duas monitoras, vice-diretora e entrevista com os pais solicitando informações sobre o comportamento dessas crianças e quais as características que deveriam ser melhoradas.

5 - COLETA DE DADOS E TÉCNICAS DE INTERVENÇÃO

5.1 Questionários

Foi passado um questionário para os envolvidos, perguntando quais

seriam os comportamentos desejáveis; como agiam as crianças em relação a eles e também em relação a seus coleguinhas; e também quais as atitudes que poderiam ser melhoradas. Nossa pretensão foi ter uma visão melhor de nossa clientela.

5.2- Técnicas Aplicadas

5.2.1- Relaxamento

Escolhemos algumas atividades de relaxamento dentre as que mais condiziam com a idade das crianças. Gravamos em fita cassete em uma linguagem de fácil entendimento, com fundo musical de Richard Clayderman, Bach e outros. As atividades escolhidas foram:

A - A Fonte e sua Cascata

Objetivo: reduzir a ansiedade, aumentar a criatividade e trabalhar com a imaginação da criança.

Todos deitados em seus cochõezinhos, era pedido que deixassem seu corpo bem solto e que imaginassem uma linda paisagem com uma fonte, uma cachoeira, que bebiam dessa água, banhavam-se nessas águas, as quais tinham o poder de tirar sua raiva e os sentimentos ruins. Depois eles se transformavam em gotinha, em cachoeira, voltavam a ser gotinhas e tornavam a ser eles mesmos.

B - O Desabrochar de uma Rosa

Objetivo: Este exercício, além de relaxar, estimula a visualização e a sensibilidade infantil. Também deitados em seus colchõezinhos, imaginavam-se olhando para um botão de rosa, que lentamente começava a se abrir, que deviam sentir seu perfume e que se transformavam nessa rosa. Solicitava-se que sentissem como era ser uma rosa. Voltavam a ser eles mesmos e continuavam a ouvir a música.

C - Exercício do Sábio

Objetivo: relaxamento, visualização e auto-conhecimento

Deitados contraíam e descontraíam seus corpos. Era solicitado que imaginassem uma luz branca cobrindo todo o seu corpo, formando uma casinha com uma portinha. Tinham que abrir essa portinha e imaginar que existia lá fora uma trilha que levava a uma montanha. Nessa montanha há um templo e lá mora um sábio. Pedimos que imaginassem como era esse templo e que se comunicassem com o sábio. Ganham uma caixinha do sábio e têm que imaginar o que tem dentro. A seguir, que eles são o presente. Para quem eles gostariam de oferecer? Como se sentirá a pessoa que receberá o presente? Por último fazem o trajeto de volta, do templo para a sala de aula.

D- A Chuva

Objetivo: Este exercício leva à sensibilização e ao relaxamento, estimulando a criatividade.

As crianças sentam-se em círculo e fazem os gestos solicitados. Devem se imaginar transformando-se numa nuvem que vai subindo, se encontra com outras nuvens e começa a chover. A princípio é uma chuva fininha (aqui pede-se para esfregar as mãos bem devagar), depois vai engrossando (esfregar as mãos com força). Lá embaixo existe uma mata e a água escorre pelas folhas dessa mata (bater as mãos nas pernas). A chuva começa a diminuir (as mãos devem diminuir o movimento até pararem), as nuvens vão se separando e voltam para seus lugares, até se transformarem neles próprios outra vez.

E - Homem de Neve

Objetivo: relaxar, estimular a imaginação.

As crianças sentam-se e, de olhos fechados, imaginarão ser um homem de neve. Com cabeça, corpo, dois braços e pernas. O dia está lindo e está esquentando e você começa a derreter. Primeiro a cabeça, depois os braços e depois as pernas e por fim o corpo. Devem imaginar que viraram uma poça de água e perceber como se sentem.

F - Auto-massagem

Objetivo: aliviar a tensão e relaxar.

Devem ficar sentadas em seus colchõezinhos , esfregar uma mão na outra por alguns segundos e em seguida iniciar a auto-massagem, primeiro o rosto, depois o pescoço, braços, tórax, barriga, pernas e pés.

5.2.2- JOGOS

Foram aplicados vários jogos: afetivos , sensoriais e musicais.

5.2.2.1- Jogos Sensoriais

A - A Construção da Ponte

Objetivo: Este jogo é aplicado para que a criança se familiarize com seu coleguinha, tenha contato com o corpo da outra, tornando-a menos agressiva ao toque do amigo.

Uma criança se deita de bruços, a outra tem que rolar por cima dela como se fosse um tronco, com o corpo estendido e com os braços esticados ao lado do corpo e deitar-se ao lado , bem juntinho, também de bruços. Cada criança que rola estará ajudando a construir a ponte. Para que a ponte se torne mais longa, a primeira criança, que iniciou o jogo, rola novamente, tornando ponte outra vez, e assim por diante.

B-Equilíbrio

Objetivo: Nesta atividade a criança aprende a ter confiança em seu coleguinha, favorecendo o relacionamento de um modo geral.

Distribuir colchõezinhos pela sala. Formando pares, as crianças devem dar as mãos. Os pés de uma devem ficar sobre os pés da outra. Com os braços estendidos devem ir soltando o corpo para trás bem devagar, procurando achar um ponto de equilíbrio para que nenhum puxe o outro para o seu lado.

C- Vai e Vem

Objetivo: Trabalhar a atenção, confiança. É de grande ajuda para o desenvolvimento sensorial.

Formar duas fileiras. Uma fila deverá ficar de frente para a outra, bem juntinho, com um espaço de mais ou menos um metro. No meio deverá ficar uma criança deitada. Uma fila vai se aproximar da outra, cruzar as mãos por baixo do corpo da criança que está no meio deitada, formando um leito. Devem levantar essa criança e fazer movimentos para a direita e para a esquerda.

D- Mergulho

Objetivo: Trabalhar a confiança e o contato físico.

Formar um semi-círculo com três crianças. Uma criança deve ficar de costas e se jogar em direção ao trio sem tirar os pés do chão, com os braços estendidos. Os demais deverão segurá-lo sem deixá-lo cair. Ir trocando até que todos tenham participado.

E- Adivinha quem é

Objetivo: Nesta atividade trabalha-se a percepção sensorial, o contato físico através do tato, além de trabalhar o auto-domínio, porque cada um tem que se controlar para não "soprar" quem é.

Formar um círculo com as crianças e pedir para que se sentem. Uma criança será escolhida para ficar no meio, com os olhos vendados. Dar um giro nessa criança e solicitar que se dirija a alguém do círculo e tente descobrir quem é. Se conseguir descobrir quem é, ela senta-se no lugar dessa criança e a que foi descoberta vem para o meio. Se errar volta para o meio e escolhe outra criança até descobrir quem é.

F- O que é, o que é?

Objetivo: Este exercício desenvolve a percepção auditiva e também o auto-domínio, por só poderem, as crianças, responder quando solicitadas. Devem ficar virados para a parede e com as mãos cobrindo os olhos. Ouvindo os

sons que serão transmitidos, deverão reconhecer de que tipo de som se trata. Pode ser: copo batendo em outro copo, água sendo colocada no copo, estalar dos dedos, porta batendo, abrindo a porta do armário, som de um chocalho, do bumbo, estalar da língua, etc.

G- Mexe- Mexe

Objetivo: Aqui trabalha-se a percepção auditiva, a espontaneidade e a expressão corporal.

As crianças andam lentamente em círculo. Ao sinal de duas palmas elas param. Ouve-se primeiro uma música e em seguida a ordem é para mexerem o corpo e andarem de acordo com o ritmo da música. O mesmo exercício se repete com uma música rápida.

H- Dança das Dobradiças

Objetivo: Desenvolver a espontaneidade e a expressão corporal.

O grupo fica em pé e em círculo, ouvindo música clássica suave. Todos devem dançar de acordo com o ritmo da música. Depois pedir para dançarem só com os pés, depois somente com os quadris, depois braços, cabeça e rosto.

5.2.2.2- Jogos Socializantes

A -Arrumar a Casa do Monstro

Objetivo: Ajuda a desenvolver o companheirismo e a solidariedade, pois qualquer barulho que um fizer prejudicará os demais.

As crianças devem imaginar que existe um monstro gigante que quer comê-las. Pode ser na sala de aula, no refeitório ou outro lugar. Elas devem arrumar esse local sem acordar o monstro, no maior silêncio, porque se o monstro acordar vai devorar a todos.

B - O Homem que o Trem Pegou

As crianças deverão formar um círculo. O orientador deverá ir cantando a estória e o grupo vai repetindo (como uma velha, contando baixinho, alto, com voz rouca, etc.)

A estória - Vocês conhecem a estória do homem que o trem pegou?

Não senhora, não conhecemos, mas queremos conhecer. O coitado ... o braço dele ficou assim (gesto), o outro ficou assim (gesto), a perna ficou assim (gesto), a cabeça, etc.

5.2.2.3- Jogo Afetivo

A - Sobrou para a Almofada

Objetivo: Nesta atividade a criança extravaza seus sentimentos e tem a chance de perceber que seus colegas também têm sentimentos.

As crianças devem sentar-se em círculo. Pede-se para que, de cabeça baixa e olhos fechados, pensem em alguma coisa que alguém lhe fez , que a deixou alegre, triste ou zangada. Depois sem perguntar qual foi o fato, deve-se pedir que cada uma responda que sentimento sentiu e anotar rapidamente. A seguir cada uma deve manifestar seu sentimento na almofada. Se alguém quiser contar o que pensou, pode explicar aos outros.

5..2.2.4- Jogo Cognitivo

Objetivo: A qui a criança desenvolve a atenção, a percepção visual e, ao mesmo tempo, através da expressão gestual, tem a oportunidade de melhor relacionamenrto.

As crianças devem formar pares e ficar uma de frente para a outra. Uma será o espelho e a outra estará olhando no espelho. Tudo que o espelho fizer, a outra criança deverá imitar. Depois devem-se trocar as posições.

5.2.3- TÉCNICAS DE CONCENTRAÇÃO

5.2.3.1- Visualização

A - Exercício 1

Com as crianças sentadas em círculo, colocar diante delas uma flor, uma fruta ou outro objeto qualquer. Devem prestar muita atenção nesse objeto, examinando-o detidamente, observando todos os detalhes. Depois devem fechar os olhos e imaginar esse objeto o mais aproximado possível do real. A mentalização e posteriormente ajudará na visualização das coisas que são almejadas.

B - Exercício 2

Sentadas em círculo, devem baixar a cabeça, fechar os olhos e ver-se ver mentalmente em diversas situações felizes: alegres e cheio de confiança. Explicar que se nós acreditarmos nessas coisas boas, elas tenderão a concretizar-se. Aqui treina-se a visualização para a obtenção do pensamento positivo.

Auto-Sugestão

A - Pensamentos Agradáveis ao Adormecer ou Despertar

Deve-se orientar as crianças para que, depois que estiverem deitadas, quando o sono vem chegando, ou logo que acordarem, mantenham pensamentos bons. Pode-se fazer uma lista de frases e trabalhar com cada uma delas durante uma semana.

Sugestões: Eu estou cada dia melhor ! Em todos os sentidos!; Eu sou bom, alegre, expansivo e feliz!; Sou muito calmo e tranquilo! ; Tenho a saúde perfeita!; etc.

Este exercício leva a criança a formar uma auto-imagem positiva.

5.2.4- EXERCÍCIOS RESPIRATÓRIOS

O equilíbrio psicofísico depende, também, do ato de respirar, pois a respiração insuficiente influi, inclusive, nos mais diversos estados emocionais.

A - Exercício 1

Postura: de joelhos, apoiar as nádegas no calcanhar, conservando os joelhos e os pés bem juntos, cabeça e tronco retos. Respirar devagar contando, 1,2,3,4, ao inspirar; 1,2,3,4, expirando. Repetir 5 vezes.

B -Exercício 2

Postura: de joelhos. Conte, 1,2,3,4, inspirando. 1,2,3,4, retendo o ar. 1,2,3,4, soltando o ar. Repetir 5 vezes.

C - Exercício 3

Feche uma das narinas com o polegar, inspire vagorosamente. Depois retire o polegar, feche a narina do outro lado também com o polegar e solte o ar pela outra narina. Repetir algumas vezes.

Obs. Ir aumentando gradativamente a contagem nesses exercícios.

5.2.5- TRABALHO COM AS VIRTUDES DAS CRIANÇAS

Foram escolhidos textos do livro “O Livro das Virtudes das Crianças”, em que foram organizadas por William J. Bennet estórias e versos que têm por objetivo contribuir para a formação moral das crianças, educando o espírito e a mente para o bem.

Entre os textos, escolhemos:

5.2.5.1- Primeira Parte- Coragem/ Perseverança

A - Tente Mais uma Vez

É um poema que mostra a necessidade de insistir naquilo que desejamos.

Eis aqui o bom conselho a se seguir:

Tente mais uma vez;

Se no início algo é difícil conseguir,

Tente mais uma vez,

E verá sua coragem aparecer.

Nunca trema, não há o que temer,
Persevere e verá que vai vencer;
Tente mais uma vez.

B - Perseverança

Outro poema, que mostra a importância da paciência para se obter bons resultados.

O pescador que puxa a rede com pressa
Não tem o que vender na feira;
A criança que fecha o livro depressa
Não aprende a lição inteira.

C - O Pequeno Herói da Holanda - Conta a estória de um menino que morava na parte da Holanda que fica abaixo do nível do mar. Neste lugar existiam os diques, que eram constantemente vigiados para que a cidade não fosse inundada. Em um de seus passeios, o garoto percebe um pequeno buraco por onde vazava água. Enfiou o dedo no furo e a água parou de vazar. Sabia que, se o vazamento continuasse, aquele buraquinho logo seria um buracão. Gritou por socorro, mas ninguém ouviu. A noite chegou, esfriou e ele continuava lá, pois sabia que toda a cidade se inundaria. Quando o encontraram pela manhã, estava quase morto. Foi socorrido e transformou-se no herói daquela cidade.

D - A Tartaruga e a Lebre - A lebre fica caçoando da lerdeza da tartaruga e ela, muito ofendida, desafia a lebre para uma corrida. No percurso, por estar a lebre muito na frente, resolve dar uma cochilada para esperar a tartaruga. Na linha de chegada, a tartaruga esperava a lebre toda contente.
Moral: Devagar se vai ao longe.

E - As Estrelas do Céu - É a estória de uma garotinha que queria tocar as estrelas do céu. Uma noite resolve satisfazer seu intento.

Depois de andar muito, pergunta a um moinho de vento se ele sabe como se poderia encontrar uma estrela. Ele responde que o lago está cheio de estrelas. A menina mergulha no lago e não consegue encontrar nada. Segue o caminho, faz perguntas a um riacho, ele também acredita que as estrelas estão em suas águas. A menina nada encontra. Continua andando e encontra umas fadinhas que a orientam para procurar os Quatro Pés. E assim, cada um lhe manda procurar em outro lugar. Ela não desiste e acaba conseguindo, de cima do arco-íris, tocar uma estrela. (anexo)

5.2.5.2- Segunda Parte- Responsabilidade/ Trabalho/ Disciplina

A - Por Favor

Nesse texto diz-se que “Por Favor” é uma expressão que mora na boca das pessoas e que, para ficar feliz, de vez em quando tem que tomar um pouco de ar, como os peixes.

Conta a estória de dois irmãos, um mal criado e outro bem-educado. O “Por Favor” do menino mal educado chega até a fugir de casa. Quando resolve voltar, o garoto se torna tão educado quanto o irmão. (anexo)

B - A Galinha Ruiva - Fala de uma galinha que encontra um grão de trigo e pergunta aos outros animais quem gostaria de ajudá-la a plantar. Todos se negam. Ela planta sozinha e quando o trigo cresce, ela pergunta se alguém a ajudaria a colher o trigo. Ninguém se prontifica. E assim, ela moe o trigo, assa a farinha e faz um lindo pão, que todos querem comer. Ela diz que vai comer o pão sozinha. Moral: Se queremos dividir a recompensa, devemos partilhar o trabalho.

C - O Rei e o Falcão - Conta a estória de um rei que, certa manhã, saindo para caçar, levou seu falcão, que havia sido treinado para a caça. No final da

tarde, já bastante cansado, avistou uma fonte e parou para beber de sua água. Pegou seu cálice de prata, encheu-o e, quando ia beber o primeiro gole, seu falcão, num vôo rasante, derrubou o cálice de sua mão. Tentou pela segunda e terceira vez e novamente o mesmo aconteceu. Mais uma vez, o rei encheu o cálice. Porém, antes de levá-lo à boca, sacou de sua espada. O falcão mergulhou e derrubou-lhe das mãos o cálice. O rei com sua espada acertou o pássaro ainda no ar. Mesmo assim o rei ainda queria beber a água, e quando foi encher o cálice olhou mais para cima e viu uma enorme cobra, das mais venenosas, morta. Nesse momento, o rei pensou no pobre pássaro morto no chão. Percebeu que o falcão lhe havia salvado a vida e pensou consigo mesmo: “Aprendi hoje uma lição, que é nunca fazer coisa alguma movido pela raiva.”

Moral: Devemos controlar nosso temperamento.

5.2.5.3- Terceira Parte- Compaixão e Fé

A - O Pequeno Raio de Sol - É a estória de uma menina que tinha uma avó muito idosa e percebeu que no quarto da avó não batia sol. Tinha certeza de que sua avó gostaria de ter o sol em seu quarto. Pensou em várias maneiras de levá-lo até lá. Um dia, quando brincava nos campos, sentou-se e viu os raios do sol em seu colo e pensou ser possível apanhá-los com seu vestido. Então, ela se levantou e correu para o quarto da avó. Quando abriu o vestido para mostrar o raio de sol para sua avó, não havia nada.

A avó disse-lhe que não precisava do sol quando tinha perto de si a netinha, pois o sol vinha nos olhos e nos cabelos encaracolados da menina. A menina, então, todas as manhãs, brincava no jardim e depois corria para o quarto da avó para levar-lhe o sol nos seus olhos e cabelos.

Moral: Compaixão também é um presente. Muitas vezes o que vale é a intenção.

B - A Lenda da Concha - Havia um lugar em que, há muito tempo, não chovia. Tudo estava seco e as pessoas adoeciam. Uma menina, que estava

com a mãe muito doente, resolve procurar um pouco de água. Ela pegou uma concha e saiu. Andou muito e, na escosta da montanha, achou uma fonte que pingava lentamente sob a pedra. A menina colheu as gotas e desceu a montanha com muito cuidado para não perder nem uma gota sequer. Quando acabou de descer encontrou um cachorrinho que mal se arrastava pela sede. Resolveu dar um pouquinho da água para o cão, que logo melhorou e latiu para ela, como que agradecendo. A menina não percebeu, mas sua concha havia se transformado em uma concha de prata. Quando chega em casa para dar água a sua mãe, a velha empregada de sua casa mal podia falar de tanta sede. A velha bebe parte da água e a concha se transforma em concha de ouro. A menina nem percebeu e dirigiu-se para a mãe, que bebeu da água deixando um pouco para ela. Quando ia beber apareceu um forasteiro em sua casa, pedindo água. A menina deu sua água para o forasteiro. Nessa instante a concha se transforma em concha de diamante. Uma gota de água cai no chão e onde a água se infiltrou, surge uma fonte e nunca mais ninguém teve sede naquele lugar.

Moral: Um ato caridoso constitui frequentemente a própria recompensa.

5.2.5.4- Quarta Parte- Honestidade e Lealdade

A - Cinderela Indígena - É a lenda de um guerreiro indígena que tinha o poder de tornar-se invisível. As donzelas da tribo queriam desposá-lo, mas era sabido que ele só se casaria com aquela que conseguisse vê-lo. Morava com uma irmã que tinha esse poder e ela o ajudava a investigar se suas pretendentes falavam a verdade quando diziam enxergá-lo. Na aldeia, vivia um cacique com suas três filhas. A caçula era linda e bondosa. As irmãs, com ciúme, cortaram-lhe os cabelos e queimaram seu rosto para que ficasse desfigurada. A jovem, porém, manteve o seu bom coração. Um dia a moça resolveu procurar o guerreiro. Antes passou pela irmã do jovem que lhe perguntou se ela estava conseguindo vê-lo. Ela responde que não. Passados

alguns momentos , ela diz que sim e descreveu exatamente o que estava vendo. A irmã do guerreiro percebeu que, por ter a moça respondido a verdade, ele se deixara ver. Levou a jovem para casa, preparou-lhe um banho, e todas as cicatrizes desapareceram e seus cabelos cresceram. No dia seguinte ela se tornou esposa do guerreiro. Ele, por saber da crueldade das irmãs, usou seu enorme poder e transformou as duas em álamos, prendendo suas raízes no fundo da terra.

Moral: A honestidade é recompensada e a falsidade punida.

CAPÍTULO 5

ANÁLISE DOS RESULTADOS

1- QUANTO ÀS ATIVIDADES TRABALHADAS COM AS CRIANÇAS

Por intermédio de uma observação direta dos comportamentos manifestados pelos sujeitos da pesquisa, resultante da convivência intensa com os mesmos, além dos questionários respondido pelos envolvidos e através da intensão de entrevista com os pais, é possível considerar que os resultados foram muito positivos. Contudo, é preciso levar em conta que uma parte do êxito se deva não apenas às técnicas e atividades em si, como também ao grau de afetividade que elas exigem em sua aplicação. Impossível tentar harmonizar o corpo e o espírito das crianças com o cosmos sem colocar amor nessa tarefa. E amor, para crianças tão carentes, é algo de importância decisiva.

Mas também é preciso ressaltar que os resultados obtidos correspondem exatamente ao que se objetivava com tais técnicas e atividades, tais como o desenvolvimento da sensibilidade, conhecimento de si próprio, o desabrochar das Virtudes, a expansão da criatividade, melhora na auto-estima, tudo isto culminando na redução da ansiedade e agressividade.

Começamos com crianças, nas quais a manifestação dos conceitos básicos de bondade, coragem, compaixão e afetividade eram pouco perceptíveis. Apresentavam também formas rudes de pensar, sentir e agir, com grande dificuldade em concentrar-se, em respeitar regras e esperar sua vez.

Logo após a segunda semana de trabalho, essas mesmas crianças já se mostravam mais atentas, prestativas e amigas.

Através das fitas e exercícios de relaxamento, foi estimulada a imaginação a concentração, a criatividade e o pensamento positivo. Tais atividades, que nas primeiras sessões eram estranhas para elas, passaram a fazer parte de seu cotidiano, tornando-os menos irritadiços, contribuindo para a diminuição de suas ansiedades e agressividade. E, como se poderá verificar através dos relatórios da equipe envolvida, tal mudança de comportamento, tão significativa, veio a favorecer a aprendizagem, o que transcende nossos objetivos iniciais.

A aluna Juliana, que a princípio chorava quando eram aplicadas essas atividades, conseguiu criar lugares alegres e ideais que lhe propiciaram um refúgio para seus problemas, sem aliená-la da realidade.

Vitor também conseguiu perder o medo das águas de sua cachoeira, trabalhando sua imaginação até criar seu lugar ideal.

Evaldo, Guilherme, Willian e Gustavo, que não conseguiam se concentrar e sempre estavam buscando chamar a atenção para eles próprios nesses exercícios, conseguiram criar uma imagem mental positiva, e conseqüentemente melhoraram sua auto-estima, passando a ser mais queridos pelos outros.

Cleiciane, Emerson e Cleiton, que nas primeiras sessões aproveitavam esses momentos para 'medir forças', tentando distrair a atenção de seus colegas, passados os primeiros exercícios tornaram-se participativos.

Jefferson e Ana, que pareciam viver 'no mundo da lua', voltaram à terra, passaram a se concentrar, estendendo esses momentos às outras atividades.

Através dos exercícios de Visualização, Concentração e Energização, todos descobriram outros valores que não fossem os materiais, passando a ser mais observadores da natureza, a ter mais pensamentos positivos, a manter contato com as energias captadas da terra, do céu, do cosmos.

Amanda e Débora, que só entendiam e valorizavam os bens materiais, tornaram-se mais sensíveis, à medida em que passaram a ver o ser humano como um todo: interior e exterior.

Os jogos afetivos e sensoriais favoreceram o relacionamento das crianças entre si. O contato corpo a corpo, proporcionando maior contato físico, evitou que não se estranhassem a cada esbarrão, servindo de controle à agressividade. Através de expressões gestuais e corporais, aprenderam a conhecer suas próprias emoções, e as emoções do outro. Treinaram suas reações diante das dificuldades, admitindo, por fim, a necessidade da cooperação.

Citando como exemplo alguns jogos, observou-se que no exercício "Arrumar a Casa do Monstro", em que, por distração, falta de cooperação e coordenação, de início alguns encontraram dificuldade, logo na terceira ou quarta sessão já se podia observar o desaparecimento daqueles fracassos. Com a "Ponte", onde alguns propositalmente deixavam vãos ou levantavam os pés ou os braços para atrapalhar o colega, descobriram a importância da responsabilidade, da cooperação também.

Nos jogos como "O Equilíbrio", "Vai e Vem" e "Mergulho", desenvolveram a confiança no outro e a importância de se respeitar regras.

Nos "Jogos Musicais", desinibiram-se, tornaram-se mais criativos, ficaram mais soltos e trabalharam sua espontaneidade.

Nos jogos "Não Posso Enxergar", "O que é, o que é", "Quem é que é?" descobriram outras maneiras de ver, sentir e pensar, de perceber o mundo. Fosse andando às cegas, ou observando as diferenças entre plantas, insetos ou pedras, descobriram a diversidade das criações de Deus, que também não criou todas as pessoas iguais, sendo portanto necessário respeitar as diferenças individuais.

Nas histórias contadas, a agressividade e maldade que pareciam banais em suas vidas, quando não até servindo de modelo comportamental, tomaram novas formas, como algo a ser reprimido, condenado, substituído.

A falta de afeto e afetividade sofridos em casa eram refletidos na escola através de um comportamento em que predominava a indiferença, quando não a agressividade. Através dessas histórias, desenvolveram uma certa amabilidade, percebendo que, ao se tornarem melhores, eram também mais amados.

As atividades aplicadas refletiram-se no seu dia-a-dia, conforme poderemos verificar pela análise dos questionários respondidos pelos pais, professores, monitores e outros envolvidos.

2- QUANTO A PARTICIPAÇÃO DOS COLABORADORES

2.1- Questionários Iniciais

Foram escolhidos cinco colaboradores, por manterem maior contato com as crianças selecionadas, estando portanto aptos a participar da avaliação dos resultados pretendidos.

Na fase inicial, perguntou-se quais seriam os comportamentos desejáveis para as crianças, a fim de que pudessem ter um convívio razoável no mundo em que vivemos. Foram citados: disciplina; amizade, respeito aos outros, às regras e à natureza; equilíbrio emocional e bons sentimentos.

Outras perguntas foram feitas sobre como agiam essas crianças em relação a monitor, professor, autoridades em geral, como também em relação aos seus colegas.

Os colaboradores C, D, e E, que convivem com essas crianças a maior parte do tempo, foram unânimes em classificá-las como ansiosas, agressivas, avessas a limites, muito negativas. Pelas respostas, percebia-se um certo desânimo, descrença na possibilidade de mudança, um certo conformismo com a situação.

A colaboradora B, entretanto, mostrou-se mais esperançosa, confiante na ação da escola, atribuindo a negatividade das crianças à estrutura familiar, e não como algo intrínseco à sua própria natureza. Como estava com a classe há pouco tempo, não chegou a colocar "rótulos" nas crianças. Pelo seu próprio temperamento, e também pelo conhecimento que tinha do trabalho a ser realizado, confiou numa possível mudança.

A colaboradora A foi contraditória quando classificou os comportamentos como 'razoáveis' e em seguida, complementou-os dizendo que os alunos tinham acessos de raiva, chutavam quase sempre partiam para o tapa. Talvez tenha usado a palavra "razoável" por levar em conta

ambiente em que vivem aquelas crianças, como uma espécie de desconto, e também pelo carinho que sente por elas, não obstante os tropeços.

Perguntadas sobre o que seria necessário para tornar melhores aquelas crianças, citaram o desenvolvimento da afetividade, disciplina, compaixão, honestidade, lealdade, amizade, etc., entendendo porém que o trabalho deveria ser feito pela escola, já que do lar não se poderia esperar tal reviravolta. Aquelas crianças, quando têm pai, não têm mãe, às vezes vivendo com tios ou avós, em consequência de abandono voluntário ou involuntário dos pais. Outras, tendo pai ou mãe na prisão, são tutelados pelo Juizado de Menores. Convivem com a criminalidade, a prostituição, sofrendo carências tanto no sentido material quanto afetivo.

2.2- Questionários Finais

De uma maneira geral, aquelas crianças, tão desacreditadas, foram vistas no mínimo como capazes de transformação, porque se estavam esforçando para serem educadas. Elas se haviam tornado mais alegres e equilibradas, cuidando melhor de seus brinquedos e da área verde da escola, mostrando-se mais sensíveis, bondosas, interessadas e disciplinadas.

Ninguém falou em milagre, e sim numa melhora geral que acabou se refletindo num melhor rendimento escolar: Os alunos pareciam interessados em aprender, estavam mais atentos, adquirindo aos poucos maior capacidade de concentração.

Os colaboradores perceberam inclusive um melhor relacionamento dos responsáveis pelas crianças com a escola. Por notarem melhora no comportamento das crianças, passaram a respeitar o trabalho desenvolvido pela equipe, mostrando-se mais participativos.

2.3 - QUANTO AO QUESTIONÁRIO RESPONDIDO PELOS PAIS

Como havia uma reunião de pais e mestres marcada, julgou-se que algumas perguntas feitas aos pais poderiam oferecer mais subsídios à nossa análise final.

Ao elaborar as questões, levamos em conta que a maioria trabalha e conseqüentemente precisa sair rapidamente das reuniões para chegar a tempo em seus locais de trabalho. Também consideramos o fato de que a maioria tem dificuldade com a leitura e a escrita. (Verificar no anexo).

Das quatorze crianças que fizeram parte do grupo, apenas dois pais ou responsáveis não compareceram.

No que se refere à agressividade, um único pai revelou não haver notado diferença, pois o filho continuava agressivo com as pessoas da casa. Os demais entrevistados observaram melhora significativa.

No que se refere à ansiedade (angústia, tristeza, inquietação), 50% disse ter notado mudanças positivas, como por exemplo: parou de fazer xixi na cama; já não andava cabisbaixo, não mais chorava à toa, não gritava mais por qualquer coisinha, e assim por diante. A outra metade dos responsáveis não notou diferença, alegando que continuavam tendo acessos de raiva, que se isolavam, queriam chamar a atenção a qualquer custo, jogavam coisas no chão, atribuindo essas atitudes à revolta contra ou o pai que a abandonou, ou contra a mãe que foi embora, ao alcoolismo do pai, ou mesmo da mãe, e até mesmo a vida que viviam: falta comida, acomodação, etc.

Quanto à afetividade, sete pais notaram que as crianças estavam mais carinhosas, mais preocupadas com os outros, mais atentas ao que lhes faziam de bom e que estavam até dando exemplos a eles.

Dois disseram que seus filhos melhoravam um pouco, mas depois voltavam a ser desafetuosos e se esquivavam do contato físico, e que não era falta por falta de surra, que tentavam educar mais não adiantava. Outros três alegaram que suas crianças só queriam viver na rua e que só vinham para casa para comer e dormir e que eles mesmos, na luta em que viviam, não tinham muito tempo para observar essas coisas.

No que diz respeito à atenção, quatro deles disseram que seus filhos viviam no mundo da lua, que não ouviam o que falavam, que tudo entrava por um ouvido e saía pelo outro. Ficou claro que não houve mudanças. O restante estava satisfeito, citando exemplos: criança que antes não conseguia ficar parada vendo tevê, agora prestava atenção no que assistia: criança que, quando lhe mandavam comprar alguma coisa, trazia quantidade errada ou

mesmo esquecia algum item, e que agora fazia compras direitinho; criança que não ligava pra nada e agora observavam as plantas, o céu, os animais, até dizendo se as pessoas estavam feias ou bonitas.

No item educação, a maioria dos entrevistados relatou que agora as crianças até chamavam a atenção deles, muitas vezes numa atitude recriminatória, do tipo: "Ninguém de ensinou a dizer Bom dia, Boa Tarde, Por favor, Licença, Obrigado?"

Procurou-se saber, em outra questão, se tinham sido chamados à escola por atos de indisciplina ou agressivos de seus filhos.

50% responderam afirmativamente quanto ao primeiro bimestre, e que não ficaram surpresos porque seus filhos eram realmente terríveis. Desses, apenas um dos pais voltou a ser chamado no segundo bimestre, porque seu filho havia empurrado um amigo de cima do escorregador propositalmente.

A outra metade nunca chegou a ser chamada e atribuiu "à sorte" tal situação, pois reconheciam que seus filhos eram briguentos e respondões.

Em outra questão foi perguntado como reagiam as crianças quando queriam uma roupa, um brinquedo, etc. Como se comportavam e se haviam notado alguma mudança.

Dois pais responderam que, embora seus filhos ficassem tristes, se conformavam quando prometiam que dariam ou no aniversário, ou no Natal, ou quando recebessem, desde que estivesse dentro das possibilidades deles. Nove dos responsáveis declararam que antes as crianças ficavam revoltadas, choravam, entre outras coisas, e que agora tinham se conformado e parado de pedir tudo o que viam. Outros cinco não observaram mudanças.

Foi perguntado se as crianças gostavam de vir à escola. Sete responderam que sim. Um deles respondeu que no começo o menino chorava, mas que depois se acostumou e agora adora a escola. O restante disse que, no começo, seus filhos preferiam ficar em casa, e só começaram a gostar da escola depois que foi iniciado o trabalho que é objeto desta pesquisa.

A última questão foi em relação ao rendimento escolar. Se tinham notado alguma diferença nos trabalhos que eram enviados bimestralmente para casa.

Nesse item apenas uma mãe não notou diferença, alegando que seu menino era preguiçoso e relaxado.

Ficou claro que, embora a melhora na escola nem sempre se reflita no ambiente doméstico, de maneira geral o trabalho contribuiu para reduzir a agressividade e a ansiedade a níveis mais baixos. Conseguiu-se inculcar nas crianças novos princípios, valorizando a vida interior e portanto enriquecendo sua infância. Todavia, é um trabalho a ser feito ao longo da vida, para que, sob as pressões do ambiente desfavorável, não venha a cair no esquecimento.

Nesta avaliação, percebeu-se que os resultados teriam sido muito melhores se tivéssemos podido trabalhar não só com as crianças, mas também com seus familiares, mesmo que fosse com um número reduzido de sessões.

4- QUANTO À KIRLIANGRAFIA

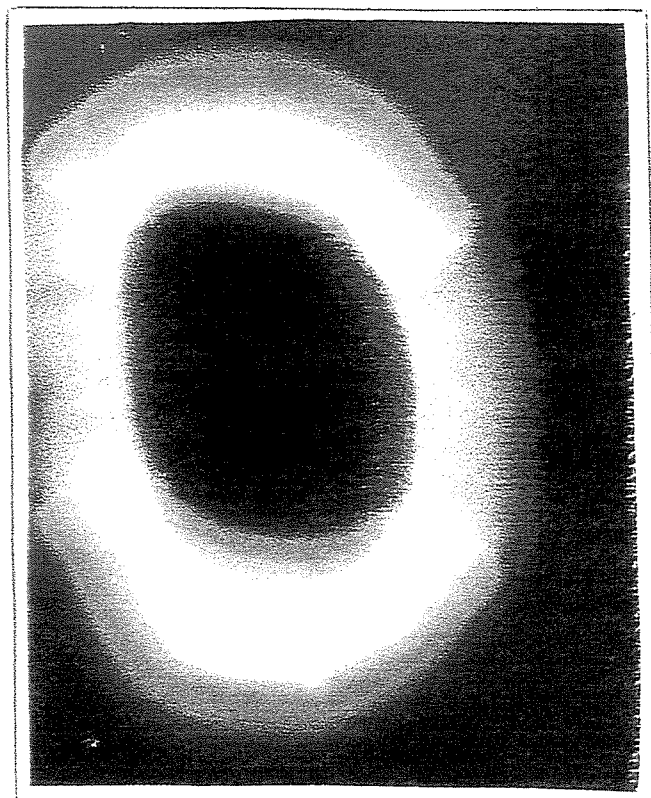
Conforme foi exposto no capítulo 3, as fotos que serão analisadas aqui correspondem ao dedo indicador da mão direita, com seu respectivo Halo Energético.

Através desse Halo Energético, segundo Milhomens, pode-se obter detalhes que correspondem a determinados tipos de patologias ou padrões de comportamento.

A aura ideal de uma criança seria mais ou menos como a que será mostrada a seguir, tendo em mente que uma certa dose de agressividade e egocentrismo é comum nesse período de integração com o mundo.

Veremos que o Halo Energético, apresenta-se bem definido e luminoso.

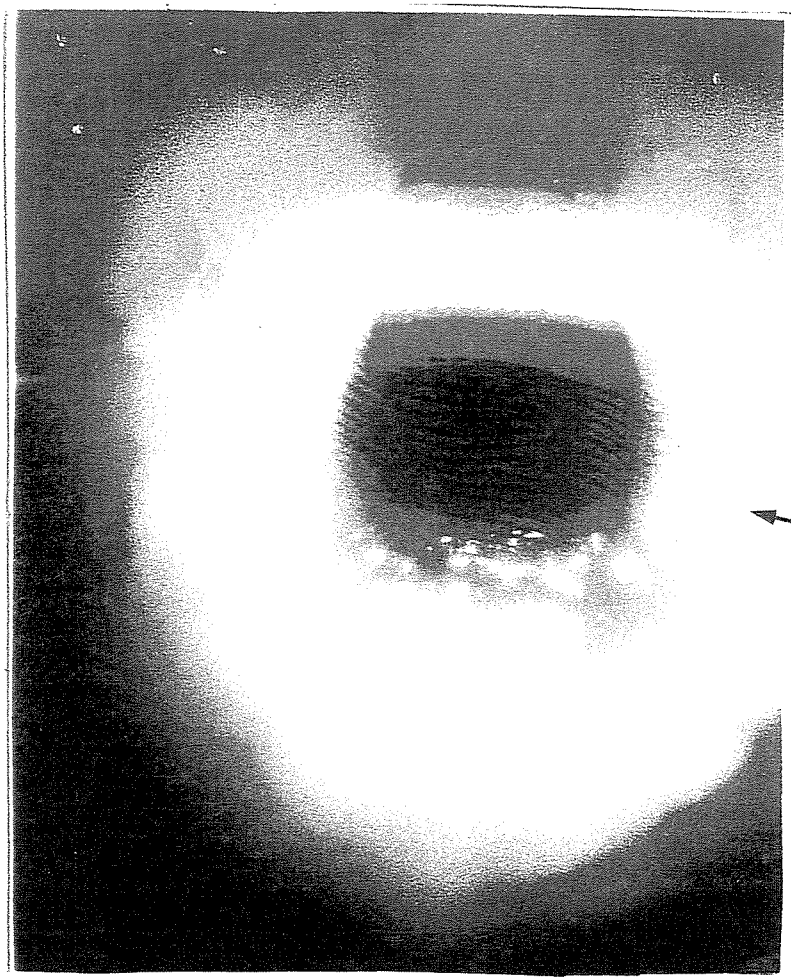
As zonas do meridiano, de coloração azulada ou vermelha, ocupa seu respectivo lugar e de tamanho ideal.



Sendo o objeto desse estudo a ansiedade e a agressividade infantil, serão analisadas as características correspondentes e esses estados emocionais.

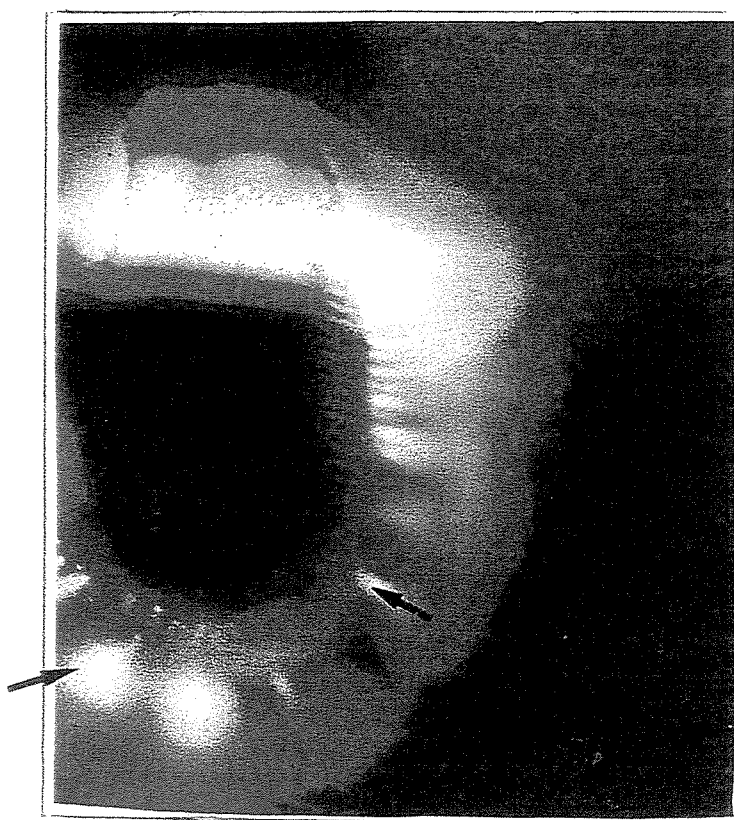
As cores mencionadas a seguir, quando em excesso ou, por outro lado, em escassez correspondem a exacerbações da emotividade.

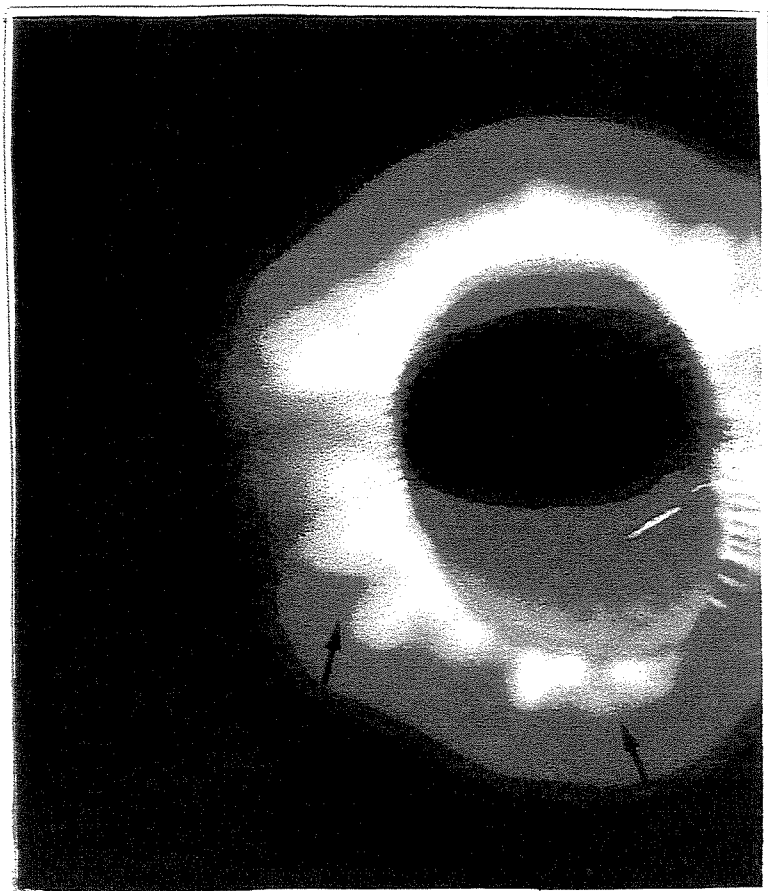
A cor branca, que corresponde a manifestações do ego, quando muita, indica egocentrismo, quando pouca, problemas de menos valia, vedetismo, depressão; a cor rosa ou vermelha é indicativa de agressividade, ciúme, carência afetiva; cor azul muito fraca é indicativa de apatia, passividade ou menos valia.



COR BRANCA
EM EXCESSO

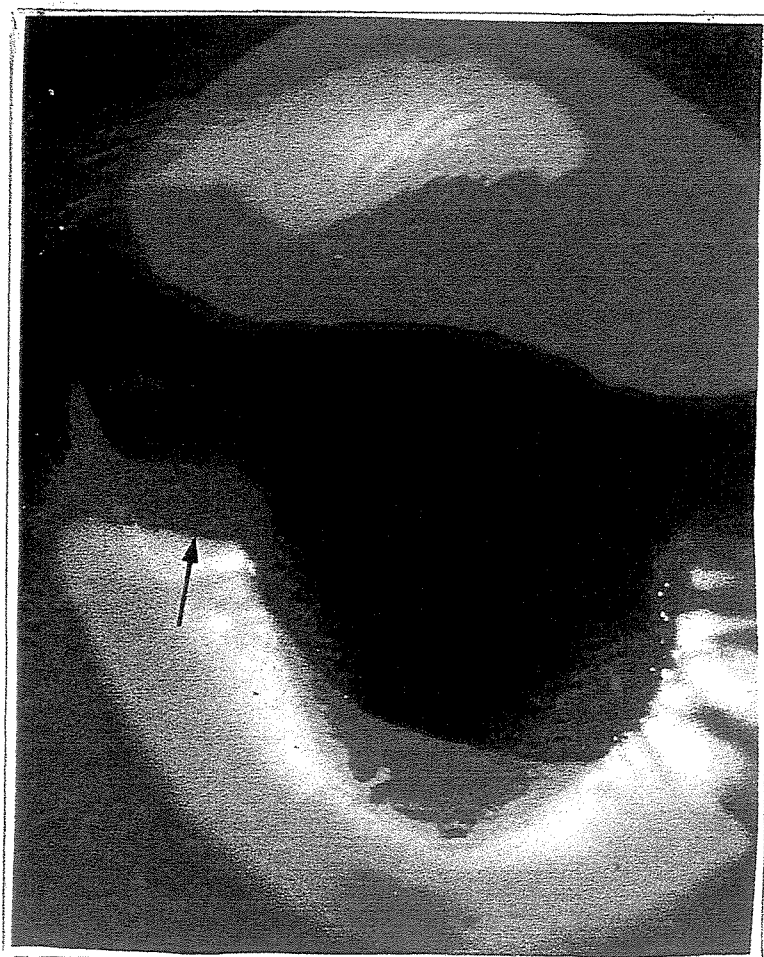
ESCASSEZ DE
COR BRANCA



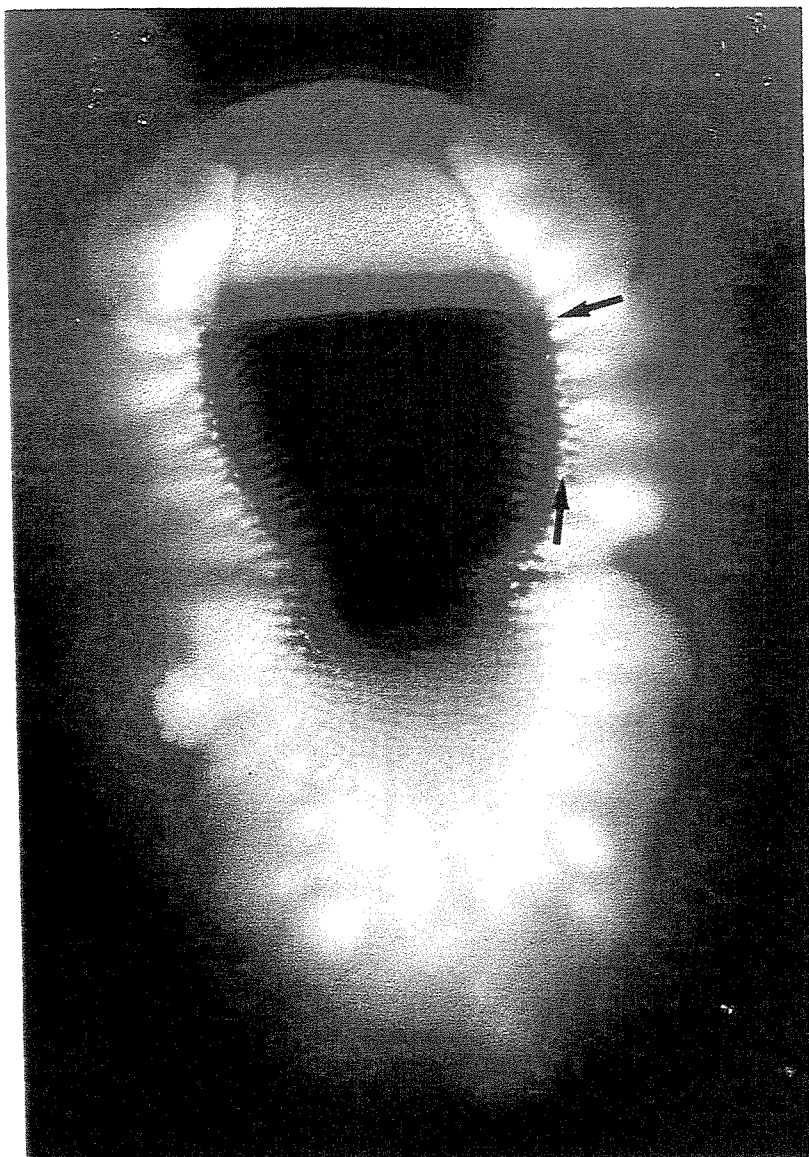


COR VERMELHA
EM ESCESSO

ESCASSEZ DE
COR AZUL



Bolinhas na zona fronteiriça, indicarão preocupação, ansiedade, angústia; balões de São João que causam falhas no Halo Energético, indicam conflitos emocionais; bolas brancas na região Yin ou Yang , cansaço físico, stress.



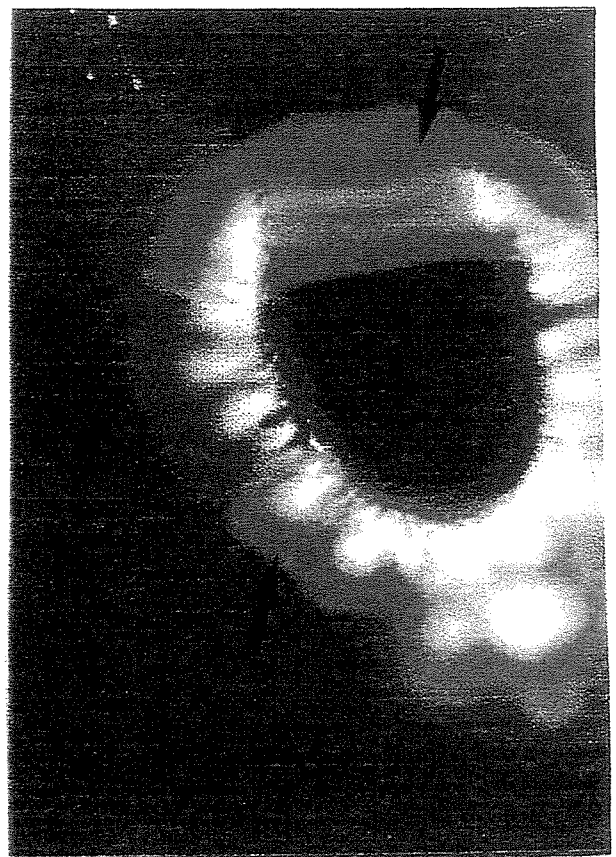
Iniciou-se o trabalho com as fotos Kirlian na 5ª sessão, no dia 17 de junho. Cinco fotos ficaram prejudicadas porque essas crianças ou não aperta-

ram o dedo suficientemente ou deslocaram seu dedo da posição inicial, fazendo com que a imagem ficasse sobreposta. Porém, mesmo assim, notou-se a predominância do rosa e do vermelho carmim no Halo Energético. Apenas uma aluna apresentou maior quantidade de azul.

Sendo a 5ª sessão, já era possível sentir que o grupo escolhido realmente correspondia ao perfil de nosso objeto de estudo. Portanto, através dessas fotos, onde havia a predominância da cor rosa e do vermelho carmim, que são manifestações de agressividade, sentiu-se que, mesmo a título de curiosidade, tais podiam estar corroborando na análise dos dados. Tomamos como exemplo as fotos a seguir:

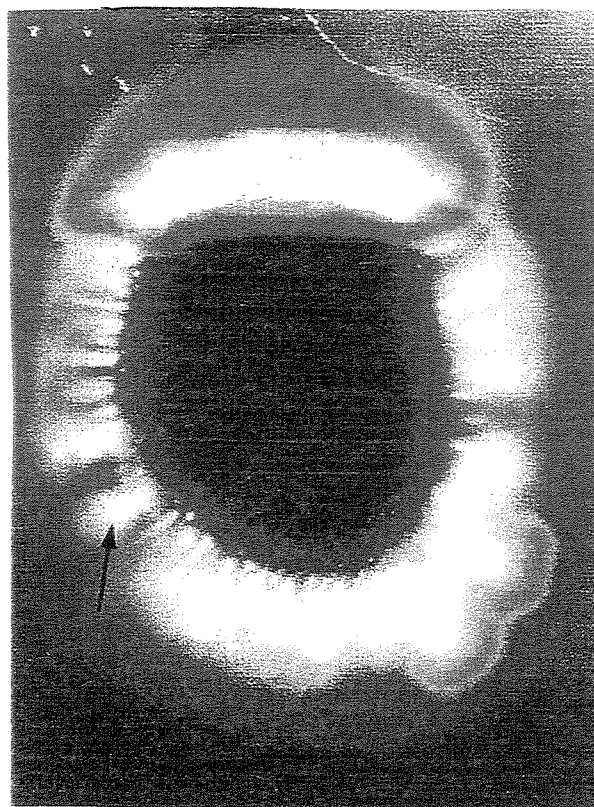


GUSTAVO



CLEICIANE

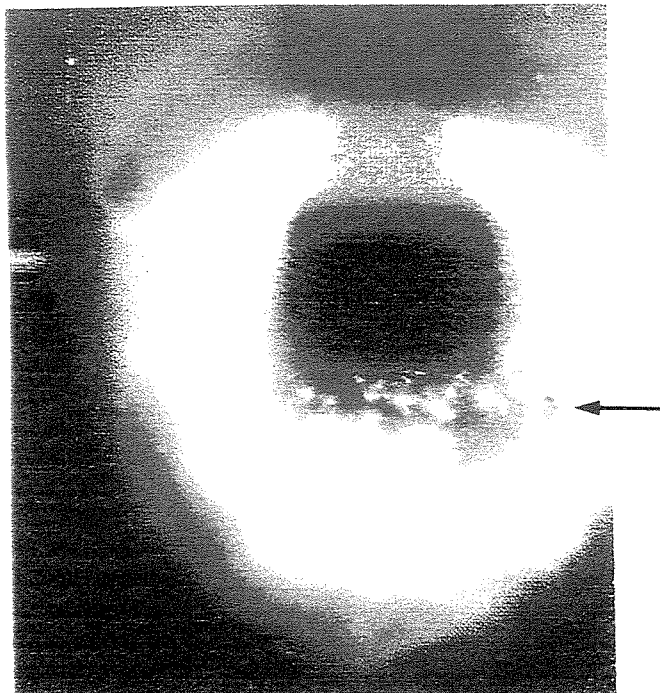
A análise da foto da Thamyne, que apresentou mais azul, segundo as instruções de Newton Milhomens, estaria demonstrando problemas de menos valia, apatia.



THAMYNE

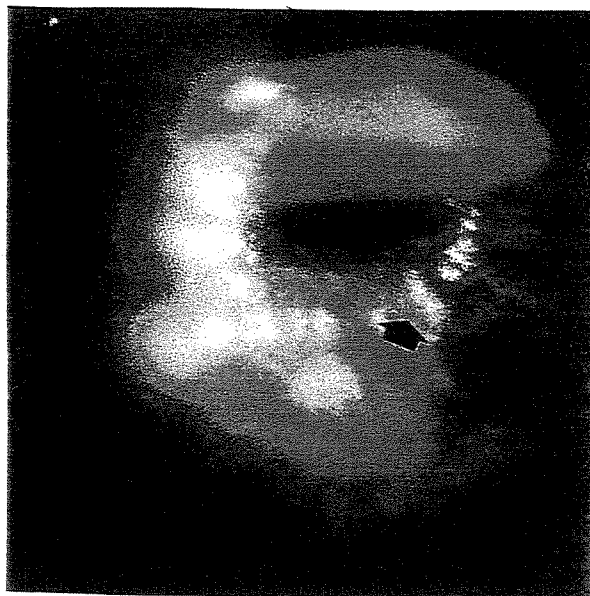
A monitora da classe, como estava acompanhando todo o trabalho, explicou que, como a menina por problemas patológicos precisou tomar cortisona, havia engordado bastante e portanto era chamada pelos amiguinhos de "baleia assassina", "bolo fofo" e assim por diante. Levantou-se então, a hipótese de que, por se sentir rejeitada pelos colegas, manifestou coloração diferente em seu campo energético.

Analisando a cor branca, notou-se que duas crianças tinham um pouco mais do que o normal no seu halo energético, sinal de vedetismo, egocentrismo. Essas características realmente era notória nessas crianças.



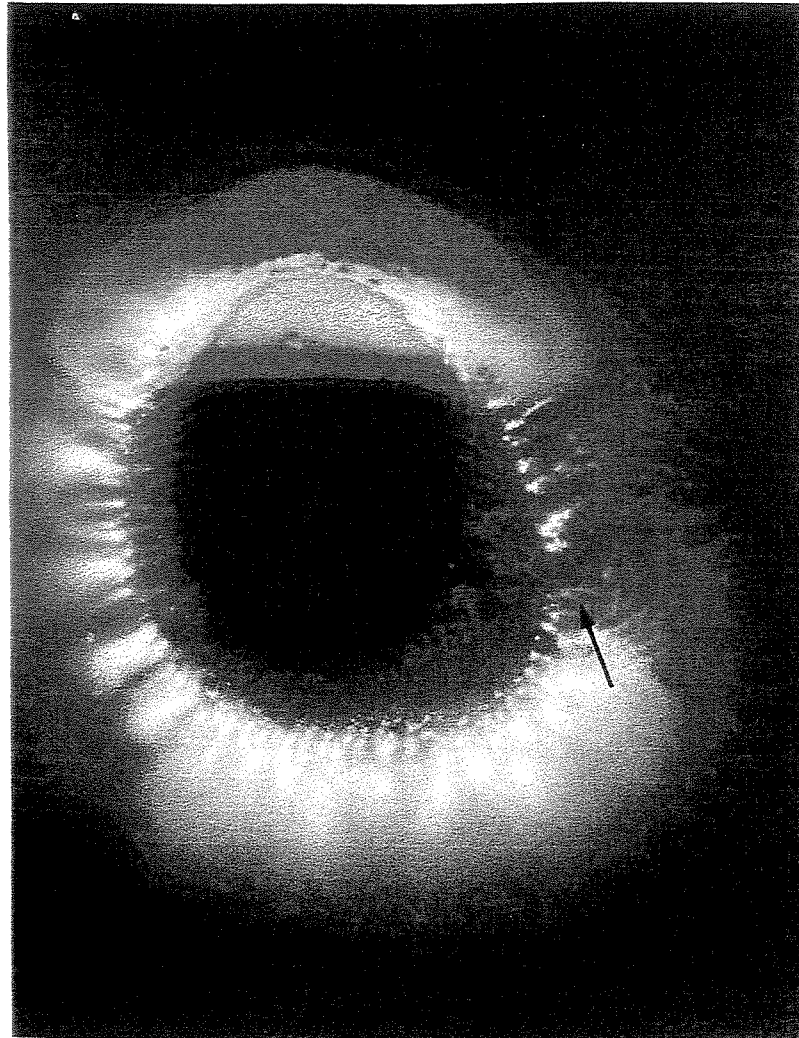
JEFFERSON

Três delas tinham sua cor branca diminuída, o que indicaria sinal de depressão e auto-rejeição, talvez menos-valia. Exemplo:



WILLIAM

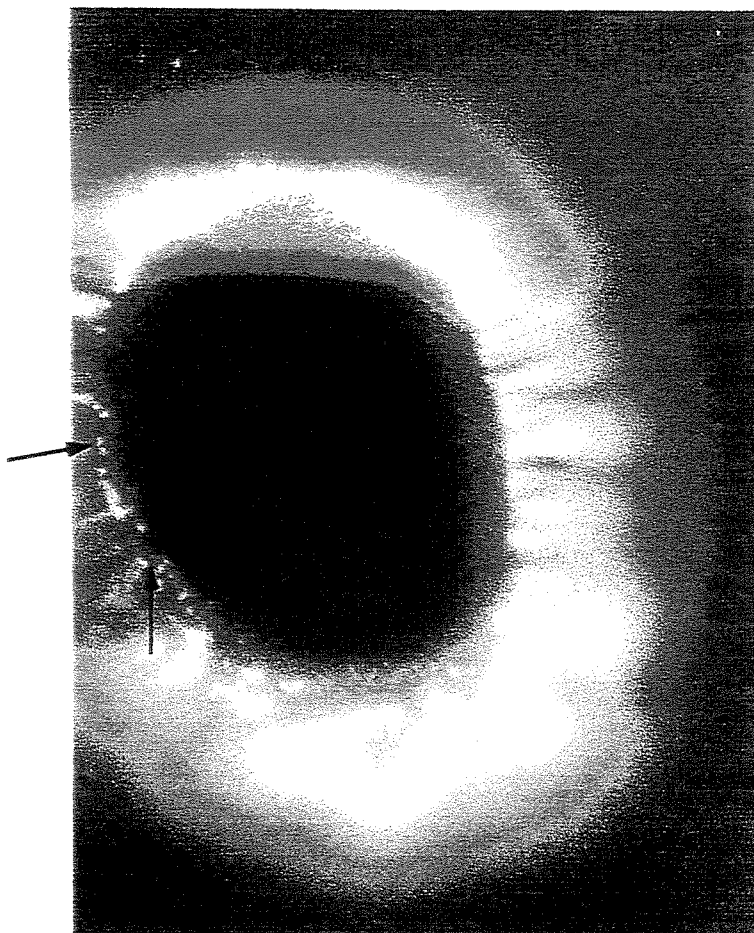
Quando a zona azul (Yin) ocupa seu lugar e se apresenta com falhas ou quase apagada, tal característica seria de trauma, decepção. Três alunos apresentaram esses sinais.



CLEICIANE

Bolinhas na zona fronteira indica ansiedade. Quanto mais bolinhas aparecerem, maior o grau de ansiedade.

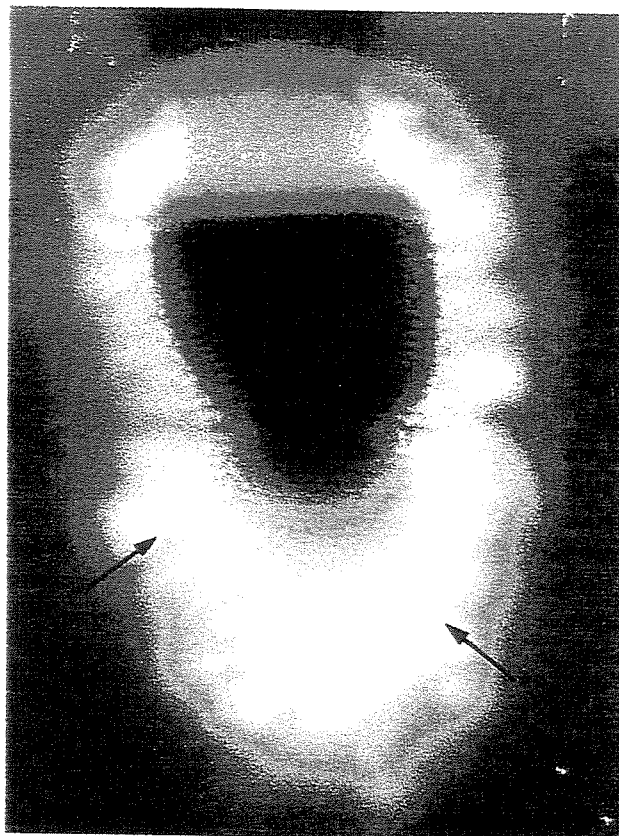
Dos quatorze alunos integrantes desse grupo, dez apresentam, nas fotos, indícios de ansiedade, em maior ou menor grau.



FELIPE

Bolas brancas na região yin (azul), indica stress. Cinco apresentam esses sinais. Como a maioria vem de lares desajustados e desestruturados, onde os pais brigam , onde dormem dois ou três na mesma cama, apanham e são maltratados na maioria das vezes, pensou-se que estas sejam as causas do stress.

Quando essas bolas aparecem na região Yang (rosa), tem-se um sinal de fadiga física. Apenas três não apresentam esse sinal na foto inicial. O restante possui essa característica e avaliou-se que os motivos sejam os mesmos que os anteriores.



CLEICIANE

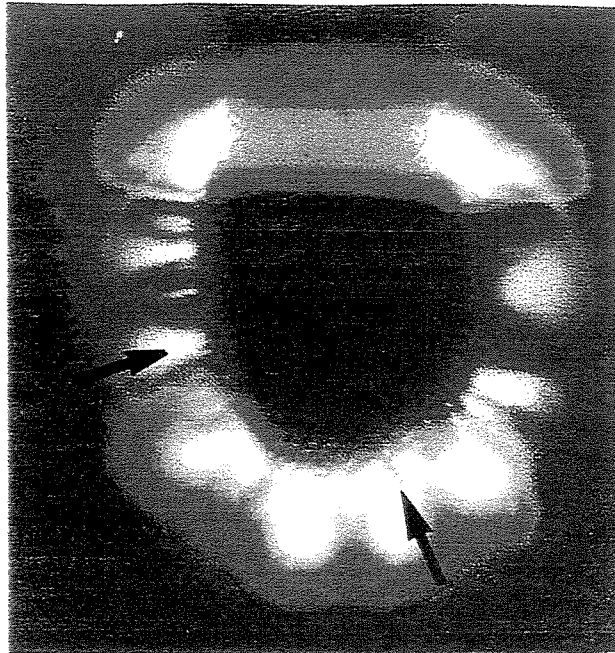
Balões de São João podem aparecer tanto na região Yin, como na Yang e alega-se que representam qualquer tipo de conflito emocional. Se aparecer na região Yin (azul), são conflitos interiorizados.

Quatro crianças apresentaram a característica acima citada, até mesmo nas fotos que ficaram sobrepostas. Esse resultado já era de se esperar, como consequência do contexto social em que vivem.

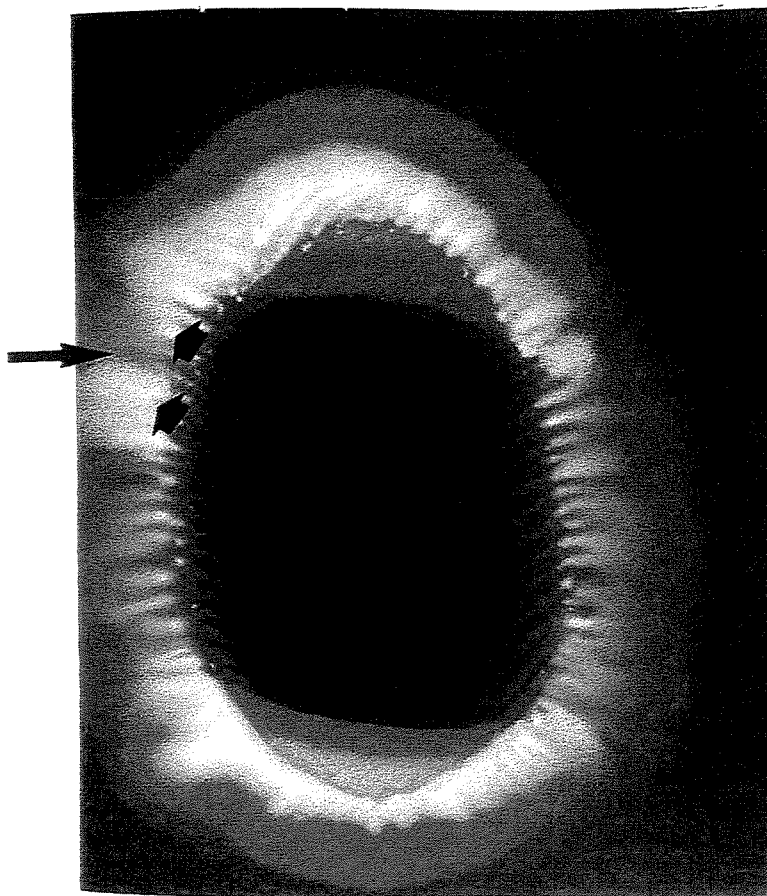
Quando esses balões aparecem na região Yng (rosa), significa que estão sendo colocados para fora, tornando a pessoa muito agressiva, explosiva. Oito delas apresentam esse quadro.

As oito crianças restantes, apresentaram esses balões em ambas as regiões, o que significa que, mesmo colocando alguns conflitos para fora, ainda sobram aqueles que estão sendo guardados.

Exemplo:



Restam ainda os casos de muita raiva, ira. Aqui a coloração rosa se mistura com a azul e vice-versa. Aparecem apenas três casos. Exemplo:



No dia 14 de junho, na 12ª sessão, foi feita nova sessão de fotos Kirlian. Nesse dia, porém, fotografamos antes e depois dos exercícios de relaxamento e de visualização criativa.

De significativo, observou-se que houve uma mudança na cor branca, ganhando mais brilho e tornando-se mais uniforme em nove fotos estudadas.

As bolas brancas, sinal de cansaço ou stress, diminuíram de tamanho ou perderam sua nitidez.

Sendo a cor branca uma manifestação do ego, conclui-se que tais exercícios exercem influência positiva na personalidade, trazendo tranquilidade e energia positiva. A diminuição das bolas brancas revela que essas atividades levam ao descanso físico e mental, aliviando as tensões, o que se refletirá na diminuição da agressividade e ansiedade, embora nesse momento não se observasse diminuição na coloração rosa ou vermelha do campo energético. Conclui-se, portanto, que em apenas uma única sessão, não há mudança visível em relação aos comportamentos agressivos ou ansiógenos.

Na 20ª sessão, dia 27 de agosto de 1998, após exercícios de relaxamento, respiração e visualização, outras fotos foram tiradas e observou-se então que, de um modo geral as auras estavam bem mais estruturadas, que existia uma diminuição da cor rosa e vermelha na maioria dos participantes, levando-nos a constatar que a questão da agressividade vinha se atenuando, mesmo que lentamente. Tal verificação confirmou-se também no comportamento das crianças.

Outro fato que se percebeu foi que as bolinhas na zona fronteira ainda permaneciam na mesma quantidade, o que nos leva a crer que a questão da ansiedade, angústia e preocupação, mesmo que atenuadas aparentemente, ainda estavam mal resolvidas. Acreditou-se, portanto, que, pela persistência dos problemas domésticos, o trabalho que estava sendo feito na escola teria que se estender também aos familiares.

Notou-se também que as bolas brancas que aparecem na região azul ou rosa diminuíram, o que significa que o cansaço e o stress estão sendo amenizados.

Dia 22 de outubro de 1998, 33ª sessão. As fotos estavam mais esquematizadas, com uma normalização da cor branca. Por exemplo, o Jefferson, Juliana e Júlio, que possuíam a cor branca excessiva, nessa sessão, já apresentavam esse halo diminuído.

Como o aumento do branco indica vedetismo e egocentrismo, pode-se notar que essa diminuição apareceu tanto no Campo Energético, quanto no comportamento observado dessas crianças. Levantou-se a hipótese de que o próprio desenvolvimento natural da criança nessa idade, seu amadurecimento, tenha se manifestado em seu campo energético. Por outro lado, o nível de agressividade de alguns ainda parece insatisfatórios em sua aura, embora em seus comportamentos estejam mais amistosos e afáveis, o que talvez se deva a uma auto-repressão em favor da harmonia reinante.

Willian, de um dos lados do meridiano Yin (azul), apresenta uma mistura de azul e rosa, o que indicaria, segundo Newton Milhomens, sentimentos de raiva. Como está passando por uma situação bem complicada de brigas constantes entre os pais, que são ambos alcoólatras (informação da monitora), acredita-se que seja esse o motivo de tal manifestação em seu Campo Energético.

Os balões de São João, indicadores de conflitos emocionais, ainda aparecem em todas as fotos, mudando apenas sua posição no campo energético. Porém, segundo Milhomens, é muito difícil encontrar quem não os tenha em maior ou menor quantidade.

Nas fotos finais, adquiridas na 42ª sessão- dia 25 de novembro, foi verificada uma diferença muito significativa em relação às primeiras fotos. Tirando o Jefferson e o Gustavo que ainda mantêm um excesso na coloração rosa, os demais apresentam uma diminuição marcante em relação às primeiras.

A cor branca apresenta-se normal, em treze das fotos analisadas.

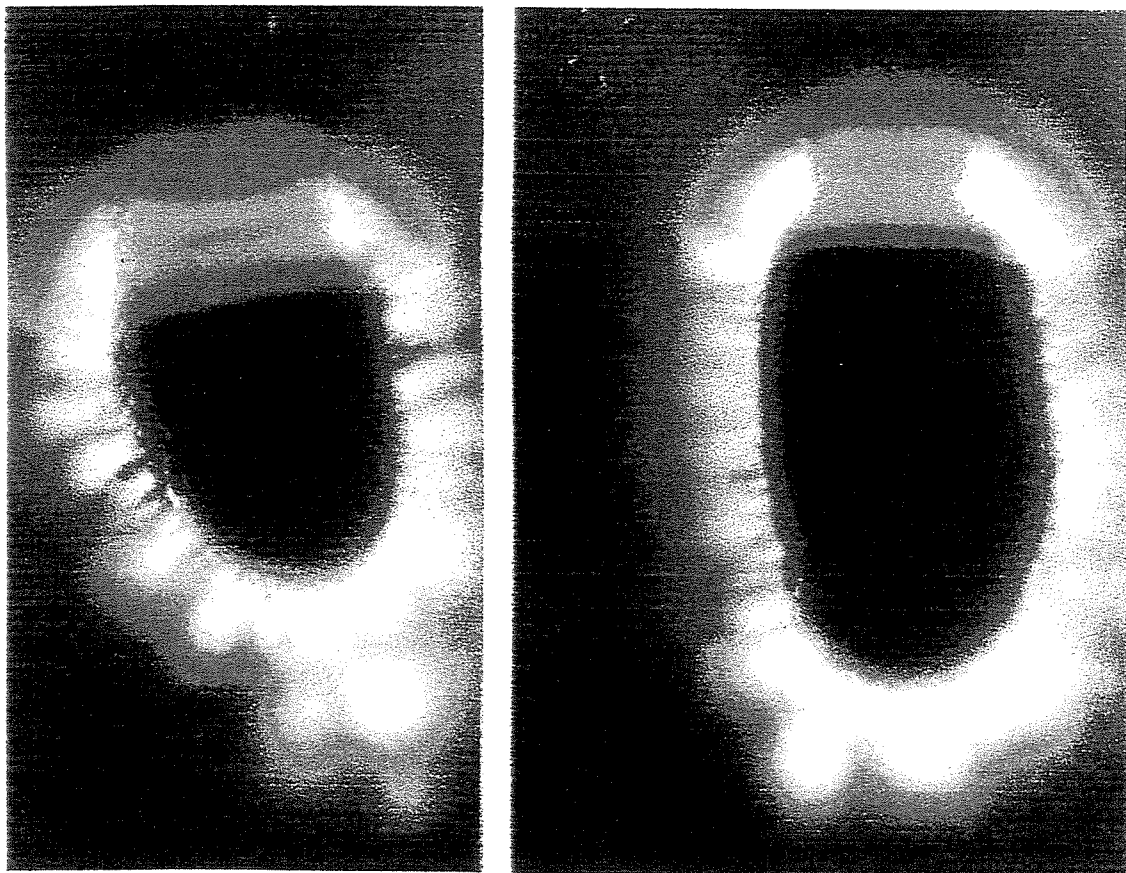
Apenas o Jefferson, continua com sinais de egocentrismo, inclusive na observação desse comportamento.

As bolas brancas, sinal de stress e cansaço, na Cleiciane, no Gustavo, na Amanda, no Guilherme e Felipe ainda aparecem. No Jefferson, em que

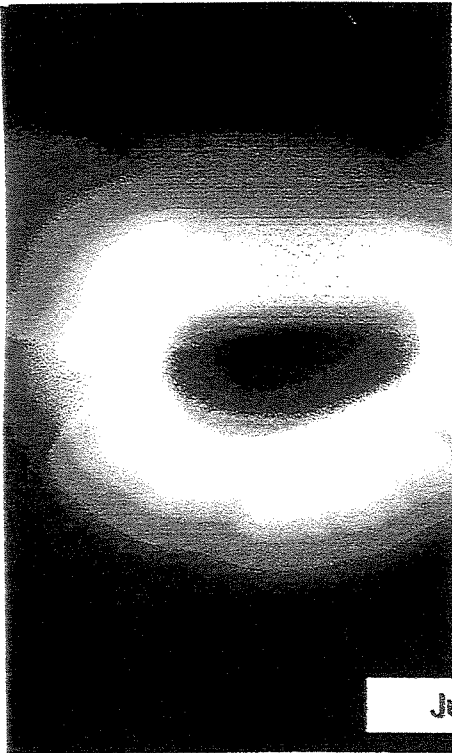
não havia tal manifestação, nessa última foto elas apareceram bem nitidamente, o que leva a crer que talvez esteja passando por alguma situação especialmente difícil em casa. Os demais, na última foto, não mais apresentam essas características.

Conclui-se portanto, utilizando a pesquisa já realizada por Milhomens, que as técnicas e exercícios aplicados nesta pesquisa, contribuem para um desenvolvimento mais equilibrado e harmonioso da criança.

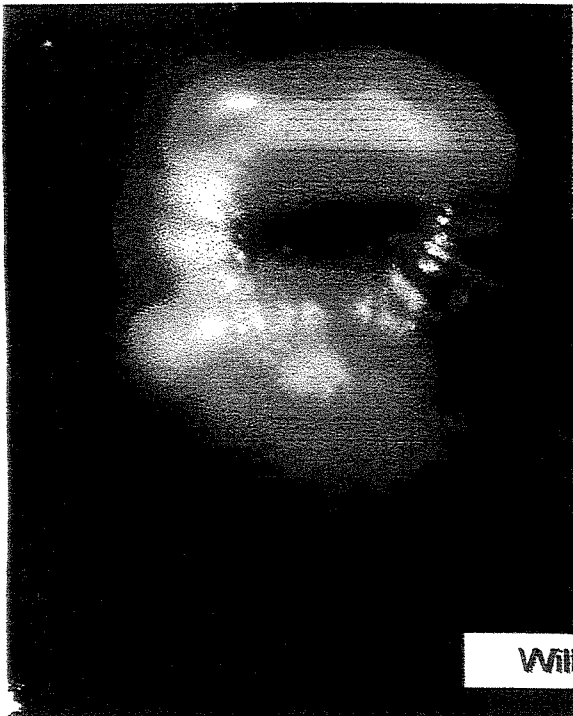
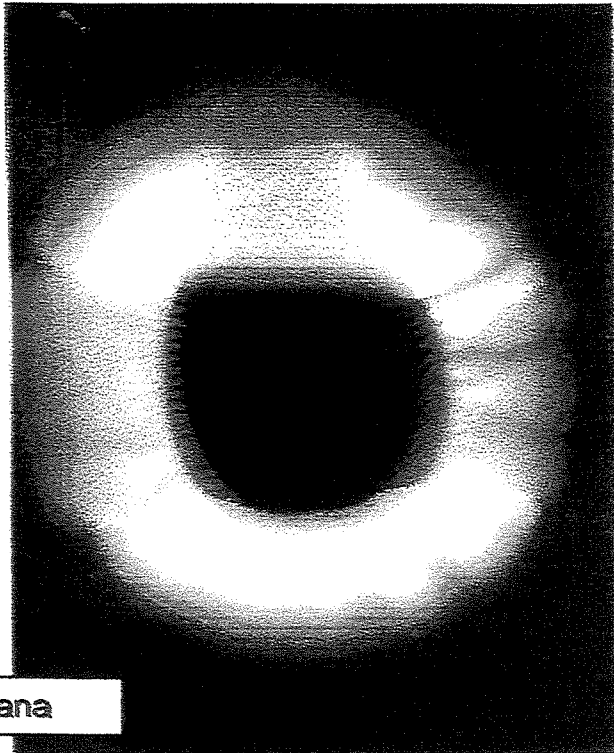
As fotos a seguir mostram alguns exemplos dos resultados obtidos, comparando-se a primeira e a última foto:



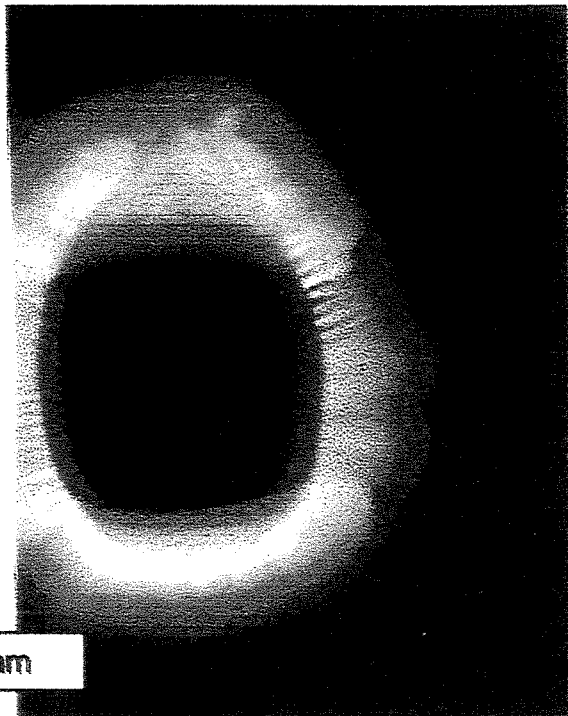
CLEICIANE

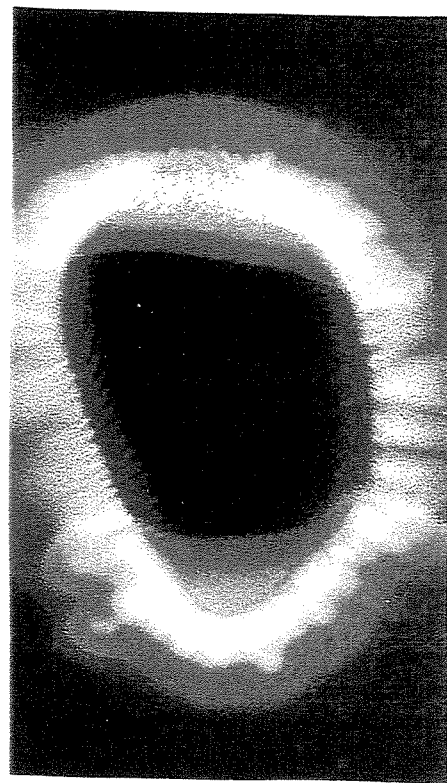
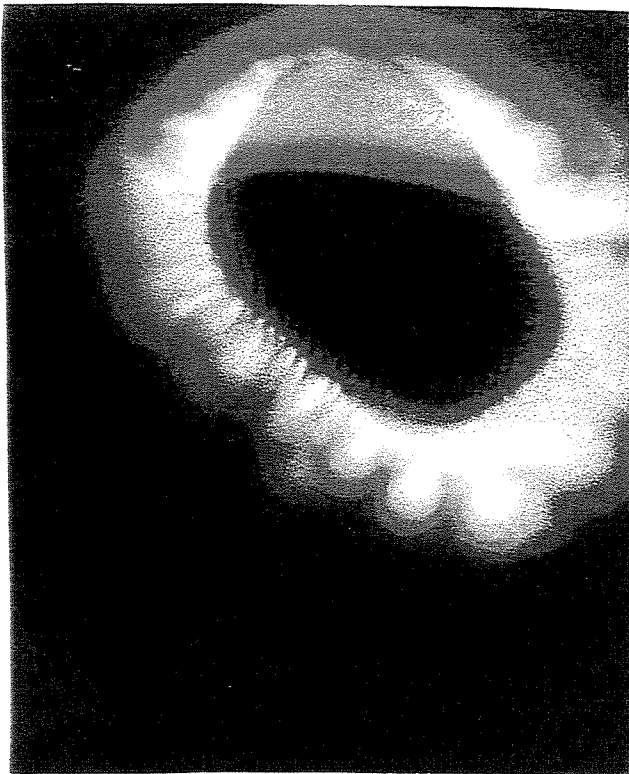


Juliana

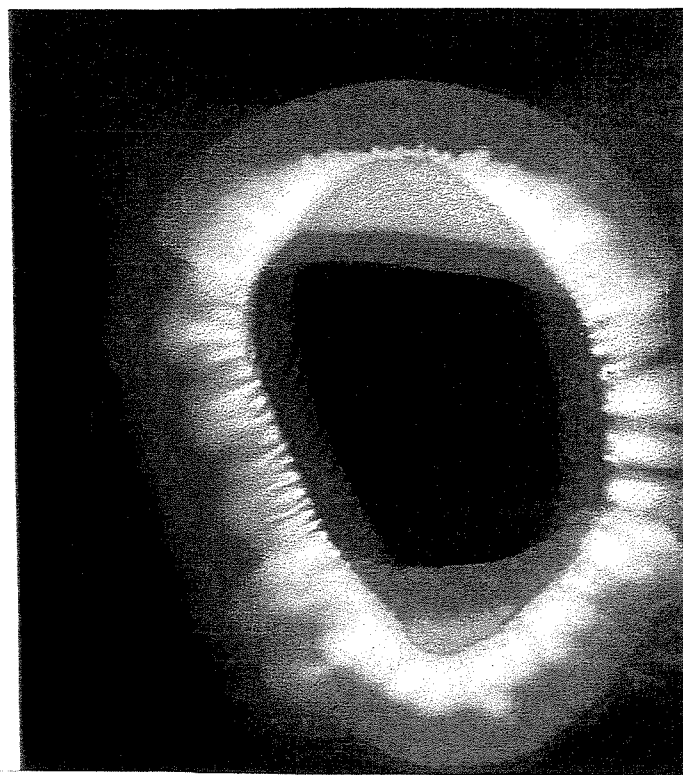
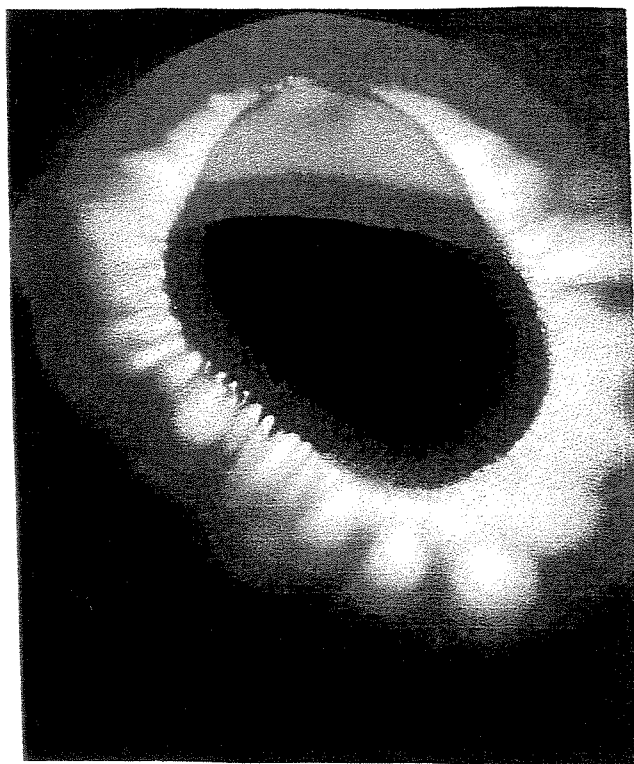


William

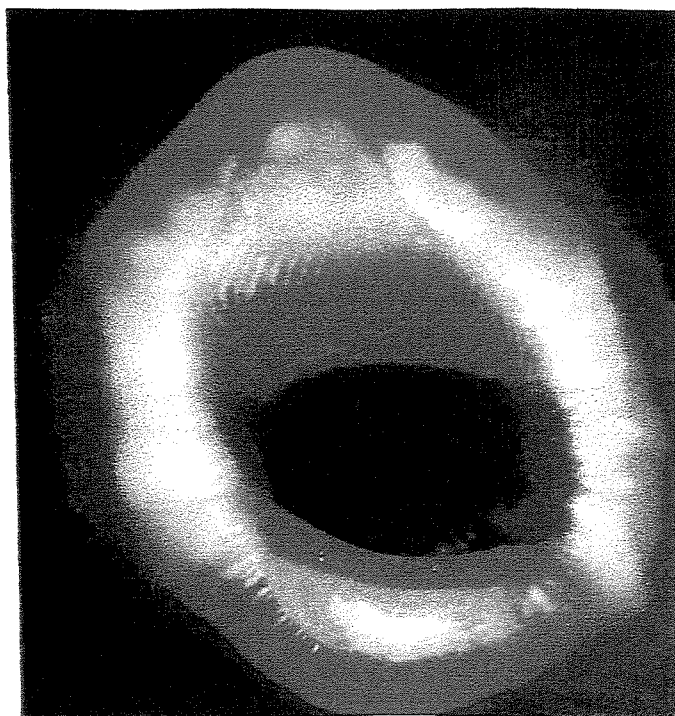
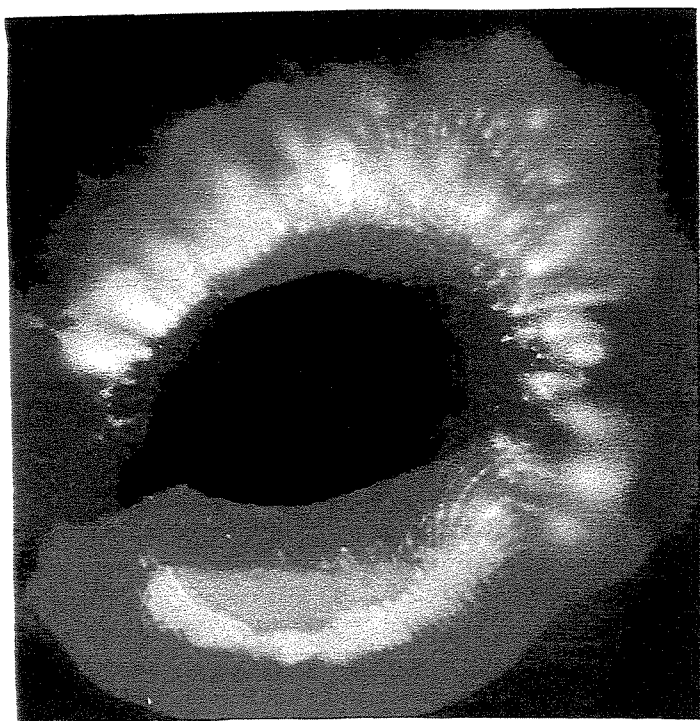




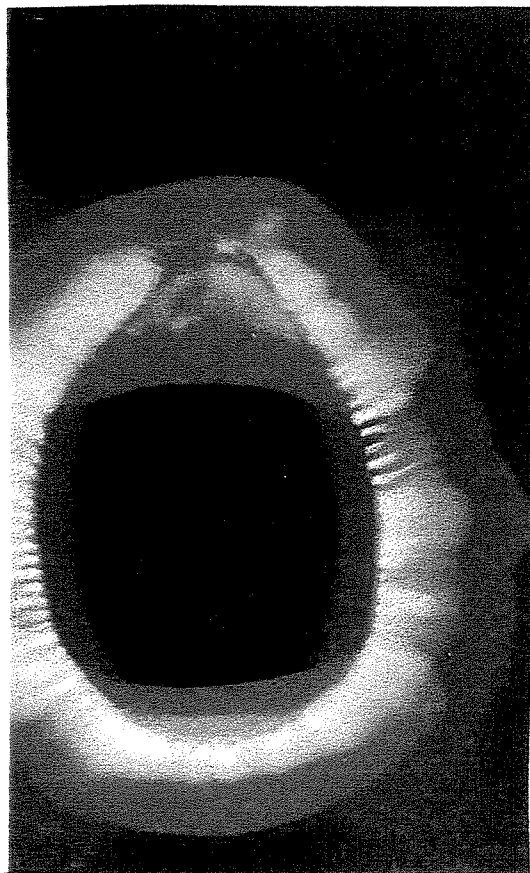
GUILHERME



CLEITON



DÉBORA



EMERSON

A Kirliangrafia, mesmo sendo objeto de muitas críticas, corroborou nesta Pesquisa, despertando inclusive o nosso desejo de aprofundamento nesse Estudo da aura, uma vez que os resultados coincidem realmente com o que é Definido por Newton Milhomens e outros estudiosos deste campo.

CAPÍTULO 6

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Levando-se em conta as dificuldades iniciais para adequar técnicas e exercícios à criança, uma vez que as pesquisas já elaboradas nessa área de estudo estão formuladas para a clientela adulta, muitas vezes de forma que as torna inatingíveis para a mentalidade infantil, supomos ter encontrado um ponto de partida, que servirá de subsídio para desenvolvimento posterior.

No início deste trabalho, assim como ao concluí-lo, queremos manter firmes as palavras de Walsh Roger e Frances Vaughan em seu livro "Além do Ego":

A questão mais importante de nossa era consiste em como fazer da educação um recurso mundialmente disponível, para promover o amadurecimento ao longo de toda a vida do indivíduo, desde o enriquecimento na infância até o desenvolvimento transpessoal. (1991:115)

Do ponto de vista da Psicologia Transpessoal, essa questão só pode ser resolvida através da harmonização entre corpo, mente e energia universal. Como afirma Carlos França (1988), em sua obra "Força Interior": "Apesar da nossa pequenez, não estamos fora de uma ordem que rege o sistema cósmico como um todo". (p.10)

A sensibilização para o uso dessa energia vem acompanhada de auto-compreensão, auto-limitação, auto-avaliação e auto-aceitação, como também da compreensão, limitação, avaliação e aceitação do outro, partindo de princípios de bondade, colaboração, etc., aplicados nas histórias e conversas informais.

As técnicas e exercícios de relaxamento, de visualização, o treino dos pensamentos agradáveis, proporcionando momentos de leveza e descontração às crianças, favoreceram a imaginação criativa, mostrando

outros "modus vivendi", a surpresa do "novo", direcionando seus pensamentos para além da superficialidade do ser, para situações que nem imaginavam existir.

A massagem em si e no outro contribuiu para o alívio das tensões, para a aceitação de seu próprio corpo, favorecendo o contato físico, manifestando assim o lado afetivo de cada um.

Os exercícios respiratórios, além de favorecer o fluxo sanguíneo e a oxigenação de todo o corpo, fizeram com que percebessem seu próprio corpo.

Através dos jogos afetivos e sensoriais, houve maior integração do grupo, propiciando noções básicas de regras, respeito, que mesmo não sendo lembrados com frequência, deixarão no íntimo dessas crianças princípios que poderão servir de trampolim para novas conquistas.

Os laços afetivos estabelecidos durante essa pesquisa de campo, sem dúvida, supriram a carência afetiva tão notória no meio em que vivem.

Mais uma vez, ficou clara a importância de educadores que possam enxergar essa realidade, a necessidade do "olhar transpessoal", para que as crianças se sintam compreendidas e possam desabafar, não para sofrer sofrer recriminações e sim para receber orientação.

A incerteza inicial sobre a validade, ou não, desta pesquisa, foi-se dissipando à medida em que observávamos o grupo, porque foi surgindo um outro tipo de envolvimento, uma comunhão, que se sentia ser algo além do palpável. Percebíamos isso em vários momentos, apenas com o olhar.

A frase: "Algumas pessoas sorriem com os olhos", de autor desconhecido, cabia muito bem na experiência que estávamos vivenciando.

A agressividade excessiva deu lugar àquela considerada normal nesse período em que estão descobrindo o mundo. Quando não, mudou de forma, passando a ser auto-detectada e auto-avaliada, substituída por atitudes melhores.

A ansiedade diante de coisas e fatos, do não saber esperar, das expectativas exageradas, acredita-se ter sido amenizada, à medida em que o grupo foi modificando alguns de seus valores materiais, passando a valorizar também a riqueza espiritual.

BIBLIOGRAFIA

- ADLER, Alfred. "A Ciência da Natureza Humana". 6ª ed. São Paulo, Nacional, 1967.
- AKIYA, Einosuke. Introdução ao Budismo. 3ª ed. São Paulo, Editora Brasil Seiko, 1983.
- ASSAGIOLI, Roberto. Psicossíntese: manual de princípios e práticas. São Paulo, Cultrix, 1987.
- BARDIN, Laurence. Análise de Conteúdo. Lisboa, Edições 70, 1977.
- BOADELLA, David. Nos Caminhos de Reich. São Paulo, Summus, 1985.
- BRANDÃO, D. M. S. CREMA R. (ORG.). Visão Holística em Psicologia da Educação. São Paulo, Sumus, 1991.
- BUSTOS, M. Dalmiro e colaboradores. Psicodrama. 2ª ed. São Paulo, Sumus Editorial, 1982.
- FRANÇA, Carlos. Força Interior. 1ª ed. São Paulo, Pensamento, 1988.
- FREUD, Sigmund. "Inibições, Sintomas e Ansiedade" In: Obras Psicológicas Completas, v: XX, Trad. Cristiano M. Oiticica, Rio de Janeiro, Imago, 1976.
- GAWIN, Shakti. Visualização Criativa. São Paulo, Pensamento, 1990.
- GROF, Stanislav. Além do Cérebro. São Paulo, Pensamento, 1994.
- HORNEY, Karen. Neurose e Desenvolvimento Humano. 3ª ed. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1974.
- HALPEN, Steven. Som e saúde. 2 ed. Rio de Janeiro, Tekbox, 1987.
- JUNG, Carl Gustav. Obras Completas de C. G. Jung, vol. XVI "A Prática da Psicoterapia". Petrópolis, Vozes, 1981.
- JUNG, Carl Gustav. Obras Completas de C. G. Jung, vol. VIII "Sincronicidade". Petrópolis, Vozes, 1984.
- LUCAS, Miguel. Equilíbrio Total Através da Parapsicologia. 3ª ed. São Paulo, Almed Editora, 1983.
- MAY, Rollo. Eros e Repressão- amor e vontade. Petrópolis, Rio de Janeiro, Vozes, 1973.

- MILHOMES, Newton. Fotos Kirlian: como interpretar. 6ª ed. São Paulo, Ibrasa, 1988.
- MILHOMES, Newton. O Modelo Energético do Homem: uma hipótese de trabalho. 3ª ed. São Paulo: Ibrasa, 1988.
- MILHOMENS, Newton. O Misticismo à Luz das Ciências. 1ª ed. São Paulo, Ibrasa, 1997.
- NYE, Kum. Técnicas de relaxamento. 3 ed. São Paulo: Pensamento. 1989.
- RANK, Otto. "El Trauma del Nacimiento". Buenos Aires, Editorial Paidós, 1961.
- ROBERTS, Ursula. O Mistério da Aura Humana. São Paulo: Pensamento, 1950.
- STORR, Anthony. La Agressividad Humana. 5ª ed. Madrid, Editora Alianza, 1991.
- SEGAL, Hanna. Introdução a Obra de Melanie Klein. Rio de Janeiro: Imago Editora, 1975.
- TABONE, Márcia. A Psicologia transpessoal: introdução a uma nova visão da consciência em Psicologia e Educação. São Paulo, Cultrix, 1987
- TART, Charles T. Transpersonal Psychologies. Edited by Charles T. Tart, El Cerrito Califórnia, 1983.
- WALSH, Roger N. e Vaughan, Frances. Além do Ego: Dimensões Transpessoal em Psicologia. São Paulo: Pensamento, 1991.
- WAMBACH, Dra. Helen. Recordando Vidas Passadas. São Paulo, Pensamento, 1978.
- WEIL, Pierre. Consciência Cósmica: Introdução à Psicologia Transpessoal. Petrópolis: Vozes, 1987.
- WILBER, Ken. Um Deus Social. São Paulo, Cultrix, 1987.

ANEXO 1

RELATÓRIO DAS SESSÕES DE ATIVIDADES TRABALHADAS

JUNHO

1ª SESSÃO - 05 de junho de 1998 (sexta-feira)

1º Momento

Sentamos as crianças em círculo, e foi explicado que durante o semestre estaríamos trabalhando com algumas atividades diferentes daquelas a que estavam habituadas. Explicamos o que é relaxamento, qual a importância dos jogos, de uma boa respiração, de ver o mundo de muitas maneiras. Falamos sobre família, consideração, amizade, direitos e deveres, a importância da cooperação e participação deles.

Obs: Pareciam encabulados e curiosos.

2º Momento

Com uma bola na mão, explicou-se que a bola seria jogada para uma criança e ela teria que dizer seu nome e retornar a bola . Depois seria jogada para outra e assim por diante.

3º Momento-

Nesse dia foi lida a estória "O Pequeno Herói da Holanda" do livro 'As Virtudes das Crianças" de Willian J. Bennett, cujo capítulo trabalha com Coragem e Perseverança.

Obs: Tivemos que repetir várias vezes a palavra perseverança e mesmo assim, nem todos conseguiram pronunciá-la.

Alguns pareciam distantes e não prestaram muita atenção na estória, outros contaram casos que acreditavam estar ligados a "Perseverança".

Difícil f oi fazer com que deixassem o amiguinho terminar para chegar a sua vez.

Ficou evidente que, nessa primeira sessão, já havíamos estabelecido um elo de amizade.

2ª SESSÃO- dia 08 de junho de 1998 (2ª feira)

1º Momento:

Sentamos em círculo, fizemos as apresentações com a bola novamente. Foi apresentado às crianças um cartaz com a palavra “Perseverança” e depois o colocamos na parede da sala. Repetimos a palavra mais algumas vezes, ensaiou-se um versinho sobre o mesmo tema e conversamos sobre o significado do verso.

2º Momento:

Iniciou-se a sessão com o jogo “A Ponte”.

Guilherme Alves, Amanda e Júlio Cezar, não quiseram tomar parte, pelo menos de início. Depois, todos participaram e acharam muito divertido, principalmente porque nós, adultos, rolamos sobre eles.

Obs: Parece que gostaram da brincadeira e nesse dia, estabelecemos um belo laço de afetividade. Tentavam se aproximar, pediam um beijo, já não havia estranheza entre nós.

3º Momento:

Fizemos novamente um círculo e discutimos sobre o jogo: o que faltou para que a Ponte fosse segura, perfeita?

Alguns acusaram o outro de ter levantado a perna, de ter ficado de barriga para cima, de ter deixado espaço, etc.

Os que foram criticados se mostraram hostis.

3ª SESSÃO - dia 10 de junho de 1998 - (quarta-feira)

1º Momento:

Aproveitou-se o horário em que costumam dormir, logo após o almoço, para anunciar que seria tocada uma fita de relaxamento.

Pediu-se primeiramente que permanecessem sentados em seus colchõezinhos e foi explicado o que era *contrair, descontraí, esticar, inspirar e*

expirar. Logo depois foram mostrados alguns recortes de paisagens que continham uma cachoeira.

O material foi recolhido e conversamos sobre as paisagens. Alguns contavam que conheciam uma cachoeira, outros que só tinham visto na televisão e assim por diante.

2º Momento:

Quando já estavam deitados, colocou-se a fita e foi pedido que prestassem atenção no que ouviam. Escolheu-se o exercício "A Fonte e sua Cascata", que os induzia a imaginar que estavam num lugar muito bonito, calmo, com uma cachoeira na qual podiam banhar-se, e assim por diante.

Repetiu-se a fita três vezes.

Uns quatro alunos acharam engraçado e não se concentravam, enquanto que outros, antes mesmo do final da sequência, já estavam dormindo. Juliana chorou.

3º Momento:

Quando acordaram, os colchõezinhos foram guardados enquanto se aplicava a atividade do "Monstro". Felipe e Guilherme estavam desligados da brincadeira e, por fazerem barulho, foram censurados pelos colegas.

Sentamos em círculo e, informalmente, conversamos sobre as atividades do dia.

Todos queriam falar ao mesmo tempo e precisamos entrar num acordo. Percebeu-se que alguns tinham prestado atenção em apenas certos trechos da fita. Outros, com muita dificuldade de concentração, não estiveram atentos à fita, e sim à situação nova, diferente, pela qual estavam passando, como simples observadores. Alguns conseguiram visualizar sua paisagem, descrevendo-a para nós. Juliana, que havia chorado, disse que a fita era triste.

Conversando em particular com Juliana, apuramos que, na sua paisagem, ela sentia-se muito só, tinha medo, por isso chorou.

4º Momento:

A monitora, corroborando com o trabalho, achou importante revelar que Juliana é filha única, e que seus pais brigam muito. Pareceu-nos lógico

concluir que a menina se sentia muito só, isolada, quando o casal brigava, e que sua solidão havia sido transportada para a paisagem que visualizara.

4ª SESSÃO-15 de junho- (2ª feira)

1º Momento:

Aproveitando o mesmo horário do dia anterior, repetiu-se a mesma fita de relaxamento.

Acharam "super legal" e, com exceção do Evaldo e do Guilherme, todos pareciam estar empenhados em imaginar o que era pedido.

Desta vez, a maioria dormiu antes que a fita fôsse repetida pela segunda vez.

Os dois alunos citados acima não dormiram mas, de vez em quando, entre uma brincadeira e outra, pareciam estar prestando atenção na fita. Gustavo fazia muitas perguntas e foi-lhe pedido que deixasse as perguntas para depois, para não atrapalhar os coleguinhas. Como só conseguisse ficar quieto por pouco tempo, foi-lhe explicado, em particular, o porquê da necessidade de silêncio. Voltou carrancudo para o seu lugar.

Juliana não chorou, mas se emocionou várias vezes e seus olhos se encheram de água. Deitei-me ao seu lado e conversamos baixinho. Falou novamente que a fita era triste. Expliquei que, como dependia de sua imaginação, ela poderia criar um lugar alegre, com flores, bichinhos, perto da casa de uma pessoa que ela gostasse, e que ela só iria lá para brincar. A garota sorriu, ficou quietinha e logo dormiu.

2º Momento:

Guardaram os colchõezinhos, e, sem que combinássemos nada, alguns alertavam os outros sobre o Monstro, mas nem todos entraram na situação, respondendo ao amiguinho que ele não mandava em nada. Houve alguns empurrões como resposta.

Observamos, sem interferir.

Fomos sentar-nos embaixo de uma árvore que há no pátio, para conversar.

Vitor Micolli disse que desta vez viu sua cachoeira direitinho, mas que não entrou porque era muito funda. Débora comentou que toda hora ela

pensava em outra coisa e sua paisagem sumia. Juliana revelou que havia imaginado seu lugar no quintal da casa da avó e que assim ficou legal, só que ela dormiu e assim não deu para ver os bichinhos.

Willian disse que da vez anterior pensava sempre em outras coisas, mas que desta vez havia conseguido ver a sua paisagem. Julio e Cleiton não paravam quietos, nem prestaram atenção no que diziam os amigos.

3º Momento:

Como já estávamos sentados em círculo, fizemos massagem um no outro, em trenzinho. Pareciam gostar da atividade. A maioria sentia cócegas e ria muito.

Quando terminou, confirmaram achar muito bom aquele exercício.

5ª SESSÃO- dia 17 de junho (4ª feira)

1º Momento:

Nesse dia, seria iniciada a sessão de fotos Kirlian.

Fomos para o parque e foi explicado, de uma maneira que pudessem entender, qual o trabalho que seria realizado e, com a máquina ainda sem filme, treinamos o que tinham que fazer. Cada um queria ser o primeiro. Com a cooperação da professora, deixamos que ficassem brincando no parque e explicamos que iríamos chamando de um em um.

A todo momento vinha um e dizia que ainda não tinha sido chamado. Outros, que já tinham tirado a foto, tentavam nos enganar para tirar outra vez.

2º Momento:

Andamos pelo parque e cada criança queria mostrar o que sabia fazer nas barras ali existentes, e em outros brinquedos. Foi uma verdadeira sessão de exibição e ficavam muito contentes a cada elogio.

6ª SESSÃO- dia 23 de junho (3ª feira)

1º Momento:

Logo de início perguntaram sobre as fotos. Foi pedido que sentassem em círculo para que pudessem examiná-las.

Já na primeira foto , o círculo se desfez, porque não tinham paciência para esperar. A distribuição tornou-se confusa, mas as reações muito claras: alguns estavam intrigados, outros desconfiados, e todos decepcionados. Embora mostrassem um para o outro a sua foto, a decepção era visível.

Fizeram muitas perguntas, entre elas:

- É tudo igual, como você sabe que eu sou eu?
- Por que eu vejo meu dedo diferente?
- Para que serve isso?
- Por que aqui é vermelho e aqui azul?
- Como eu não vejo meu dedo assim?

Foi explicado que existem muitas coisas que nós não vemos, como por exemplo: o ar, Deus, ondas sonoras, micróbios, etc. Que algumas coisas só podem ser vistas através de certos aparelhos, e que temos uma energia invisível em volta de nós, só visível quando fotografada por uma máquina do tipo daquela que estávamos usando.

Tal conversa parecia ser muito complicada para eles e resolveram mudar de assunto.

2º Momento:

Foi escolhida a atividade “O Espelho” e houve confusão na hora de formar os pares, pois alguns não queriam ter como parceiro determinado colega, mas enfim conseguiu-se chegar a um consenso.

A princípio houve uma certa dificuldade em imitar os gestos dos amigos. Gustavo reclamava que os movimentos de seu parceiro, no caso o Júlio, eram muito rápidos . Júlio disse que o amigo era "uma lesma".

Foi inevitável nossa interferência, na tentativa de acalmar os ânimos . Passados os primeiros momentos, pareciam se divertir muito.

Emerson, por errar muitas vezes, parou de brincar e sentou-se no chão, aborrecido.

A maioria se entendeu e não queria parar de brincar.

7ª SESSÃO- 25 de junho(5ª feira)

1º Momento:

Iniciou-se a sessão com o jogo "A Ponte". Eles gostaram e quiseram repetir várias vezes. Não obstante Guilherme tentasse deixar espaço para que o amigo caísse no vão e Emerson levantasse a perna com a finalidade de atrapalhar o colega, de um modo geral a participação foi boa.

2º Momento:

Pediram para brincar de "Espelho" e Emerson deu o contra, por ter errado muitas vezes e saído do jogo na sessão anterior. Porém, como seu parceiro, desta vez, era seu melhor amigo, resolveu participar. Logo todos enjoaram da brincadeira, pois o dia estava muito quente e suavam muito.

3º Momento:

Fizemos um círculo, e passamos para a "Auto-Massagem". Riam muito quando tinham que massagear a lado do bumbum, surpresos com a frequência e naturalidade com que essa palavra passou a ser usada.

Nesse ponto, ficou claro que já tínhamos estabelecido uma amizade baseada em confiança, desejo de estar juntos e carinho.

8ª SESSÃO- 29 de junho (2ª feira)

1º Momento:

Foi introduzida outra fita de relaxamento: "O Desabrochar de uma Rosa".

Explicamos o que era o desabrochar, o que era um botão de rosa e insistimos na necessidade de concentração para aquela atividade.

Emerson fingia estar prestando atenção e, quando acreditava não estar sendo observado, mexia com o colega ao lado. Guilherme estava bastante agitado. Gustavo interrompeu várias vezes, com assuntos totalmente diferentes. Cleiciane tentava distrair as amigas ao seu lado, parecendo querer medir forças. O restante, depois de ouvir a fita, dormiu.

2º Momento:

Após terem acordado, foi perguntado se queriam falar sobre a nova fita. De um modo geral, demonstraram ter gostado. Amanda disse que era gostoso dormir com essas fitas. Thaminy sugeriu que da próxima vez tivéssemos na sala uma rosa.

3º Momento:

Aproveitamos os colchõezinhos no chão e fizemos o exercício "O Equilíbrio". Dobravam as pernas, soltavam o corpo, tentavam "sacanear" o outro, davam muitas risada, não faltando alguns empurrões e ofensas. Depois de várias tentativas, alguns pares conseguiram o solicitado, ainda que só por alguns segundos.

4º Momento:

Arrumamos a sala, aproveitando a atividade do "Monstro", e novamente houve brigas.

Sentamos em círculo e foi pedido que avaliassem o seu desempenho nessa atividade.

Um criticou o outro, e chegamos a um consenso: faltou *perseverança* e houve bagunça demais. Foi lançado um desafio para a próxima sessão.

JULHO

9ª SESSÃO - dia 2 de julho (5ª feira)

1º Momento:

Iniciou-se a sessão com a pergunta:

– O desafio do exercício "O Equilíbrio", ainda está de pé?

Foram unânimes em responder com entusiástico "sim".

Começamos a pegar os colchõezinhos para forrar a sala e um já estava ameaçando o outro: "Se você me deixar cair, você está "fudido"; vou te pegar viu "muleque", se você me "zuar".

Antes de começar, foram alertados quanto às dificuldades dessa atividade, e receberam algumas "dicas" que os ajudariam. Também falamos sobre a impotência de confiar no amigo e a importância de ser merecer de tal confiança.

Mesmo assim, nem todos tiveram sucesso. Alguns não se soltavam de jeito nenhum. Sempre achavam que iam cair, dobravam as pernas, não conseguiam parar de rir e assim por diante. Mas pelo menos houve algum esforço no sentido de realizar a contento aquele exercício.

10ª SESSÃO- dia 8 de julho (4ª feira)

1º Momento:

Iniciamos nosso trabalho com o exercício do “Sábio”.

Estendemos os colchõezinhos, foi ligado o toca-fitas com o som de um piano, bem baixinho, e lentamente foi falada a sequência do exercício, pedindo bastante concentração. Alguns iam dizendo em voz alta o que estavam imaginando. Mesmo explicando que depois teriam um momento para contar o que estavam vendo, vez ou outra alguém falava em voz alta.

Cleiton e Evaldo pareciam não conseguir concentrar-se, conversaram algumas vezes, ficaram rolando em seus colchõezinhos, tentando desviar a atenção de seus colegas.

2º Momento:

Pediu-se que sentassem e perguntou-se se alguém queria falar sobre a atividade. Novamente vários queriam falar ao mesmo tempo, ansiosos por contar sua experiência. A maioria, ao receber a caixinha do sábio, ao abri-la encontrou um carrinho, brinco, dinheiro, anel. Willian disse que em sua caixinha havia uma aranha.

Ricardo não quis falar. Evaldo disse que tinha esquecido e Cleiton aproveitou para dizer que também havia esquecido.

A maioria deu a caixinha à mãe, e a mãe havia gostado do presente. Apenas o Guilherme deu a caixinha ao primo e disse que seu primo não gostou do presente porque ele era muito bagunceiro.

3º Momento:

Numa conversa informal, explicou-se a importância de se ter pensamentos bons. Damos uma orientação sobre “Pensamentos Agradáveis ao Adormecer e Despertar”. Como exemplo foi sugerido: “Eu sou bom, alegre e feliz”; “Estou me tornando cada vez melhor”. “Sou uma criança boazinha”. “Respeito meus amiguinhos e as outras pessoas”; “Estou calmo e tranquilo. Hoje tudo vai dar certo”, “Nem as pessoas, nem as coisas podem modificar a minha paz”, “Tenho saúde e sou muito inteligente”. “Estou aprendendo cada dia mais coisas”.

Todos pareciam ouvir com atenção e fizeram alguns comentários, como por exemplo: "Eu peço para Jesus cuidar de mim, antes de dormir" , "Eu peço para o Deus me ajudar".

4º Momento:

Com o exercício do "Monstro", guardamos os colchõezinhos e todas as crianças estiveram empenhadas em não acordá-lo.

11ª SESSÃO- dia 10 de julho (6ª feira)

1º Momento:

Formamos um círculo e iniciamos a sessão com uma conversa sobre os "Pensamentos Agradáveis ao Adormecer e Despertar". Pergutamos se estavam praticando o exercício, e todos responderam afirmativamente.

Muitos não quiseram falar, outros haviam decorado as frases usadas como exemplo em classe. Amanda e Guilherme fizeram comentários diferentes. Ela havia pensado em tudo de bom para ela: ser boazinha, estudiosa, obediente e feliz, e que assim o diabo não ia chegar perto dela, porque ele estava "bonzinho". Guilherme disse que estava pensando "no Deus" e que sonhou com um leão correndo atrás dele. Então, Deus apareceu e fez o leão ficar bonzinho.

2º Momento:

O objetivo nesse dia foi trabalhar com "Técnicas de Concentração". Separamos as crianças em grupos de quatro, sentadas em círculo, e foi colocada uma rosa vermelha no meio de cada círculo. Solicitamos que olhassem atentamente para a rosa e que observassem cada detalhe dela.

Depois foi pedido que fechassem os olhos e imaginassem algo que desejavam muito e que tentassem visualizar-se já possuindo essa determinada coisa.

Após um certo tempo, foi pedido para que abrissem os olhos e falassem sobre o que tinham imaginado. Todos desejavam algum tipo de brinquedo e disseram que foi bom brincar com o que queriam, acrescentando que havia promessas de ganhar esse ou aquele, mas que teriam que esperar o Natal, o aniversário, coisas assim.

3º Momento:

Perguntou-se sobre o que tinham observado na rosa, agora ausente. Falavam ao mesmo tempo e um conversava com o outro contando o que tinha visto. Uns concordavam e outros permaneciam em silêncio, parecendo tentar visualizar detalhes que eles mesmos não tinham observado e o colega sim.

Fomos para o parque observar outras plantas, suas semelhanças e diferenças. Estavam muito entusiasmados com as suas descobertas.

Aproveitamos para fazer uma comparação com as pessoas: umas são diferentes das outras, assim como na natureza.

12ª SESSÃO- dia 14 de julho (3ª feira)

1º Momento:

Foram tiradas mais fotos Kirlian, assim que chegamos.

2º Momento:

Depois que almoçaram, quando iam dormir, novamente foi colocada uma fita de relaxamento que continha os dois exercícios anteriores: "A Fonte e sua Cascata", e o "Deabrochar de uma Rosa".

Todos dormiram. Uns logo de início, e os outros aos poucos. Talvez porque o dia estivesse frio.

Quando um ou outro começou a acordar, comentaram sobre sua paisagem, que agora já viam direitinho. Nada comentaram sobre a rosa.

Novamente usamos o exercício do "Monstro" para guardar os colchõezinhos, por iniciativa deles próprios.

3º Momento:

Fizemos um círculo e a atividade foi outro exercício de relaxamento: "A Chuva". Todos fizeram os gestos solicitados e pediram para repetir.

4º Momento:

Foram distribuídos alguns livros de histórias e tiramos novas fotos, com o objetivo de compará-las, as de antes com as de depois dos exercícios.

13ª SESSÃO- dia 16 de julho (5ª feira)

1º Momento:

Iniciamos com a atividade “O que é, o que é?”.

Foram usados os sons: de um apito, palmas, estalar os dedos, a língua, o barulho de beijo, garrafa com garrafa, água da garrafa jorrando para um copo, apito, bater a porta, abrir da porta do armário de ferro, chocalho, etc.

Mesmo explicando as regras do jogo, alguns respondiam quando não era a sua vez. Tivemos que reiniciar o jogo várias vezes.

Os que não obedeceram as regras foram repreendidos pelos próprios coleguinhas. Mesmo assim, de vez em quando, um tentava “soprar”, quando o colega errava.

Alguns barulhos foram difíceis de serem reconhecidos por eles.

2º Momento:

Passamos para a atividade “Adivinha quem é?”.

Aqui também tentavam “soprar” quem era, outros se aborreciam por não chegar logo a sua vez, insistindo em tomar a vez de alguns coleguinhas.

Quando enfim compreenderam as regras, muitos não queriam parar de brincar.

Houve um certo equilíbrio entre acertos e erros.

AGOSTO

14ª SESSÃO- dia 5 de agosto (4ª feira)

1º Momento:

Estavam muito agitados e trabalhou-se com a atividade “Sobrou para a Almofada”.

A classe foi dividida em dois grupos. Todos foram bastante agressivos, bateram pra valer na almofada, e acharam graça.

Não entenderam o espírito da brincadeira e só pensaram em coisas ruins.

A brincadeira foi interrompida e conversamos sobre nossas atitudes diante das coisas que nos desagradam e que tomamos atitudes diferentes diante de fatos diferentes. Teriam que ser verdadeiros.

Repetimos a atividade 3 vezes a pedido deles. Porém, pareciam querer demonstrar força e foram bem agressivos.

2º Momento:

Mudamos para o jogo musical : “A Dança da Dobradiça”. Alguns pareciam constrangidos, outros não acompanharam o ritmo da música, mas gradativamente foram se enturmando e começaram a exagerar nos gestos. Houve alguns empurrões, propositais , que foram diminuindo conforme os censurávamos com o olhar.

Adoraram a brincadeira.

15ª SESSÃO- dia 7 de agosto (6ª feira)

1º Momento:

Pediram para repetir a “Dança da Dobradiça”.

Jefferson, Cleiciane e Evaldo não queriam essa atividade, mas logo depois acabaram entrando na dança. Passamos para a dança do “Mexe-Mexe”, que também agradou bastante.

2º Momento:

Estavam suados demais e sentamos em baixo de uma árvore, para contar uma estória. Escolhemos “A Tartaruga e a Lebre”. Ouviram atentamente. Evaldo pediu que fosse lida outra vez. A estória foi repetida, e depois conversamos sobre a importância da perseverança. Citaram exemplos deles próprios, e acusaram um colega ou outro de não ter perseverança mencionando exemplos de algumas brincadeiras deles no parque e nas atividades em sala de aula. Portanto, parecia que tinham entendido o sentido da palavra.

Queriam ouvir mais estórias e combinamos que no próximo encontro seria contada uma nova.

16ª SESSÃO-dia 11 de agosto (3ª feira)

1º Momento:

Logo de início alguns perguntaram se não íamos “brincar” de contar estória.

Fizemos um círculo e foi lida a estória “As Estrelas do Céu”. Alguns pensaram que a protagonista havia morrido ao cair da estrela e ficaram aliviados quando ela acordou em sua cama, deduzindo que era um sonho.

Pediram para repetir a estória do “O Pequeno Herói da Holanda”. A estória foi lida e comentaram que se não fosse o menino todos teriam morrido.

2º Momento:

Conversamos sobre a importância de uma boa respiração. Participaram fazendo perguntas que completavam o seu entendimento. Porém alguns, na ânsia de participar, faziam perguntas sem sentido, e acabavam sendo insultados pelos demais.

Passamos aos exercícios respiratórios e demorou para que chegássemos a um bom andamento.

3º Momento:

Foi solicitado que fechassem os olhos e imaginassem a si próprios, muito felizes, com saúde, etc.(Visualização).

Reforçou-se a necessidade dos pensamentos agradáveis ao adormecer e despertar.

Disseram que faziam o exercício todas as noites e ao acordar. Porém, alguns não pareceram verdadeiros em suas afirmações.

17ª SESSÃO- 13 de agosto (5ª feira)

1º Momento:

Pareciam agitados. Sentamos em círculo e fizemos exercícios respiratórios, passando a seguir para a “Auto-Massagem”.

Lentamente, acalmaram-se.

Formamos pares e foi pedido que um fizesse massagem no outro. A maioria executou o exercício com grande displicência.

2º Momento:

Foi sugerido o exercício do “Espelho”. Gostaram da idéia e, apesar de algumas reclamações quanto à pressa do colega, participaram sem se aborrecer.

3º Momento:

Pediram para brincar de “Quem é que é?”. Repetimos a atividade e desta vez quase não erraram ao descobrir quem estavam apalpando, embora tivessem dificuldade em dizer o nome da pessoa. Fizemos duas rodadas e na última já estavam respeitando melhor as regras do jogo.

18ª SESSÃO- dia 19 de agosto (4ª feira)

1º Momento:

Sentamos em círculo e, como pareciam muito agitados, fizemos alguns exercícios respiratórios. Faziam rapidamente e foi preciso repetir várias vezes, para que realizassem o exercício de forma satisfatória.

2º Momento:

Trabalhamos com a atividade “Sobrou para a Almofada”. Foram bastante agressivos. Alguns comentaram que estavam com raiva do irmão, outro do padastro, da mãe ou de um colega.

3º Momento:

Foi lida a estória do “Rei e do Falcão”, cuja moral adverte que devemos controlar o nosso temperamento.

Ficaram tristes com a morte do falcão e deram sugestões para que o rei não o matasse.

4º Momento:

Brincamos de “Construção da Ponte”, que agora estava bem mais organizada.

Gostavam de nossa participação, quando rolávamos sobre eles ou quando rolavam por cima de nós.

Disseram gostar muito dessas novas brincadeiras.

19ª SESSÃO- dia 21 de agosto (6ª feira)

1º Momento:

Arrumamos os colchõezinhos com a atividade “O Monstro” e fizemos exercícios respiratórios com fundo musical de piano.

-

2º Momento:

Foi solicitado que se deitassem. Tocamos a fita de relaxamento com os exercícios “A Fonte e sua Cascata” e o “Desabrochar de uma Rosa”.

Amanda parecia dispersa a princípio, mas depois prestou atenção. Willian achava engraçado. Evaldo ficou erguendo as pernas e os braços, numa atitude desafiadora, até que desistiu.

3º Momento:

Foi pedido que sentassem e que contassem o que viram, como se sentiam.

Débora disse que o lugar que tinha imaginado estava mais bonito, cheio de flores.

Julio contou que agora já via direitinho a sua paisagem e que era estranho virar flor.

Falamos sobre a importância de exercitar nossa imaginação.

4º Momento:

Passamos para a atividade “Adivinha Quem É?”. Ficou evidente que alguns já conhecem detalhes dos companheiros e conseguem identificá-los rapidamente.

20ª SESSÃO- dia 27 de agosto (5ª feira)

1º Momento:

Iniciou-se com os exercícios de visualização 1.

A turma foi dividida em três círculos, e foi colocada uma rosa vermelha no meio de cada círculo. Pedimos que a observassem atentamente. Passados alguns segundos, as rosas foram retiradas e as crianças começaram a contar quais os detalhes que haviam observado.

Disseram que as pétalas pareciam veludo, que o meio tinha um pózinho, que os espinhos eram bem grandes e assim por diante.

2º Momento:

A atividade agora seria a visualização 2, a qual pede que se vejam em situações alegres, de confiança, felizes.

Deviam fechar os olhos e percebermos que alguns sorriam enquanto pensavam. Cleiton, Cleiciane e Emerson abriam os olhos disfarçadamente e pareciam não conseguir concentrar-se.

Nos comentários, alguns revelavam estar passando férias na casa da avó, outros num parque de diversões, etc.

3º Momento:

Fomos para o parque e fizemos novas fotos Kirlian, enquanto brincavam. Cada um queria ser o primeiro e não foi fácil chegar a um acordo.

SETEMBRO

21ª SESSÃO - dia 1 de setembro (3ª feira)

1º Momento:

Sentamos em círculo e o exercício aplicado foi “O Homem da Neve”. Alguns pareciam dispersos, tentavam chamar a atenção dos colegas com risos e foram chamados a atenção por seus próprios colegas por estarem atrapalhando. Resolveram, portanto, pelo menos ficar quietos.

2º Momento:

Foi lida a estória “O Pequeno Raio de Sol”, do capítulo Compaixão e Fé. Alguns deram sugestões que lhes pareciam mais fáceis para levar o sol até a avó: comprariam uma cadeira de rodas, mudariam a avó de cômodo, ou poderiam se mudar de casa .

3º Momento:

Aplicaram-se jogos musicais: “Mexex-Mexex” e a “Dança da Dobradiça”.

Felipe, Emerson e Thamayne estavam envergonhados e demoraram a soltar os movimentos.

22ª SESSÃO - dia 3 de setembro (5ª feira)

1º Momento:

Arrumamos os colchõezinhos com a atividade “Arrumar a Casa do Monstro”.

Esforçaram-se para não fazer barulho, porém o Guilherme bateu o colchão em uma cadeira e levou um empurrão do Cleiton. Todos olharam zangados para o Guilherme, mas continuaram a brincadeira.

2º Momento:

Tentamos novamente a atividade “O Equilíbrio” e verificou-se que ainda têm dificuldades em relaxar e se soltar. Após várias tentativas, fizeram mais ou menos certo e confessaram seu medo de cair.

3º Momento:

Encerramos a sessão contando a estória do “Por Favor”, que sugere Trabalho e Civilidade.

Depois conversamos sobre a diferença de ser bem ou mal-educado e foram introduzidas outras expressões que deveriam ser usadas em momentos adequados.

Dramatizamos algumas situações e eles gostaram muito.

23ª SESSÃO - dia 10 (5ª feira)

1º Momento:

Iniciamos com o exercício “O Sábio”. Todos pareciam empenhados em imaginar o trajeto até a entrada e saída do templo.

Nos comentários, alguns viram o templo de alvenaria. Gustavo e Juliana disseram que era de pedra.

Todos viram o sábio velhinho.

Amanda ficou em dúvida se sua madrinha gostaria de recebê-la de presente e não soube responder o por quê. Willian foi o único que resolveu dar a caixinha para um colega de classe (Guilherme), os outros ofereceram para seus familiares. Guilherme, por sua vez, disse não gostar do presente, porque o Willian era bagunceiro e lhe batia sempre. Júlio achou bem feito o Guilherme receber o Willian de presente, porque ele também era bagunceiro e gostava de bater nos outros. Os demais pareceram concordar.

2º Momento:

Ana pediu por favor para ir ao banheiro, mostrando que tinha cuidado de seu "Por Favor". Débora pediu por favor para beber água. De uma forma ou de outra, todos queriam criar situações em que pudessem usar o por favor.

Foram elogiados e ficaram orgulhosos.

Pediram para brincar de "A Construção da Ponte".

Ainda se distraem bastante, alguns deixando buracos ou levantando as pernas propositalmente, com o que acabam se machucando.

Constantemente foi preciso chamar-lhes a atenção para que participassem da maneira correta.

3º Momento:

Passamos para a atividade "O Espelho", porém foi sugerido que usassem apenas expressões faciais.

Fizeram inúmeras caretas e pareciam se divertir muito. Desta vez não houve reclamações.

24ª SESSÃO - dia 16 de setembro (4ª feira)

1º Momento:

Trabalhamos com jogos musicais: "O Homem que o Trem Pegou", "Dança da Dobradiça" e "Mexe-Mexe".

Pareciam mais acostumados com a atividade e participaram mais à vontade, sem forçar tanto os movimentos.

2º Momento:

Sentamos em baixo de "nossa árvore", como eles disseram, e sentamos para descansar enquanto conversávamos.

Aproveitou-se a oportunidade para lembrá-los da importância dos pensamentos agradáveis ao adormecer e acordar, e foram instruídos no sentido de usarem as atividades de relaxamento quando estivessem sem sono, tentando imaginá-las mesmo sem a fita.

Pediram mais estória e foi contada "A Galinha Ruiva". Conversamos sobre a importância da colaboração, que é a moral da estória. Alguns quiseram falar sobre a ajuda que prestavam em casa ou sobre sua colaboração na escola ao varrer a classe, limpar as mesinhas, etc.

25ª SESSÃO - dia 18 de setembro (6ª feira)

1º Momento:

Era horário do soninho, colocou-se a fita de relaxamento . Demoraram para dormir. Débora Maria, Juliana e Felipe não dormiram e pediam para ir ao banheiro, beber água, mostrando-se impacientes.

A situação foi resolvida quando foram distribuídos alguns livros de histórias que havia na prateleira da sala e trocamos a fita por outra apenas de fundo musical. Assim, esperamos que os outros acordassem.

2º Momento:

Outra vez, tentamos o exercício do “Equilíbrio”. Pareciam mais soltos, mais confiantes um no outro, e levaram seus tombos mais na brincadeira.

Alguns tinham dificuldade em acertar e foi preciso trocar os pares para melhorar o desempenho.

3º Momento:

Arrumamos a sala com a atividade “Arrumar a Casa do Monstro”, por sugestão deles próprios. Jefferson parecia totalmente desligado, conseqüentemente fez barulho, falando em voz alta para um amiguinho sair da frente e desta vez levou um empurrão da Débora Aparecida, que foi apoiada pelos demais.

4º Momento:

Fizemos um círculo e conversamos sobre a importância de estar atento nas atividades a fim de não atrapalhar o desempenho dos outros. Fizemos comparações com o cotidiano, quando às vezes fazemos coisas sem pensar, tendo que sofrer as conseqüências. Recordamos a história do “Rei e seu Falcão”, com a importância de controlarmos as nossas emoções.

26ª SESSÃO - 22 de setembro (3ª feira)

1º Momento:

Fizemos um círculo e iniciamos a sessão contando a história “A Lenda e a Concha”, que tem por objetivo mostrar que todo ato caridoso constitui a própria recompensa.

Ouviram com atenção, e pelas observações notou-se que entenderam a mensagem que se queria passar.

2º Momento:

Foram distribuídos instrumentos musicais para que explorassem os sons.

Escolhemos uma música no rádio e deveriam acompanhar o ritmo com os instrumentos. Os instrumentos foram trocados entre eles. Pareciam se divertir.

3º Momento:

Explicou-se que faríamos a atividade “O que é, o que é?”, utilizando os instrumentos musicais.

Pediu-se que ficassem virados para a parede, e de costas para nós. Colocamos alguns instrumentos dentro de uma caixa, e quando tocados, teriam que adivinhar qual era. A turma foi separada em duplas. Foi uma atividade fácil para eles, porque no bairro sempre há algum pagode, onde crianças e adultos participam ou pelo menos convivem com a música.

27ª SESSÃO- dia 24 de setembro (5ª feira)

1º Momento:

Iniciou-se com o Exercício 2 de visualização.

Nos comentários, percebeu-se que, novamente, seus momentos felizes estavam ligados a coisas materiais, como brinquedos, por exemplo.

A conversa foi direcionada para outros bens não materiais, como a paz na família, a harmonia, o amor entre as pessoas, e pedimos que desta vez tentassem imaginar momentos felizes que envolvessem sentimentos, amizade, emoções.

Disseram que seus pais pararam de brigar, falaram de seu cachorro, de um lugar onde ninguém era perigoso e podiam brincar a vontade e todo mundo era bonzinho. Outros continuavam incluindo sorvetes, chocolate, etc

2º Momento:

Fomos para o parque, sentamos numa sombra encostados numa parede. Foi pedido que observassem o céu: o desenho das nuvens e os vários tons de azul e branco.

Ficaram olhando atentamente e enxergaram homens, crianças, animais. Também notaram que umas nuvens eram mais claras que outras.

Sugerimos que à noite olhassem para o céu e vissem como ele é diferente do céu diurno.

3º Momento:

Foi solicitado que andassem pelo parque e observassem as plantas. Pegaram folhas e galhos e novamente comparamos umas com as outras, buscando suas diferenças. Comparamos diferentes folhas de grama, mostrando como, mesmo em se tratando de grama, há diferenças entre elas.

28ª SESSÃO- dia 28 de setembro (2ª feira)

1º Momento:

Fomos para o parque e foi pedido que observassem a diferença entre as pedras e a terra do parque. Acharam terra mais escura, areia, pedras diversas e trouxeram até um grilinho.

Sugeriram então que podíamos ver a diferença entre os grilos. Pegamos uma caixa alta, colocamos alguns grilos e, depois de compará-los, os soltamos na grama novamente, explicando que cada coisa tem seu papel na natureza.

2º Momento:

Sentamos em círculo e foi lembrado que nós também éramos diferentes uns dos outros, inclusive na maneira de sentir e agir.

Citaram diferenças entre a cor da pele e do cabelo, entre ser mais bonito ou mais feio, entre altura, gordura, bondade, inteligência, entre outras coisas.

3º Momento:

Conversamos sobre a importância de se respeitar essas diferenças.

29ª SESSÃO - dia 30 de setembro (4ª feira)

1º Momento:

Fizemos exercícios respiratórios e auto-massagem.

Pediram para fazer o trenzinho, para um fazer massagem no outro. A monitora deles veio participar. Todos queriam ser massageados por nós e nos massagear. Para tanto, fomos trocando de lugar e ficaram satisfeitos. Alguns ainda sentiam cócegas durante a massagem e riam muito durante a atividade.

2º Momento:

A estória escolhida foi “A Cinderela Indígena”, que mostra como a honestidade é recompensada e a falsidade punida.

Tentaram dar vários exemplos de honestidade, com acerto e bom discernimento. Citaram casos de ladrões e traficantes do bairro, e até de familiares presos .

OUTUBRO

30ª SESSÃO - dia 6 de outubro (3ª feira)

1º Momento:

Foi aplicado o teste de “Visualização 1 “. Porém, desta vez, foi colocada uma jarra de vidro com água.

Falaram sobre o brilho da água, as bolhinhas que viam dentro, as cores que se refletiam no vidro , etc. Foram distribuídos copinhos e cada um bebeu um gole dessa água, sob pedido de prestarem atenção nessa água entrando em seus corpos e limpando tudo, deixando só coisas boas.

2º Momento:

Passamos para o exercício de ‘Visualização 3”, no qual devem imaginar que são admirados cada vez por um número maior de pessoas. Foi falado bem baixinho e pareciam muito concentrados.

Nos comentários a maioria se viu como se fosse cantor, ou trabalhasse na televisão e disseram achar gostoso ser importante.

3º Momento:

Fizemos o exercício “ A Chuva”. Acompanharam os gestos corretamente, interessados em saber se estavam se saindo bem.

Fizemos o exercício “ A Chuva”. Acompanharam os gestos corretamente, interessados em saber se estavam se saindo bem.

A resposta foi afirmativa e ficaram muito contentes.

31ª SESSÃO - dia 8 de outubro (5ª feira)

1º Momento:

Iniciou-se a sessão no final da tarde. Fomos para o parque, sentamos lado a lado, voltados para o sol e estendendo as mãos em direção a ele. Fechamos os olhos e foi solicitado que imaginassem que o calor do sol estava entrando por suas mãozinhas e lhes percorria todo o corpo, trazendo saúde e muita paz. Depois foi pedido que imaginassem que estavam recebendo um grande abraço do sol e que o abraçassem também. Repetimos essa atividade três vezes.

2º Momento:

Mudamos para o exercício de “Visualização 4” que tem por objetivo buscar a energia da terra e do cosmos.

No comentário disseram que este exercício dava preguiça, moleza, sono, etc.

3º Momento:

Pediram para pegar grilinhos, para vermos se já tinham crescido. Pegavam com cuidado para não os machucar. Depois de os observarmos, soltamos os grilinhos na grama novamente.

32ª SESSÃO - 19 de outubro (2ª feira)

1º Momento:

Foi feita uma sessão com argila. Sentamos no fundo da escola e foi pedido que sentissem a consistência da argila e que fizessem o que tivessem vontade.

Fizeram panela, rosa, o falcão, a cara do monstro, o sol, etc. Parecia

que estabeleceram um elo com as atividades que já haviam sido trabalhadas, tentando agradar.

Algumas coisas não se pareciam com nada, mas tinham sua história.

Colocamos as peças para secarem ao sol.

2º Momento:

Combinamos que no próximo encontro pintaríamos as peças e eles poderiam levá-las para casa.

33ª SESSÃO- dia 22 de outubro (5ª feira)

1º Momento:

Enquanto estavam fazendo atividades com a professora, foi feita nova sessão de fotos. Depois fomos para o pátio, fizemos exercícios respiratórios e repetimos o exercício de Visualização 4.

Guilherme parecia não conseguir se concentrar. Pedi para que sentasse ao meu lado e repetimos o exercício.

2º Momento:

Fizemos a auto-massagem e depois a massagem um no outro em trezinho.

Novamente todos queriam ser o primeiro a ser massageado. Iniciou-se o trabalho e tudo ficou organizado. Não demonstraram sentir cócegas.

3º Momento:

Passamos para a pintura das peças de argila.

34ª SESSÃO-dia 26 de outubro (2ª feira)

1º Momento:

A atividade trabalhada inicialmente foi “Não Posso Enxergar”. Com a ajuda da professora e da monitora levamos o grupo para uma área do parque, vendamos os olhos das crianças e espalhamos nessa área estopa, pedrinhas de gelo, e molhamos alguns lugares. Fomos orientando, quando havia um arbusto ou algum brinquedo no caminho, como balança, escorregador, pneu. Pediu-se que sentissem cada situação.

Andavam com muita cautela e ficavam assustados quando pisavam em algo diferente. Iam falando em voz alta o que achavam que era e de vez enquanto tentavam tirar a venda.

Gostaram da atividade e revelaram que tinham medo, que não gostariam de não enxergar, que tudo fica muito diferente quando não se pode ver.

2º Momento:

Sentamos em círculo e passamos para o exercício de "Visualização 5", onde criamos um ambiente confortável para nós.

Ao terminarmos, pareciam ansiosos para contar como era o seu lugar. Foi pedido que prestassem atenção no lugar que o coleguinha havia criado. Alguns eram bem semelhantes.

Foi explicado que poderiam pensar nesse lugar antes de dormir, ou quando estivessem chateados, e que cada vez poderiam criar mais coisas no local para que ele ficasse mais gostoso ainda. O lugar, porém, teria que ser sempre o mesmo.

35ª SESSÃO- dia 28 de outubro (4ª feira)

1º Momento:

Conversamos sobre o lugar que haviam criado, verificando se haviam realmente pensado nele. Guilherme, Jefferson, Débora Maria e Cleiciane disseram que esqueceram de fazer o exercício.

Outros tinham ido uma vez. Juliana, Amanda e Ana disseram que tinham visitado seu lugar especial e mudaram alguma coisa, só que dormiram antes de poder fazer o resto.

Estendemos os colchõezinhos e repetimos esse exercício, solicitando que formassem duplas. Cada um contaria para o outro como era o seu lugar.

2º Momento:

A atividade sugerida foi o "Vai-e-Vem". Divertiram-se muito, embora um pouco inseguros a princípio.

3º Momento:

Usamos a atividade "Arrumar a Casa do Monstro" para arrumarmos a sala.

Era notório que estavam ficando mais unidos, e no final foram elogiados por isso.

NOVEMBRO

36ª SESSÃO- dia 4 de novembro(4ª feira)

1º Momento:

Pediram que fosse repetido o exercício “Vai e Vem”.

Distribuímos os colchõezinhos pela sala e se divertiram muito, mostrando que eram capazes de segurar seus colegas.

2º Momento:

Mudamos para o jogo “O Mergulho”. Apesar da insegurança inicial, passados alguns momentos estavam confiantes.

Houve esforço em parecerem responsáveis.

3º Momento:

Arrumamos a sala, novamente como se estivéssemos arrumando a casa do monstro, e fizemos um círculo para conversar. Foram elogiados pela participação, pela perseverança e pela cooperação. Disseram ser "legal" essas brincadeiras .

37ª SESSÃO - dia 6 de novembro (6ª feira)

1º Momento:

Fomos para o pátio, o dia estava meio nublado, mas mesmo assim dava para ver o sol. Sentamos voltados para ele e foi solicitado que fechassem os olhos e imaginassem esse sol nos enviando uma luz dourada que entrava pelo alto de nossa cabeça, iluminando todo o nosso corpo, trazendo coisas boas e retirando de nós todas as coisas que nos deixavam tristes ou com raiva.

Ficamos assim, por algum tempo. Depois tinham que imaginar que recebiam um grande abraço do sol.

2º Momento:

Foi pedido que respirassem lenta e profundamente. Passamos para o exercício de “Visualização 6”, onde devemos nos imaginar numa situação feliz e depois nos ver dentro de uma bolha cor-de-rosa que vagueia pelo universo, captando energias positivas.

Deram um risinho, estranhando o pedido. O Emerson observou que cor-de-rosa é coisa de mulherzinha. Outros concordaram. O Julio disse que pensaria na cor azul. Outros meninos aderiram.

Tivemos que interromper a sessão para explicar que no que estava sendo trabalhado o cor-de-rosa era a cor do coração e que nos trazia boas energias, que o azul era associado à calma e assim por diante. Foi explicado também que pensar em coisas que queremos, como se já tivesse acontecido, ajuda-nos a realizar o nosso desejo.

Pareciam entender e concordaram.

Iniciamos novamente o exercício e pareciam compenetrados. Foçavam os olhos como que para ver melhor.

Depois alguns queriam contar o que tinham visto lá de cima. Jefferson falou que estava dormindo e não viu nada e assim por diante.

Foi sugerido que fizessem esse exercício em casa, antes de dormir.

3º Momento:

Contou-se a estória “O Lenhador Honesto”. Ouviram com atenção e pediram para repetir a estória do “Menino Herói”. Lembraram que o título era “O Pequeno Herói da Holanda”.

Conversamos novamente sobre a perseverança e a honestidade.

38ª SESSÃO- dia 9 de novembro (2ª feira)

1º Momento:

Introduziu-se o exercício “Passa e Repassa”.

Treinamos primeiramente os que estavam meio distraídos. Estes, censurados por aqueles que estavam atentos, finalmente começaram a prestar atenção, e então iniciamos pra valer.

Repetimos o exercício, mais uma vez.

2º Momento:

Sugeriram que brincássemos de “A Mulher que o Trem Pegou”.

Fizeram muita farra e deram boas risadas.

3º Momento:

Para que descansassem, fizemos um círculo e praticamos a atividade “O Homem de Neve”.

Após a atividade, Ana perguntou se estavam bonzinhos. Foi feito um elogio para cada um e observou-se que alguns interrompiam, dizendo que esse ou aquele só era bonzinho comigo, relatando fatos que demonstravam o contrário.

Direcionou-se a conversa para outro lado, com o intuito de fazer com que percebessem o lado positivo do outro e avaliassem em que pontos eles mesmos haviam melhorado. Lembramos que, se nos lembrássemos da estória do falcão e da perseverança, a cada dia nos tornaríamos melhores.

39ª SESSÃO-dia 11 de novembro (4ª feira)

1º Momento:

Trabalhamos com a atividade “Se não enxergássemos”, desta vez na sala de aula.

Observaram que o armário de ferro e o vidro eram frios, que a mesa dos professores é de madeira, as caixas comuns, de papelão.

Souberam distinguir quando pisaram em cobertor ou colchõezinhos que havíamos espalhado pela sala. Quando esbarravam em um de seus colegas, tentavam descobrir quem era.

Explicou-se que essa era uma outra maneira de se ver as coisas: não com os olhos e sim pelo nosso tato e também que , pelo tato, percebemos coisas que não podem ser sentidas sem que as toquemos.

2º Momento:

Aproveitou-se o momento para trabalhar com “O Que É, O Que É?”.

Separou-se a turma em duplas, e cada dupla que estivesse com os olhos vendados tinha que adivinhar o som que o amigo fazia ao bater em

objetos da sala de aula.

Os que esperavam sua vez, tiveram que se conter para não revelar o som produzido.

Descobrir o som da porta do armário de ferro foi, sem dúvida, o mais fácil.

Foi explicado que essa era também uma outra maneira de se perceber as coisas: através do som.

40ª SESSÃO- dia 17 de novembro (3ª feira)

1º Momento:

Iniciamos nossa sessão com o exercício “Chamada da Força”. Sentamos no parque e voltados para o sol e depois fizemos a “A Duplicação da Energia”.

Primeiramente foi pedido que me observassem, depois que me imitassem e por fim que o fizessem sem abrir os olhos.

Repetimos o exercício. Pareciam entender o objetivo, não necessitando de fazer perguntas. Davam a impressão de que viam essa atividade como uma prece.

2º Momento:

Passamos a observar as nuvens. Tentavam mostrar para os outros o que estavam vendo e ficaram entretidos com suas visões.

3º Momento:

Fizemos um semi-círculo e brincamos de “O Espelho”, só que, desta vez, tinham que imitar aquele que estivesse na frente.

Alguns tiveram dificuldade em esperar sua vez. De vez em quando, reclamavam de um amigo que fazia os gestos muito rápido.

41ª SESSÃO - dia 19 de novembro (5ª feira)

1º momento:

Fizemos uma retrospectiva do que havíamos trabalhado, do que tinham gostado mais, do que tinham aprendido, e comentamos sobre situações em que deveriam aplicar esta ou aquela técnica.

A conversa foi longa e a cada momento lembravam de mais e mais detalhes.

2º Momento:

Foi sugerido que encerrássemos a sessão com uma auto-massagem. Concordaram e, quando terminamos, disseram que faltava a massagem de trezinho, da qual gostavam muito.

42ª SESSÃO - dia 25 de novembro (4ª feira)

Encerramento da atividades

Encerramos nossas atividades com as crianças, tirando novas fotos Kirlian, prometendo voltar algumas vezes, agradecendo a participação de todos.

Houve momentos de muita emoção, pois havíamos criado laços fortíssimos de camaradagem e ternura.

ANEXO 2

QUESTIONÁRIOS

1- QUESTIONÁRIOS APLICADO AOS COLABORADORES DA UNIDADE

1.1- FASE INICIAL

COLABORADORA: _____

1) Quais os comportamentos desejáveis para as crianças, de um modo geral, para se ter um convívio razoável no mundo em que vivemos?

2) Como agem essas crianças em relação ao monitor, professor e as autoridades de um modo geral?

3) Como agem em relação aos seus coleguinhas?

4) O que poderíamos trabalhar para torná-las melhor?

(afetividade, disciplina, compaixão, honestidade, lealdade, amizade?,

Por quê?)

outros:

5) Relate de um modo geral como são essas crianças.

1.2- FASE FINAL

COLABORADORA: _____

1) Notou-se alguma melhora no comportamento das crianças, em relação ao monitor, professor e autoridade em geral?

2) E em relação aos seus coleguinhas?

3) Em relação a afetividade, disciplina, compaixão , honestidade e amizade, pôde ser observada alguma mudança?

4) As atividades extra trabalhadas. De alguma forma, contribuíram para um melhor rendimento escolar?

2-QUESTIONÁRIO - PAIS

1) Notou alguma diferença em seu filho no que se refere a :

	melhorou	continua na mesma	piorou
agressividade	-----	-----	-----
ansiedade (angústia, irrequietos)	-----	-----	-----
afetividade (colegas, em casa, etc.)	-----	-----	-----
atenção	-----	-----	-----
educação	-----	-----	-----

2) Foi solicitada a sua presença na escola, por indisciplina, agressão de seus filhos no início do ano?

Sim não

E nessa último semestre?

Sim não

3) Como se comportam quando querem algum brinquedo, alguma roupa ?

Sabem esperar? Sim não

Esperneiam, choram? Sim não

Melhoraram nesses últimos meses? Sim não

4) Gostam de vir para a escola?

5) Bimestralmente os trabalhos feitos em sala de aula são enviados para casa. A senhora examina os trabalhos, notou alguma melhora?

3-CONCEITOS ATRIBUÍDOS NO INÍCIO E FINAL DA PESQUISA-

2º COLABORADORES

Colaboradora _____ Aluno _____

a) Respeito às autoridades em geral:

inicial- A B C D final- A B C D

b) Aos colegas:

inicial- A B C D final- A B C D

c) Atitudes agressivas:

inicial- A B C D final- A B C D

d) Disciplina, respeito as regras:

inicial- A B C D final- A B C D

e) Afetividade, compaixão, amizade, honestidade:

inicial- A B C D final- A B C D

f) Valores espirituais:

inicial- A B C D final- A B C D

g) Capacidade de cooperação:

inicial- A B C D final- A B C D

h) Concentração:

inicial- A B C D final- A B C D

i) Rendimento escolar:

inicial- A B C D final- A B C D